

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS SOCIEDADES IBÉRICAS E
AMERICANAS

MARCIA RAQUEL DE BRITO SARAIVA

**PINDURICALHOS DA MEMÓRIA: USOS E ABUSOS DOS OBELISCOS NO
BRASIL (SÉCULOS XIX, XX E XXI)**

Porto Alegre

2007

MARCIA RAQUEL DE BRITO SARAIVA

**PINDURICALHOS DA MEMÓRIA: USOS E ABUSOS DOS OBELISCOS NO
BRASIL (SÉCULOS XIX, XX E XXI)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades ibéricas e americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos.

Porto Alegre

2007

MARCIA RAQUEL DE BRITO SARAIVA

**PINDURICALHOS DA MEMÓRIA: USOS E ABUSOS DOS OBELISCOS NO
BRASIL (SÉCULOS XIX, XX E XXI)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades ibéricas e americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos.

Aprovada em _____ de março de 2007 pela Banca Examinadora

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos (Orientadora) – PUCRS

Profa. Dra. Elisabeth Rochadel Torresini – PUCRS

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira – UFPEL

*Não gosto de arquitetura nova
porque arquitetura nova não faz casas
velhas.
Não gosto das casas novas
Porque as casas novas não têm
fantasmas.
E quando digo fantasmas
Não quero dizer essas assombrações
vulgares,
Que andam por aí (Mario Quintana)*

AGRADECIMENTOS

Durante a realização desta pesquisa, formou-se uma rede de colaboradores, os quais preciso agradecer.

A CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado, sem a qual não teria sido possível realizar a pesquisa.

A Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos, pela excelente orientação, pelo incentivo, por sua paciência e disposição, por sua compreensão, por acreditar na minha capacidade e pela oportunidade de trabalhar com um tema pioneiro e fascinante.

A todas as Secretarias de Educação, de Cultura e de Turismo, Museus, Casas de Cultura, Ouvidorias e demais estabelecimentos que responderam às nossas correspondências, permitindo a realização desta pesquisa.

A todas as pessoas que contribuíram com informações sobre os obeliscos, pois se torna difícil citar todos os nomes, embora seja impossível esquecer de alguém.

À Direção do Instituto de Educação General Flores da Cunha e às professoras Andréa Fraga, Eliane Costa e Cláudia Medeiros, pela realização dos questionários.

À Direção da Escola Técnica Dimensão pelo apoio e pela realização dos questionários.

Aos Professores Dr. Fábio Vergara Cerqueira e Dra. Elisabeth Rochadel Torresini, por aceitarem constituir a Banca Examinadora.

Ao grupo CEJHA, pela colaboração, oportunidades e convívio, especialmente à Ana Paula e Karine.

Aos funcionários da PUCRS, em especial a Carla e ao Davi do Programa de Pós-Graduação em História.

Aos professores do curso de Pós-Graduação em História.

Ao Prof. Dr. Arnoldo Doberstein, pela colaboração e pelo incentivo.

A Carla e Roberta, pelo carinho e amizade.

Aos meus pais, Jair e Olívia, pelo apoio, pela preocupação e pelo carinho.

Jarbas, Jader, Andréa e Ana Paula, pelas horas que passaram me ouvindo e me incentivando, e por suas colaborações; Nathalie, pela colaboração, pela paciência, pela disposição e por me incentivar sempre.

A Nelson, Lenara e família, pela colaboração, pelo carinho e pela valorização.

Por fim, ao Vinicius, pelo início e pelo fim deste trabalho, por dar sentido a tudo isto, por me esperar, e por ser, sempre, meu porto seguro.

RESUMO

A presente dissertação trata das apropriações feitas dos obeliscos no Brasil, a partir de um levantamento quantitativo da existência deste tipo de monumento no país. São 188 obeliscos localizados em 20 diferentes Estados. Este número revela uma participação significativa deste monumento na construção da história nacional, enquanto guardião da memória de personagens e de fatos destacados a partir de um imaginário coletivo.

ABSTRACT

This dissertation treats about appropriations done of obelisks in Brazil, through a quantitative research of the existence of this kind of monument in our country. There are 188 obelisks located in 20 different states. This number shows a significative participation of this kind of monument in the building of our national history, while guardian of personalities and facts memories from the collective imaginary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 – OBELISCOS – SENTIDOS ANTIGOS E MODERNOS.....	23
1.1 Características que dificultam descobrir os sentidos dos obeliscos.....	29
1.2 - O obelisco e a questão da memória.....	31
2 - OBELISCOS – GUARDIÕES DA HISTÓRIA GAÚCHA.....	45
2.1 - Obelisco e o imaginário.....	46
2.2 - O obelisco: sua a inserção na literatura e no cinema.....	58
2.2.1 - O obelisco e a literatura	59
2.2.2 - O obelisco e o cinema.....	66
2.2.3 – O obelisco: outros usos.....	71
2.3 - O obelisco: o Rio Grande do Sul e a Revolução Farroupilha.....	77
2.4 - O obelisco: o monumento e a identidade.....	97
2.5 - O monumento hoje.....	105
3 - OS OBELISCOS NO BRASIL.....	114

3.1 - Os obeliscos no Rio Grande do Sul.....	114
3.1.1 Obeliscos no Rio Grande do Sul, exceto Porto Alegre:.....	116
3.2 - Obeliscos nos demais estados brasileiros.....	116
3.2.1 Santa Catarina	116
3.2.2 Paraná	116
3.2.3 São Paulo.....	117
3.2.4 Amapá	117
3.2.5 Distrito Federal	118
3.2.6 Sergipe.....	118
3.2.7 Minas Gerais.....	118
3.2.8 Rio de Janeiro.....	119
3.2.9 Pernambuco.....	119
3.2.10 Piauí	119
3.2.11 Mato Grosso.....	120
3.2.12 Bahia	120
3.2.13 Acre.....	121
3.2.14 Mato Grosso do Sul	121
3.2.15 Espírito Santo.....	121
3.2.16 Pará	121
3.2.17 Rio Grande do Norte.....	122
3.2.18 Paraíba.....	122
3.2.19 Alagoas	122
3.3 Obeliscos brasileiros: classificação.....	123
CONCLUSÃO	193
ANEXOS.....	197
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	224

INTRODUÇÃO

As cidades são as paisagens contemporâneas¹. Essa contemporaneidade calca-se em elementos que, embora presentes, não são atuais. Exemplo disso são os prédios antigos, ruas, praças e monumentos que, muitas vezes, passam despercebidos a um olhar habitualmente alheio a sua presença. Esse cenário silencioso, mas vivo, deveria provocar um diálogo com o observador, o que raramente ocorre. Quando acontece a comunicação entre os objetos do cenário e seu observador, o diálogo permeia, com certeza, a importância e o testemunho dos fatos e personagens que, de algum modo, outrora influenciaram ou produziram a história em seus respectivos lugares.

Os monumentos, portanto, são marcas, indícios, escolhas feitas e portadoras de sentido, informação e propósito. São heranças — patrimônio — que ajudam a construir a nossa história, ou parte dela.

Nelson Peixoto, assim se refere às paisagens urbanas:

Cidades de histórias, dotadas do peso e da permanência das extraordinárias paisagens. Horizontes de pedra, onde o mais moderno convive com a decadência, o futuro com a

¹ PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

antiguidade. Um solo arcaico, juncado de vestígios e lembranças. Visões da cidade como um sítio arqueológico. (PEIXOTO, 2004:13).

Partindo-se do pressuposto de que deva haver uma interlocução entre os cenários urbanos e seus observadores, questiona-se:

Como acontece, hoje, a relação entre o observador e o monumento?

Antes de analisar essa questão, recorre-se a um breve histórico sobre a existência de monumentos e sua catalogação em Porto Alegre.

Na década de 1960, Riopardense de Macedo fez apontamentos e analisou os monumentos públicos na capital gaúcha.

Em seu estudo intitulado *Normas Gerais para Levantamento e Estudo dos MONUMENTOS E MARCOS COMEMORATIVOS das Praças e Parques de Porto Alegre*² divulgou um levantamento quantitativo das esculturas públicas da cidade, dividindo as peças em quatro grupos, estabelecendo para o seu fichamento técnico:

- 1 - Fontes, chafarizes e lagos;
- 2 - Monumentos e Estátuas eqüestres;
- 3 - Bustos, Hermas e Esculturas;
- 4 - Obeliscos e Marcos comemorativos.

Na classificação de Macedo, o obelisco foi considerado obra ímpar, catalogado junto a outro tipo de monumento. A proposta do projeto apresenta todas as classificações e critérios adotados para o levantamento e retrata a seriedade com que Macedo trata a temática. O autor finaliza, dizendo:

[...] Como se vê, a parte do levantamento necessário a este programa [...] já representa um trabalho de grande utilidade para a administração da cidade e para finalidades de ordem turística e didática. Os itens 15º e 16º se referem a trabalhos necessários para defender a cidade de peças de mau gosto e evitar a concentração delas em poucos espaços centrais, deixando os demais vazios do enriquecimento que elas proporcionam. O início do programa interessa aos historiadores, e o restante vai ser

² ARQUIVO HISTÓRICO MOISÉS VELHINHO. Conforme documento encontrado na Caixa 1 - Monumentos.

importante para os profissionais de áreas plásticas, da arquitetura, de urbanismo e de paisagismo (MACEDO, 1967)³.

Macedo também chamou a atenção para a existência de diferentes finalidades de um mesmo monumento, o qual, às vezes, homenageava inúmeros fatos e personagens. Essa prática bastante utilizada também se evidenciou no presente estudo, constatando-se, no decorrer da pesquisa, que grande parte dos obeliscos representa mais de uma memória.

Considerando a importância da construção de um cadastro geral de monumentos da cidade de Porto Alegre, o professor Macedo escreveu:

Como já dissemos, muitas vezes o grau de significação (significância) e o de informação (informância) são baixíssimos e então, diante da peça, nos perguntamos: Por que terão construído este monumento? Ou então: o que quer dizer isto? (...) Outras vezes tivemos dificuldade para escolher a evocação que deveríamos eleger num determinado monumento. O monumento a Julho de Castilhos é, também, um monumento à República e não deixa de sê-lo, também, à Revolução Francesa (no topo do obelisco figura a data de 1789). Na Avenida Sepúlveda, a Colônia Portuguesa, através de um obelisco homenageia a Revolução Farroupilha e, ao mesmo tempo, José Marcelino de Figueiredo, o fundador da cidade; mais tarde os escoteiros ali colocaram uma placa homenageando-se a si mesmos e ao “centenário” de Porto Alegre. Afinal: Que evocação se deveria adotar? Usamos sempre o que nos pareceu original e intenção primeira⁴.

Em correspondência destinada ao Diretor da divisão de Cultura/SMEC, Sr. Luis Osvaldo Leite, em 1976, o professor Macedo, então responsável pelo Arquivo Histórico de Porto Alegre, criticou com veemência a prática de uma segunda evocação (de homenagear muitas coisas, fatos, pessoas em um mesmo objeto) aos monumentos já consagrados, sugerindo eliminá-la ou regulamentá-la para:

...evitar que peças consagradas deste equipamento de comunicação visual se transformem em verdadeiras árvores de natal, repletas de penduricalhos que podem, eventualmente, significar desrespeito à intenção primeira e, principalmente,

³ Os itens citados pelo autor podem ser encontrados na íntegra no documento original.

⁴ Arquivo Histórico de Porto Alegre Moisés Vellinho. Caixa “Monumentos” – 1.

confundir o turista ou o próprio povo porto-alegrense no conhecimento da história rio-grandense...⁵

O objeto de estudo desta pesquisa é o obelisco, monumento que compõe o cenário da cidade, embeleza e contém significado. Usado no Antigo Egito para divulgar realizações de determinados personagens, em sua forma original aludia a um único agente da história. Quando outro assumia o poder, as referências antigas eram apagadas e substituídas por novas, continuando com a função de carregar uma só memória.

Numa alusão à linguagem usada pelo poeta Mario Quintana, pretende-se entender quais os “*fantasmas*” que assombram os obeliscos, quais as memórias presentes nessas construções originadas no seio da antiguidade Egípcia.

*“Não gosto de arquitetura nova
porque arquitetura nova não faz casas velhas.
Não gosto das casas novas
Porque as casas novas não têm fantasmas.
E quando digo fantasmas
Não quero dizer essas assombrações vulgares,
Que andam por aí”* (QUINTANA. A lira dos quintanares).

O Antigo Egito fascina estudiosos de sua história, seja a respeito de seus mitos, de sua escrita, de seus governantes, ou de suas magníficas construções. Essa civilização resistiu a invasões, saques, ao tempo, ao esquecimento e, ainda hoje, proporciona olhares novos e instigantes sobre os diferentes aspectos de sua cultura⁶.

⁵ Idem: correspondência. (os monumentos usados para exemplificar tal prática são o monumento ao Rio Branco, frente ao antigo prédio dos Correios e Telégrafos e o Monumento a Sepúlveda, frente ao portão central do cais).

⁶ O fascínio pelo Egito antigo também me atingiu, a exemplo de Margaret Marchiori Bakos, pioneira no estudo de Egíptomania no Brasil. É ela quem primeiro atenta para as reutilizações dos elementos egípcios dentro do território brasileiro. Em 1987, na University College London, onde tem início sua formação sobre Egito Antigo, Bakos percebe que o seu interesse sobre o assunto⁶ causa estranhamento: o que leva uma brasileira a interessar-se pela antiguidade egípcia? A partir de então, inicia um longo período de estudos para responder à indagações dessa pesquisa que, atualmente, conta com membros espalhados por todo Brasil, sob sua coordenação.

Interessei-me pelo projeto *Egíptomania no Brasil Séculos XIX e XX*, elaborado por Bakos e fomentado pelo CNPq, contando com auxílio de pesquisadores no Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do

Conforme Margaret Marchiori Bakos, o gosto pela cultura egípcia no Brasil iniciou com os monarcas portugueses que deixaram no país uma grande coleção de peças egípcias, considerada por Kitchen a maior e mais importante da América do Sul (BAKOS, 2004. p. 17). O livro organizado por Bakos, *Egiptomania – O Egito no Brasil*, divulgou resultados de extensa e pioneira pesquisa sobre essa prática denominada Egiptomania, reunindo textos de diversos autores interessados na reutilização de artefatos originados no Egito Antigo. Desse modo, a investigação aqui apresentada resultou de um estudo que realizei, originado das indagações feitas no bojo do projeto de Egiptomania no Brasil, e tem como objeto de estudo, o obelisco.

A pesquisa sobre esse monumento iniciou com Bianca Hennies Brigide, bolsista PIBIC/CNPq (2002) em um levantamento parcial sobre a existência de obeliscos no Rio Grande do Sul, registrando a existência de 29 obeliscos em 16 localidades diferentes⁷.

Mediante duas Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq (2003), a busca de dados passou a ser realizada em todo o território brasileiro. Em 2004, os resultados constaram na monografia intitulada *Obeliscos Egípcios: História e Transculturação*, somando um total de 114 monumentos encontrados em 19 Estados.

Norte, Paraná e Rio Grande do Sul. A pesquisa sobre a existência de obeliscos no Brasil pertence, portanto, a esse projeto de pesquisa maior, *Egiptomania no Brasil*.

Em 1995 iniciou, na PUCRS, a Jornada de Estudos do Oriente Antigo, que completou, este ano, sua XII edição. Criada e coordenada, desde a primeira edição, pela Dra. Margaret Bakos, o evento caracteriza-se pela exclusividade com que aborda os mais diversos estudos, a nível nacional, sobre o Oriente Antigo, incluindo tema da Egiptomania. Na X Edição da Jornada contamos com a ilustre presença do Professor Jean-Marcel Humbert, um dos mentores do conceito Egiptomania.

Além da Jornada de Estudos do Oriente Antigo, existe ainda o CEJHA (Centro de Estudos e Jornada de História Antiga), cujo primeiro encontro data de 08 de outubro de 2003. Este grupo reúne alunos que se interessam pela pesquisa de Egiptomania nos mais diferentes aspectos: monumentos, música, imaginário, etc. Fizeram parte dele, na sua formação, as alunas Bartira Machado da Silva, Flávia G. M. Dexheimer e Marcia Raquel de Brito Saraiva. Atualmente, participam dos encontros, que acontecem mensalmente, os alunos Ana Paula de A. L de Jesus, Egiselda Brum Charão, Karine de Lima da Costa, Marcelo do Nascimento Silva, Marcia Raquel de Brito Saraiva, Otávio Zalewski Vargas, entre outros. Os eventos abordam diferentes temas que são discutidos por todos os participantes, buscando sempre o conhecimento e a atualização dentro dos temas de pesquisa que pertencem ao projeto de Egiptomania no Brasil, e temas afins.

⁷ BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e sistematização de obeliscos existentes no Rio Grande do Sul*. Relatório Final de Atividades do Bolsista PIBIC – CNPq. Orientação: Margaret Marchiori Bakos. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

Já, fora do Brasil, os obeliscos aparecem, especificamente, nos estudos de Labib Habachi e Fekri A. Hassan.⁸

Habachi estudou os obeliscos egípcios desde a sua origem e significado até os achados de escavações atuais, para obter informações sobre os monumentos remanescentes da antiguidade. O autor relatou os motivos que levavam os egípcios a erguer esses monumentos e imprimir escritos encontrados naqueles que sobreviveram às intempéries, e que ainda mantêm seus textos originais. A partir de suas afirmações, o obelisco se revela um suporte de memória consagrado aos deuses e ao faraó.

Por sua vez, Hassan constatou a apropriação de obeliscos pelos governos imperialistas, relacionando o seu significado original com o significado atribuído em cada apropriação. Para esse autor, os obeliscos foram tratados e investidos de funções ideológicas conforme o período da história, mas continuam sendo um símbolo de dominação e hegemonia cultural.

O objetivo do presente estudo é entender a reutilização desses monumentos da Antiguidade Egípcia principalmente na atualidade brasileira; ou seja, as diferentes atribuições e formas que esse monumento foi adquirindo, ao longo de aproximados 5000 anos de existência.

Os marcos cronológico e de espaço se referem à presença de monumentos no Rio Grande do Sul, e pretende-se elucidar o histórico do monumento, no país, desde o primeiro obelisco construído e datado - obelisco do Chafariz das Saracuras, 1748⁹ - até o último de que se tem conhecimento - Réplica do Obelisco que homenageia o Acordo de Ponche Verde, 2004. Por não haver um modelo metodológico para constituir o corpus documental da pesquisa, realizaram-se várias formas de experimentos para obter informações:

⁸ HABACHI, Labib. *The Meaning of Obelisks*. IN: *THE OBELISKS OF EGYPT: Skyscrapers of the Past*. Edited by Charles C. Van Siclen III. London: J.M.DENT & SONS LTD, 1984.

HASSAN, Fekri A. *Imperialist Appropriations of Egyptian Obelisks*. IN: JEFFREYS, David. *Views Of Ancient Egypt Since Napoleon Bonaparte: Imperialismo, colonialism and modern appropriations*. London: UCL Press, 2003.

⁹ BAKOS, op. Cit. p. 60.

- 1 – Envio de carta às secretarias estaduais do País (de Cultura, Turismo e Educação)¹⁰;
- 2 – Envio de mensagens eletrônicas à Casas de Cultura, ouvidorias, Museus, ou outro contato com o qual se pudesse obter respostas ou, ainda, que fosse encontrado na internet;
- 3 - Pesquisas na Internet;
- 4 - Pesquisas em livros sobre municípios;
- 5 - Contatos com pessoas que moram em diferentes cidades;
- 6 – Visita a sítios onde existiam obeliscos¹¹;
- 7 – Colaboração de pessoas que viajaram e encontraram o monumento;
- 8 – Exame de filmes e documentários¹²;

¹⁰ No ano de 2003, em julho, foram enviadas as primeiras correspondências, endereçadas às Prefeituras das cidades de Porto Velho (RO), Manaus (AM), Imperatriz (MA), Fortaleza (CE), João Pessoa e Campina Grande (PB), Arapiraca (AL), Aracaju (SE), Salvador (BA), Cárceres, Rondonópolis e Campo Grande (MT), Dourados (MS), Belo Horizonte e Juiz de Fora (MG), Ribeirão Preto (SP), Petrópolis (RJ), Joinville, Curitiba, Foz do Iguaçu e Londrina (PR), Florianópolis (SC), Gurupá (PA), Rio Branco (AC), Recife (PE), Penedo (AL), Angra dos Reis, Macaé, Cabo Frio e Mangaratiba (RJ). Também para as secretarias de governo: Rio Branco (AC), Maceió (AL), Macapá (AP), Manaus (AM), Salvador (BA), Meirelles (CE), Vitória (ES), Recife (PE), Terezina e Parnaíba (PI), Rio de Janeiro (RJ), São Luis (MA), Cuiabá (MT), Campo Grande e Corumbá (MS), Belo Horizonte (MG), Belém (PA), João Pessoa (PB), Penedo (AL), Curitiba e Cascavel (PR), Florianópolis (SC), São Paulo (SP), Aracaju (SE), Natal (RN), Porto Velho (RO), Palmas (TO), Fundação Cultural do Mato Grosso, Distrito Federal, Espírito Santo. No Rio Grande do Sul, as correspondências foram destinadas às Secretarias de Turismo (SMT), Cultura (SMC), ou Prefeitura Municipal (PM): Pelotas (Dep. Turismo), Bom Retiro do Sul (PM), Não-Me-Toque (SMT), Santana do Livramento (SMT), Santiago (SMT), Passo Fundo (SMT), e para as Prefeituras de Caxias do Sul, Camaquã, Bossoroca, Aceguá, Água Santa, Agudo, Alecrim, Alegrete, Amaral Ferrador, André da Rocha, Anta Gorda, Antonio Prado, Araricá, Aratiba, Arroio do Sal, Arroio do Tigre, Arroio dos Ratos, Arroio Grande, Arvorezinha, Bagé, Balneário Pinhal, Barão, Barão do Cotegipe, Barra do Quaraí, Barra do Ribeiro, Barracão, Benjamin Constant, Boa Vista das Missões, Boa Vista do Buricá, Boa Vista do Sul, Bom Jesus, Bom Princípio, Bom Retiro do Sul, Boqueirão do Leão, Brochier, Butiá, Caçapava do Sul, Cacequi, Cambará do Sul, Campo Bom, Candelária, Canela, Carazinho, Carlos Barbosa, Casca, Cidreira, Cotiporá, Encantado, Estrela, Farroupilha, Feliz, Frederico Westphalen, Gramado, Guarani das Missões, Igrejinha. Em resposta, chegaram cartas das seguintes localidades: Ribeirão Preto, Salvador, Belo Horizonte, Terezina, Distrito Federal, Mangaratiba, Parnaíba, Paraíba, Natal, Manaus, Espírito Santo, Cuiabá – todas respondidas pelas Secretarias de Turismo ou Cultura; Fundação Franklin Cacaes (SC). No Rio Grande do Sul, responderam as secretarias das cidades de Caxias do Sul, Caçapava, Camaquã, Bossoroca, Cotiporã e Candelária. Por e-mail, correspondência de Arapiraca, Belo Horizonte (SME), Patrimônio Cultural de Foz do Iguaçu, Fortaleza, Fundação Gregório de Mattos (BA), Santa Catarina, Paraná (SEC), FUNCED (MG), Belo Horizonte (SMC), Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis, Paraíba (SEC), Juiz de Fora (Diretoria de Política Urbana), Tocantins (SEC), Agência Goiânia de Cultura, Patrimônio Histórico de Maringá, Macapá, Canela (SMT), Casca (SME), Cambará do Sul (SME), Gramado (SMT), Bagé.

¹¹ As cidades de Triunfo, General Câmara, São Jerônimo, Morro Reuter, Caxias do Sul, Novo Hamburgo, Rio Grande, Pelotas, Viamão, Capão da Canoa, João Pessoa, dentre muitas outras que foram visitadas.

¹² Os filmes foram assistidos sempre ao acaso. Deus é brasileiro, de Cacá Diegues, é o único filme nacional assistido onde aparece um obelisco localizado em Penedo, Alagoas. No cinema internacional, o obelisco aparece

9 – Estimulo ao interesse e à colaboração de pessoas, mediante convites pessoais em Jornadas, em encontros e até mesmo fora do meio acadêmico.

Toda e qualquer informação recebida sobre um monumento foi preciosa: desde a data de construção, o nome do construtor, as informações constantes nas placas (caso as possuíssem ou alguma grafia no corpo do monumento), a imagem e, principalmente, o motivo da sua construção.

Um exemplo do grau máximo das buscas efetuadas por obeliscos e de quão engajados se precisa estar nessa pesquisa foi dado por Margaret Bakos, em seu livro *Egiptomania no Brasil*. A autora conta sua experiência:

Como exemplo de como o acaso colaborou com nossa pesquisa, citamos o modo como foram encontrados dois chafarizes, construídos no século XVIII por Mestre Valentim, magníficos exemplos de reutilização de elementos da cultura egípcia no mobiliário urbano brasileiro. Em visita ao Rio de Janeiro, em 2001, foram avistados ao longe, do interior do táxi que me levava à Ipanema. O motorista deve lembrar, provavelmente, do tom emocionado com que pedi para que parasse o carro, para o necessário registro fotográfico da descoberta (BAKOS, 2004:57).

O mesmo tipo de acaso pode ser observado quando se vê em filmes monumentos dessa ordem, por exemplo, nos filmes *Deus é brasileiro*, de Cacá Diegues; *a Profecia – O início*; *Planeta dos Macacos*; *Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel*; *Código Da Vinci*; *Van Helsing*, entre outros.

No filme *Deus é brasileiro*, a cena em que aparece o obelisco é muito rápida e ele está num segundo plano, na rua por onde caminham as personagens. Há um diálogo entre Deus e o homem que vai acompanhá-lo durante sua *estadia* no local, e, sem dúvida, foi o anseio pela procura do monumento que me permitiu direcionar o olhar para o fundo da cena, completamente descomprometida com o enredo do filme.

nos filmes *O Código Da Vinci*, *o Exorcista III*, *Van Helsing*, *Senhor dos Anéis*, *Planeta dos Macacos*, *Independence Day*. Dentre os documentários que assisti, um dos mais recentes foi exibido no Fantástico, em 2006, tratando-se do obelisco da cidade de Pau de Ferros. O tema era sobre o problema de saúde gerado pelas minas locais, e o obelisco apareceu, rapidamente, num panorâmico sobre a cidade.

O fato de o obelisco ser o foco desta pesquisa propiciou o ato de vê-lo com mais frequência nos lugares mais variados, mas, certamente, esses monumentos passam despercebidos à maioria das pessoas que passam por eles. Isto porque, talvez, se negligencie a atenção ao que está ao redor ou porque essa mesma atenção se volte para o interesse imediato de outras questões. Além disso, o vocábulo obelisco raramente aparece na fala coloquial ou escrita, que não seja acadêmica ou a que trate de sua especificidade, sem contar a extensão territorial do Brasil e a parca inserção dos monumentos nas divulgações turísticas ou patrióticas.

Esses fatores, todavia, não dificultaram a pesquisa ora apresentada, servindo, sim, de impulsos para a busca de conhecimento desses obeliscos embora a grande distância entre um e outro, em um País continental do porte do Brasil.

O objeto de estudo é, por definição, um obelisco, um monumento. Esta premissa tornou necessário verificar qual a função atribuída aos monumentos nos diferentes espaços de convivência social nos quais se inserem.

Por sua vez, a fundamentação teórica elaborada pretendeu ser o lastro para dar suporte às questões propostas no início da pesquisa e subsidiar a escrita de uma dissertação, com autores que contemplam temáticas sobre os monumentos, a memória, o imaginário social, o patrimônio histórico, entre outros¹³.

Segundo Françoise Choay, um monumento significa mais do que um adorno. Ele encerra um ideal de preservação de memória e, mais que informar, ele ativa dados através da emoção revividos diante dele¹⁴. Portanto sua função está diretamente ligada à memória.

¹³ BAKOS, Margaret Marchiori, HUMBERT, Jean-Marcel, HASSAN, Fekri A. e HABACHI, Labib; IZQUIERDO, Iván e LE GOFF, Jacques; CHOAY, Françoise e FUNARI, Pedro Paulo; JACKS, Nilda; BACKZO, Bronislaw e CARVALHO, José Murilo; HELLER, Agnes; HOBSBAWN, Eric, CHARTIER, Roger, etc.

¹⁴ CHOAY, Françoise. *Introduction: Monument and Historic Monument*. IN: *The Invention of Historic Monument*. Tradução de Lauren M. O'Connell. Cambridge: University Press, 2001

A função do monumento, enquanto suporte da memória, é delegada a partir do coletivo. O imaginário social, segundo Baczko, é a elaboração da identidade de uma sociedade, sendo, ainda, uma das forças de domínio do coletivo. Constituindo uma ferramenta de controle da vida coletiva, o imaginário torna-se, também, um dos controladores do exercício da autoridade e poder¹⁵. Assim, percebe-se a importância de assimilar cada monumento construído como o suporte de uma memória que, além de preservada, precisa ser entendida.

Partindo-se desse pressuposto, é difícil não lamentar a má conservação de muitos dos monumentos existentes e o quase total desconhecimento da sua significação. Eles constituem parte importante do patrimônio histórico que, como explica Françoise Choay, é a expressão utilizada para designar um bem destinado ao usufruto de uma comunidade. A maneira com que se trata o nosso monumento deveria refletir essa inquietação, pois são artefatos que carregam em si elementos reveladores de uma sociedade e das questões relativas a sua história (CHOAY. 2001:11).

Salienta-se que a exclusividade dessa pesquisa sobre *Egiptomania* no Brasil e, no caso, sobre os obeliscos no país, provocou a necessidade de se obter explicações e referenciais até então inexistentes. Nesse momento se destacou a contribuição de Margaret Marchiori Bakos, estudiosa de relevância inquestionável do assunto, quando ela utilizou o conceito de transculturação¹⁶, da reutilização dos elementos egípcios por uma cultura que está “*a um oceano de distância do povo criador da mesma*”:

¹⁵ BACZKO, Bronislaw. *Imaginário Social*. In: *Enciclopédia Einaudi. Antropos-Homem*. (trad. Port.) Vila da Maia, Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985, V. 5

¹⁶ Fernando Ortiz ao fazer um estudo sobre Cuba e os diversos fenômenos que lá se originam, utiliza o termo *transculturação*. Ortiz entende que este termo “(...) expressa melhor o processo de transição de uma cultura para outra, porque este processo não consiste somente em adquirir uma cultura diferente, o que, a rigor, significa o vocábulo anglo-saxão *acculturação*, porém o processo implica também, necessariamente, na perda, desenraizamento de uma cultura anterior, o que poderia chamar-se de uma desculturação parcial, e além do mais, significa a criação conseqüente de novos fenômenos culturais, que se poderiam denominar neo-culturais. Enfim, como bem sustenta a escola de Malinowski, em todo enlace de cultura ocorre o mesmo que na cópula genital de

De fato, o gosto pela re/utilização de elementos da cultura egípcia antiga, no Brasil, chegou até nós vindo da África às Américas, ao sabor das etnias, de credos e de valores mundanos muito diferenciados. Tais práticas se constituem, além de exemplares únicos, em fragmentos preciosos de um fenômeno de transculturação de longa duração, que vem atravessando espaços oceânicos e continentais em um movimento contínuo e intermitente: a apropriação, por outras culturas, de elementos do antigo Egito. Elas demonstram que a civilização ocidental foi construída tomando algumas peças de empréstimo ao oriente, ainda que o mosaico resultante fosse sempre diferente, essencialmente ele era o mesmo”.

“(…) É que essa última (a Egiptomania) não condiciona a apropriação de elementos do Antigo Egito, ao conhecimento específico e erudito de seu significado original, à época de sua criação, mas à sensibilidade daqueles que a utilizam, seja para expressão artística, seja para a venda de algum produto.¹⁷

A questão mais intrigante durante o levantamento de obeliscos foi a descoberta de que eles podiam ser concebidos , em seu formato, diferentes do módulo padrão utilizado na Antiguidade. Alguns até suscitaram dúvida sobre a apropriação de sua indicação, mas a visão analítica de Margaret Bakos proporcionou o direcionamento da pesquisa aqui apresentada.

Sob essa mesma orientação propõe-se as reflexões a seguir, na tentativa de entender a re-apropriação dos obeliscos no território brasileiro, tendo como norte Agnes Heller, em seu livro *Uma Teoria da História*¹⁸, quando diz:

Toda recordação que passou é uma interpretação: reconstruímos nosso passado. As experiências que tivemos, nossos interesses, sinceridades e insinceridades, tudo isto modifica aquilo que reconstruímos, o modo pelo qual fazemos e o tipo de significação que atribuímos ao passado reconstruído. Em síntese, mudamos nosso passado através de uma interpretação seletiva. (HELLER, 1993. p. 53)

À luz do pensamento de Heller, analisam-se os dados obtidos, a partir de uma leitura ancorada na compreensão de suas origens, nas construções egípcias, a fim de entender os

indivíduos: a criança sempre tem algo de seus progenitores, mas sempre algo diferente de cada um dos dois na sua totalidade, o processo é transculturação, e esse vocábulo compreende todas as fases da parábola” . ORTIZ, Fernando. *Do fenômeno social da transculturação e sua importância em Cuba*. Tradução: Livia Reis. In: *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983.

¹⁷ BAKOS, Margaret Marchiori. *O Egito Antigo: na fronteira entre ciência e imaginação*. IN: NOBRE, C., CERQUEIRA, F; POZZER, K. (ed.). *Fronteiras & Etnicidade no mundo antigo*. 13 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Pelotas, 2003; Canoas: ULBRA, 2005. 271-281.

¹⁸ HELLER, Agnes. *Uma Teoria da História*. Tradução: Dilson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

obeliscos e seus diferentes significados adquiridos ao longo da história. Não se considera, é obvio, esta pesquisa um argumento final, mas propõe-se uma interpretação baseada nos aportes teóricos acima mencionados, abrindo outras discussões e interpretações.

A estrutura gráfica desta dissertação compõe-se de três capítulos contendo as três questões aqui investigadas, na seguinte ordem:

- 1- Quais os sentidos da construção de um obelisco nos tempos da modernidade?
- 2- Em memória de que / ou de quem se construíram e se constroem obeliscos no Rio Grande do Sul?
- 3- Qual a história dos obeliscos brasileiros e que tipo de memória eles guardam?

O primeiro capítulo contém um estudo sobre o obelisco e os significados a ele atribuídos desde sua gênese até a contemporaneidade, e a relação existente entre a memória e o monumento. Também inclui questões sobre o Patrimônio histórico e sua importância para a sociedade.

O segundo capítulo analisa a questão da memória e do imaginário social, e a utilização do obelisco em diferentes esferas do social.

O último capítulo registra o resultado quantitativo da pesquisa sobre obeliscos dentro do território brasileiro e apresenta a sua.

Finalmente, o leitor terá acesso às considerações finais.

1 OBELISCOS – SENTIDOS ANTIGOS E MODERNOS

Os principais símbolos tanto do Egito antigo quanto da Egíptomania são: o obelisco, a esfinge e a pirâmide¹⁹.

Este capítulo, além de pretender definir obelisco a partir de seu significado, revela os sentidos que lhe foram atribuídos com o passar dos séculos e procura uma explicação para a sua mobilidade na história, na trilha dos autores Labib Habachi e Fekri Hassan.

A definição de obelisco está ligada à constatação de uma forma e um significado originais para este monumento, os quais foram interpretados, ao longo dos séculos, adquirindo contornos e sentidos diferentes.

Labib Habachi²⁰ considera os obeliscos “Arranha-céus do passado”. Foram consagrações ao Deus Sol e, apesar de datarem do século XX a.C. os mais conhecidos, esses monumentos podem ter sido erigidos a um Deus solar num período ainda mais antigo.

Habachi explica que o obelisco é um monumento de pedra única com quatro lados, terminando em uma pequena pirâmide chamada *piramideon* denominada *THEKENU* no Egito. *OBELISKOS* é um nome dado pelos gregos, ao falarem sobre a civilização egípcia e

¹⁹ Le sphinx represente, avec la pyramide et l’obélisque, l’un des symboles majeurs à la fois de l’Égypte antique et l’égyptomanie. HUMBERT, Jean-Marcel. *Postérité du sphinx antique: la sphinxomanie et ses sources*. In: HUMBERT, Jean-Marcel (org). *l’Égyptomanie: à l’épreuve de l’archéologie. Actes du colloque international organisé au musée du Louvre par Le Service culturel les 8 et 9 avril 1994. Paris: Editions du Gram, 1996, p 99.*

²⁰ Conforme o título da sua obra: “*The Obelisks of Egypt: Skyscrapers of the Past*”.

seus monumentos. Em grego, *obeliskos* significa “pequena agulha”, alusão lógica ao seu formato.

Quanto ao *piramideon*, topo do obelisco, tratar-se de um tipo de pedra consagrada ao Deus sol mesmo antes do aparecimento do primeiro faraó, diz Habachi. Conhecidas como *Ben* ou *BenBen*, acredita-se que tenham sido o fetiche do deus primordial ATUM (Sol Poente) e do deus RÁ ou RÁ-HARAKHTI (Sol Nascente). Essas pedras foram associadas ao pássaro *Fênix* ou *Benu*, vinda do leste para viver em Heliópolis durante quinhentos anos, quando retornava ao leste para ser enterrada pela jovem Fênix que viria tomar o seu lugar. De acordo com essa versão, o pássaro, ao invés de ser substituído por uma nova ave, reviveria, estando, assim, conectado ao deus da morte.

A partir de inscrições encontradas nas pirâmides²¹ do último rei da quinta dinastia e dos reis da sexta dinastia (2345- 2182 a.C), Habachi exemplifica a ligação entre deus, ave e pedra de Benben: “*Ó Atum, o Criador. Você se tornou elevado nas alturas, você subiu como a pedra Benben à mansão da Fênix em Heliópolis*”. (HABACHI. 1984:5).

Plínio, O Antigo, escreveu em sua enciclopédia que os obeliscos eram feitos para representar os raios de sol. Habachi explica que essa afirmação encontra suporte em uma inscrição endereçada ao Deus Sol: “*Ubenek em Benben*” (Você brilha na pedra de Benben). Afirma, ainda, que durante a décima oitava dinastia (1570-1320 a.C) e, talvez, em outros tempos, os *piramideons* dos obeliscos foram recobertos de ouro ou outro metal.

Os obeliscos, recobertos ou não de metais preciosos, foram motivo de homenagens em relações internacionais. É o caso do obelisco de Paris, presente do Vice-Rei do Egito, Mehemet Allí, ao rei Luis Felipe da França, em 1831. Por estar situado na Praça de *La Concorde*, e ser originário do templo de Luxor, construção do faraó Ramsés II, em Karnak, é

²¹ As paredes das Câmaras Mortuárias onde se encontram esses textos, segundo explica Labib Habachi, foram decoradas com os chamados *Textos das Pirâmides*, textos religiosos dedicados ao bem estar do falecido.

um monumento conhecido no mundo todo, e o mais antigo de Paris²². Em 14 de maio de 1998, recebeu uma fina cobertura de ouro sobre a sua ponta como parte das celebrações das relações Franco–egípcias, marcadas pela visita do presidente egípcio Hosni Mubarak ao país.

Fekri Hassan²³, em seu capítulo sobre as apropriações imperialistas dos obeliscos egípcios, reitera os estudos de Habachi, ao constatar as grandes significações religiosas do obelisco do antigo Egito, as quais se revelam em suas inscrições. Dedicados a várias formas divinas do deus sol (incluindo o Touro Sagrado de Mnevis, a morada do espírito de Rá), esses monumentos também foram utilizados em contextos funerários, por exemplo, as pirâmides dos reis da 5ª Dinastia, cujos obeliscos foram usados como estelas funerárias.

Os primeiros obeliscos foram erguidos em Heliópolis, conhecida por “Cidade do sol”, e chamada pelos antigos egípcios de *IUNU*, que significa “Pilar”, ou ainda, *IUNU METH*, “Pilar do Norte”. A Tebas antiga foi conhecida como *IUNU AHEMAYIT*, o Pilar do Sul, ou ainda, Heliópolis do Sul. Seu Deus maior foi Amon, mais tarde assimilado a Rá e conhecido como Amon-Rá, o Deus dos Deuses. Por isso, vários obeliscos foram erguidos em sua honra. De todos, restaram três, pois, conforme Habachi, alguns foram destruídos e outros levados.

Além de ser consagrada ao deus sol, Heliópolis também foi consagrada a outros nove deuses²⁴. Outros deuses cultuados lá incluíam *Kheper*, o Escaravelho, e *Shu*, o deus do ar. Também existiam obeliscos em homenagem ao deus Thot.

Em Ashmunein, no Médio Egito existiam dois obeliscos dedicados a Thot Deus da escrita e da sabedoria e titularmente deidade local. Entre os muitos atributos de Thot, estava aquele de “representação de Rá.” O Íbis e o Babuíno foram consagrados a Thot e esses últimos animais foram freqüentemente mostrado adorando o deus Sol. (HABACHI. p. 8)²⁵

²² <http://egipto.com/obeliscos/paris.html>, acessado em 16/05/2006.

²³ <http://www.hernandezrabal.com/europa/francia/iledefrance/paris.html>, acessado em 16/05/2006.

²⁴ HASSAN, op. Cit. P. 27.

²⁴ Heliópolis was sacred to the sun god Re and his ennead, a group of nine associated gods. (HABACHI, p.6)

²⁵ There was in Ashmunein, also in Middle Egypt, both dedicated to Thot, God of writing and wisdom, and titular deity of the place. Among Thoth’s many atributs was that of “representative of Ré” . The Ibis and the Baboon were sacred to Thot, and the later animals were offen shown adoring the sun God.

Muitas vezes, os egípcios consideravam o obelisco o próprio deus solar, para o qual deviam encaminhar oferendas. No livro dos mortos, Habachi afirma que *Rá-Harakhti* é representado por dois obeliscos. O posicionamento dos obeliscos seguia um padrão regular. “Um dos obeliscos ficava do lado leste e era dedicado a *Harakhti*, o sol nascente, enquanto o posicionado do lado oeste era dedicado a *Atum*, o sol poente” (HABACHI, p. 11).

A informação de Habachi sobre os dois obeliscos erguidos em homenagem a Tutmósis III, em Heliópolis, um dos quais está em Nova Iorque e o outro em Londres, é muito interessante: o obelisco de Nova Iorque menciona, em sua inscrição, “*Harakti*”, enquanto o de Londres se refere a “*Atum*”. Portanto, com base em evidências paralelas é possível saber que ambos estiveram na entrada do Templo de Heliópolis, um à esquerda e outro à direita da entrada.²⁶

A própria orientação das faces de qualquer obelisco, diz Habachi, pode ser encontrada na direção dada pelos hieróglifos que marcam as inscrições dos monumentos. Os hieróglifos da face frontal do obelisco são, geralmente, inscrições dedicatórias. Alguns obeliscos pequenos eram colocados na frente das tumbas e traziam as inscrições do nome e do maior título do dono da tumba. Na face leste, muitos deles relatavam que o deus sol serviria de guia ao morto em sua descida ao mundo dos mortos.

Na capital do Egito Antigo no domínio dos Ramsés, conhecida por Piramesse, existiam obeliscos criados em sua maior parte por Ramsés II, mas ele se apropriou de outros obeliscos de dinastias anteriores. Os reis que erguiam obeliscos eram descritos, não raramente, como os amados dos deuses locais. Alguns referenciam vitórias reais, mas não vitórias atuais, o que, no caso dos obeliscos erguidos por Ramsés II, deixam suspeitas²⁷. Outros motivos eram a conquista de terras, conforme Habachi comprova com as inscrições do

²⁶ HABACHI. ib. p.11.

²⁷ HABACHI, p 8.

obelisco de Tutmosis III, hoje em Istambul: “*O Rei que conquistou todas as terras, longo como a vida e senhor dos jubileus*” (HABACHI, 1984, p 9).

Os reis também construíam obeliscos por ocasião das celebrações jubilares. No templo de Karnak, o obelisco construído por Hatshepsut descreve-a como “*aquela cujo pai Amon estabeleceu o nome **MAKARE** acima da Arvore Cinza – a Arvore da eternidade – em recompensa pela sua dureza, beleza e excelente monumento que ela fez no seu primeiro jubileu*”.

Dentro de algumas tumbas de Hatshepsut foram encontrados pequenos obeliscos de madeira, junto com caixas contendo figurinos funerários. Esses monumentos menores, chamados *ushabti*, serviam para responder “Aqui eu estou”, quando o falecido fosse chamado para trabalhar no outro mundo (HABACHI, p 13).

Para Freki Hassan, a associação da existência de obeliscos com as campanhas militares aparece com Tutmosis III, sucessor de Hatshepsut, quando ele iniciou uma série de campanhas militares pelo sudoeste da Ásia e erigiu cinco obeliscos em Karnak e dois em Heliópolis. Desse total, quatro desses obeliscos estão, hoje, em Roma, Londres, Istambul e Nova Iorque. Ramsés II os associou a campanhas militares e ao poder imperial. Alguns dos obeliscos da época desse faraó estão, hoje, na Piazza Del Popolo, Piazza della Rotunda, Viale Delle Terme, Viela Celimontana, em Roma; no Boboli Gardens, em Florença e em Paris, na Place de La Concorde, conforme já citado.

Muitos povos sofreram influência dos obeliscos, tendo-os produzido ou adquirido: os cananitas, os fenícios, os reis de Kush, os assírios e, mais tarde, os romanos, os franceses, os ingleses, os americanos e os alemães. Segundo Bakos²⁸, Assurbanipal, rei assírio, parece ter sido o primeiro a transportar obeliscos egípcios para fora de seu território de origem, no século VII a C. Mas foi com Augusto, o imperador romano, que a prática da Egiptomania se

²⁸BAKOS, M.M; BRITO, M.R. *Obeliscos Brasileiros*. IN: BAKOS, Margaret Marchiori, (org.). *Egiptomania: O Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004. p.73

propagou pela Europa. Esse governador providenciou o transporte de dois obeliscos para Roma, a fim de representar, segundo Jean-Marcel Humbert²⁹, o seu poder aos súditos.

Em relação a essa apropriação de monumentos Egípcios por países da Europa, Hassan relata que os imperadores romanos removeram os obeliscos do Egito para serem erigidos em Roma, como marca de seu poder imperial e possessão do Egito e seu antigo passado. A significância simbólica do obelisco que glorifica o faraó egípcio, conquistador de todas as terras, passa então a glorificar os governantes do novo império – os romanos. Muito mais forte do que o projeto colonial europeu de exploração econômica de outros países pela força, era a idéia de que outros países, na ânsia por civilização, deveriam ter seus anseios saciados pelos “herdeiros” ou guardiões de uma herança cultural mundial: a Europa³⁰.

Ainda, conforme Hassan, dever-se-ia dar mais atenção ao papel desses obeliscos nas apropriações. De certo modo, os obeliscos tornaram-se ícones de poder, glória, triunfo e proeminência – eles foram quase arquétipos, distribuídos em diferentes contextos culturais sucessivos - inspirados ultimamente por um trabalho histórico de significação e, talvez, de uma convergência para o que aparece como um simbolismo universal de superestrutura monumental. Esse parece ser o caso até mesmo quando são parodiados na forma de pequenos objetos decorativos de mesa, como objetos de pedras brilhantes coloridas, os quais acredita-se estarem associados a poderes místicos. A herança histórica do obelisco e o seu provável simbolismo universal podem estar também associados, conforme Hassan, a decisão de Mussolini de erguer um obelisco immortalizando ele mesmo e o seu império fascista; ou o novo obelisco *Faisaliyah* erguido em Riyadh na Arábia Saudita, comemorando o rei Feisal, o fundador do moderno estado saudita. Similarmente, a supremacia da era eletrônico tecnológica também herdou um monumento de luz, o *obelisco da luz*, erguido em 31 de dezembro de 1999, para comemorar a passagem do jubileu de 2000, na Piazza Cinquecento

²⁹ BAKOS, op. cit. p74.

³⁰ HASSAN, op. Cit. p 22-23.

em Roma. Naquele local, anteriormente havia um obelisco egípcio com uma estrela simbolizando a Itália, com os nomes dos soldados italianos mortos na tentativa de colonizar a Etiópia.

Os obeliscos, também imbuídos de significado pelo catolicismo, segundo Hassan foram negligenciados durante séculos em Roma. Muito tempo se passou até que o Papa Sixtus V reerguesse os obeliscos para afirmar o poder da Igreja católica e glorificar o triunfo de sua religião sobre as civilizações pagãs (HASSAN, 2003:39).

Durante o século XVII, algumas famílias italianas também utilizaram os obeliscos para coroar seus símbolos de nobreza, entre eles a dos Médici³¹ que transportaram um dos obeliscos erigidos por Ramsés II, em Heliópolis, em sua memória, à sua propriedade em Roman Villa, Florença (posteriormente esse obelisco foi removido para o Boboli Gardens, em Florença, em 1720).

Em 1935-36, Mussolini invadiu a Etiópia e como troféu, os italianos removeram um obelisco e uma escultura de bronze representando o Leão de Judá. O novo estado italiano passou a usar o obelisco como representação de poder, da mesma forma que o fizeram os imperadores romanos e os papas.³²

2.1 Características que dificultam descobrir os sentidos dos obeliscos

No livro *A Invenção das Tradições*³³, Hobsbawn analisa as tradições inventadas. Ele define *tradição inventada* como prática aceita e regulada, ou não, por regras específicas, cujo

³¹ HASSAN, Op. Cit. p 47.

³² HASSAM, Idem p 51.

³³ HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (organizadores). *A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 2002.

objetivo principal seria atribuir valores e normas através da repetição, estabelecendo uma relação de continuidade com o passado e tendo por norma a invariabilidade. Na seqüência, atribui ao *costume* a liberdade de inovação, pois em suas palavras, a função do costume seria dupla: ser *motor e volante*³⁴. Assim, continua seu debate significativo a respeito da diferença entre a tradição e o costume, assumindo, o último, um caráter mais apropriado à perspectiva de análise do presente estudo, sobre o uso continuado dos obeliscos.

A partir das reflexões desse autor, pode-se inferir que o uso do monumento em forma de obelisco é um costume de longa duração. É através desse monumento que as memórias escolhidas são eternizadas, em conformidade com seu uso no antigo Egito. A inovação ficaria a cargo das significações impostas ao monumento e do formato de sua construção, indo ao encontro do que expõe Bakos, quando afirma que a cultura ocidental foi feita a partir do empréstimo de fragmentos da cultura do oriente, em específico do Egito Antigo, e que, mesmo resultando em um produto diferente, sua essência é a mesma.

O *costume*, no dizer de Habsbawn, tem função de motor e volante, e, respectivamente, de impulsão e de itinerante. No caso dos monumentos aqui estudados, eles servem aos propósitos de sua utilização ao longo do tempo. Alguns foram acrescidos de determinados símbolos ou sofreram algum tipo de modificação morfológica, mantêm a referencia ao passado histórico, ao Egito Antigo, e àquilo que reforçaram à época de sua criação: a divindade e o poder.

Assim, também com base nos escritos de Fekri Hassan³⁵, examinou-se o obelisco, na maior parte dos casos, como um monumento imbuído de um significado que está além da atribuição que lhe foi investida. Ele significa um espaço de poder e dominação calcados na de hegemonia de idéias e / ou pessoas que o erigiram com tais objetivos.

³⁴ Ibidem, p. 10.

³⁵ HASSAN, op. cit. p. 20.

Porém, faz-se necessário salientar que a explicação encontrada em Hobsbawn não contempla, de forma alguma, todos os achados durante a pesquisa. Rotular o obelisco como um costume é simplificá-lo em demasia. Há casos em que o monumento forma ou busca construir uma identidade. A inferência à obra de Eric Hobsbawn foi utilizada por se tratar de uma obra bastante significativa, e por existirem casos em que pode ser uma explicação que responda bem a certos tipos de questionamento³⁶.

2.2 O obelisco e a questão da memória

Uma transformação da memória coletiva levou ao aparecimento da escrita. Antes transmitida às gerações pela rememoração, a memória passa a sustentar-se através da inscrição. O monumento, por sua vez, é um artefato diretamente ligado à memória, desde sua origem.

Aqui, analisam-se a memória e o monumento a partir das reflexões sobre os estudos de Jacques Le Goff, Ivan Izquierdo e Françoise Choay, cujas abordagens permitem entender os significados dos obeliscos.

Dedicando-se à compreensão da memória social e coletiva, Jacques Le Goff confere à memória a propriedade de conservar certas informações. Assim, nos remete a um conjunto de

³⁶ Em um trabalho que busca entender qual a natureza do interesse da intelectualidade maçônica brasileira no tema do Egito antigo e a finalidade da produção de textos cuja temática é esta civilização, Rodrigo Otávio da Silva adota como marco teórico o conceito de “*tradição inventada*” de Hobsbawn. Para ele, este é o referencial mais adequado ao seu objeto de estudo: o discurso maçônico. SILVA, Rodrigo Otávio. *Apropriações contemporâneas do Egito antigo: antiguidade e tradição no discurso maçônico brasileiro – a coleção Biblioteca do Maçon (1989-2001)*. Natal: UFRGN, 2004. Dissertação (Graduação em História), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004.

funções psíquicas, em que o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas³⁷.

Para este autor, é fundamental o estudo da memória social por se tratar de um meio de abordar os problemas do tempo e da história. Sua indicação é que se dê importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita. Na maior parte das culturas sem escrita e em numerosos setores da brasileira, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana.

Nas sociedades sem escrita, Jacques Le Goff afirma que memória coletiva se faz pela ordenação de três interesses fundamentais: a idade coletiva do grupo que se funda em certos mitos; o prestígio das famílias dominantes através da genealogia; e o saber técnico que se transmite por práticas ligadas à religiosidade.

A transformação da memória coletiva originou a escrita que permitiu àquela o desenvolvimento de duas formas de memória: a comemoração celebrada através de monumentos; e o documento escrito num suporte destinado à própria escrita. Nesse tipo de documento, a função da escrita é armazenar informações favorecendo uma comunicação através do espaço e do tempo, além de promover a passagem da esfera auditiva à visual.³⁸

Le Goff vincula o monumento à perpetuação da memória. O termo documento, derivado do latim *docere*, ensinar, tem o significado de *prova* e, opondo-se à intencionalidade do monumento, afirma-se como testemunho escrito, servindo muito aos propósitos da história positivista.

É a partir disso que Le Goff reflete sobre a importância que o documento escrito teve em relação aos monumentos. A mudança significativa no conceito, ou na abordagem do

³⁷LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1989.

³⁸LE GOFF, 431-433.

documento, ocorre com a necessidade apontada pelos fundadores da revista “*Annales d’histoire économique et sociale*”³⁹.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com outras palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas (LE GOFF, 1996: 540).

Por entender documento como algo que ficou do passado, mas derivou de uma sociedade conduzida segundo as forças que detinham o poder, Jacques Le Goff afirma que o documento/monumento deve ter por princípio a crítica do primeiro em relação à função do último. “Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, em pleno conhecimento de causa” (LE GOFF, 1996).

O autor ainda pontua que a memória coletiva “faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento, das classes dominantes e das dominadas, lutando pelo poder e pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, 1996:475). A memória coletiva é um instrumento e um objeto de poder, é nela que cresce a história, que a alimenta.

Aos estudos de Jacques Le Goff, destaca-se a seguinte contribuição de Iván Izquierdo: “somos aquilo que recordamos”⁴⁰. O acervo da memória do homem faz com que ele seja o que é, faz com que cada um seja um indivíduo, um ser para o qual não existe outro igual, pois a coleção de lembranças de cada ser é única. É o conjunto dessas memórias que forma o ser, mas por necessidade, esse ser forma grupos, busca afinidades que os una, que lhes forneça segurança e identidade coletiva. Com base nas memórias comuns forma-se povos, tribos, cidades e países, afirma o autor.

³⁹ Cf. LE GOFF, 1996.

⁴⁰ IZQUIERDO, 2002. op. cit p.9

Le Goff e Izquierdo têm em comum o assunto da memória. Porém, o interesse de Le Goff é o estudo da memória e a sua transformação da oralidade à escrita, agregada às modificações que ocorrem na maneira de transmiti-la a partir do surgimento da escrita. Izquierdo, por sua vez, tem interesse no estudo científico da memória, no processo de sua formação.

Françoise Choay⁴¹, formada em Filosofia e historiadora das teorias e das formas urbanas e arquitetônicas na Universidade de Paris, dedicou muito de seu trabalho à investigação na área de urbanismo. Choay restituiu a concepção, ao longo do tempo, do que vem a ser Patrimônio Histórico⁴².

Na obra *The Invention of the Historic Monument*, traduzida para inglês por Lauren M. O'Connell, o capítulo introdutório, “*Introduction: Monument and Historic Monument*” a autora parte do conceito de Patrimônio, por ela entendido como “propriedade herdada passada adiante de acordo com a lei, de pai e mãe para filhos / herança”, e que, em sua origem, estava ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas, numa sociedade estável (CHOAY, 2001).

Na época da criação da Primeira Comissão de Monumentos na França, 1837, de acordo com Choay, três grandes categorias de monumentos históricos foram constituídos: os remanescentes da antiguidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos. No final da II Guerra Mundial, o número de inventários tinha se multiplicado dez vezes, mas sua natureza não havia mudado. Desde então, diz a autora, todas as construções, públicas ou privadas, foram adicionadas à lista e chamadas de arquitetura *menor*, na Itália, *vernacular* na Inglaterra e arquitetura *industrial* (fábricas, estações de trem.), de início reconhecida pelos

⁴¹ CHOAY, op. cit. p. 11.

⁴² Também estuda como a indústria cultural convive com o patrimônio e como ele se relaciona com o turismo. Atualmente, Choay é professora da Universidade de Paris e Da Universidade de Cornell.

ingleses. Hoje, o patrimônio histórico inclui o conjunto de construções, fábricas urbanas, blocos de cidades, vilarejos, cidades inteiras e até conjunto de cidades.

Na tentativa de entender a problemática acerca do patrimônio histórico, Choay busca o conceito de monumento.

O termo vem do latim, *monumentum*, derivado do *monere*, que significa advertir, lembrar. Precisamente, monumento está ligado à emoção. Seu sentido é, através da percepção afetiva, acionar uma memória viva (CHOAY. 2001:18). Essa memória está atrelada a uma comunidade e contribui para a preservação da sua identidade, seja ela étnica, religiosa, nacional, tribal ou familiar.

Aludindo a Riegl⁴³, a autora aponta a diferença fundamental entre monumento e monumento histórico. O primeiro é uma criação pensada *a priori* à serviço da memória, enquanto o segundo passa a ser testemunho histórico, mas sem ser concebido como tal em sua origem.

Ciro Flamarion Cardoso, ao estudar os monumentos e a memória no Antigo Egito, adota a concepção de monumento de Le Goff, dando-lhe a característica de ser um produto pertencente à sociedade que o fabricou, segundo as relações das forças que nela detêm o poder. Além disso, diz o autor, o monumento deve ser entendido como um elemento integrante da cultura material, mas que imortaliza o poder dos pensamentos e das emoções, servindo assim, aos estudos das ideologias e das visões de mundo⁴⁴.

Assim, valoriza-se a importância do objeto desse estudo. O obelisco, um monumento originário do Egito Antigo, geralmente vinculado ao simbolismo religioso, introduzido no ocidente e fazendo parte da sua história, adquire significados específicos, independentes e próprios da comunidade que o erige. Portanto, pergunta-se: Quais as possíveis interpretações que podem ser feitas a partir dos dados obtidos nesta pesquisa?

⁴³ RIEGL, A. apud CHOAY. Op. cit. p. 25.

⁴⁴ CARDOSO, C. Flamarion. *Monumento e memória no antigo Egito*.

Na busca dessas especificidades, constatam-se algumas características referentes às condições dos obeliscos:

- 1- Apresentam pichações;
- 2- Estão sem placas de informação que ofereçam os dados básicos (data, etc);
- 3- Encontram-se em locais de difícil acesso;
- 4 – São ignorados;
- 5- São confundidos com outros monumentos.

É importante lembrar que a preservação desse tipo de patrimônio histórico pressupõe uma série de iniciativas, a partir de sua valorização, levando o cidadão a reconhecer o seu valor de guardião da memória. É importante, ainda, conhecer essas questões referentes ao patrimônio histórico na perspectiva de Pedro Paulo Funari e Sandra Pelegrini⁴⁵. Segundo esses autores, o patrimônio estava ligado aos pontos de vista e interesses da aristocracia. Surgida entre os antigos romanos, a expressão *patrimonium* se referia a tudo o que pertencia ao pai, *pater* ou *pater familias*, pai de família. Funari explica que família compreendia tudo o que era de domínio do senhor, incluindo mulher e filhos, escravos, bens móveis e imóveis e os animais (FUNARI; PELEGRINI. 2006:11). Portanto, ligava-se o patrimônio à aristocracia privada, sendo o Estado apropriado pelos pais de família, inexistindo o conceito de patrimônio público.

Ao caráter aristocrático do patrimônio, durante o predomínio e difusão do cristianismo e da Igreja, somou-se o caráter religioso, de cunho simbólico e coletivo: “O culto aos santos e a valorização das relíquias deram às pessoas comuns um sentido de patrimônio muito próprio e que, como veremos, de certa forma permanece entre nós: a valorização tanto dos lugares e objetos como dos rituais coletivos” (FUNARI; PELEGRINI. 2006: 11-12). Conforme Funari,

⁴⁵ FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

a catedral não perdeu seu tom aristocrático, mas assumiu um papel de patrimônio coletivo, especialmente na Idade Média.

Por conta do Renascimento, ocorreu uma mudança, segundo os mesmos autores, de perspectiva, mas, ainda, mantendo o caráter aristocrático dado pelo humanismo.

A transformação significativa em relação ao patrimônio ocorreu com o surgimento dos Estados Nacionais. Foi a França que desenvolveu o conceito de patrimônio usado na modernidade. Após a queda da monarquia, a República implantada pregava a igualdade entre os homens refletida na cidadania. Era preciso criar cidadãos, permitir que se comunicassem entre si, que tivessem valores e costumes em comum, e que partilhassem um mesmo solo e uma mesma origem (FUNARI, PELEGRINI, 2006: 14-15).

O patrimônio cultural teve seu apogeu no período do entre-guerras. Pedro Paulo Funari e Sandra Pelegrini relatam alguns exemplos que mostram o modo com que os resquícios mais improváveis podiam forjar a nacionalidade.

Assim, os italianos usavam os vestígios dos romanos para construírem uma identidade calcada nesse patrimônio, restaurado, glorificado, exaltado como exemplo do domínio do mundo pelos romanos e seus herdeiros, os italianos. Não foi à toa que o nacionalismo italiano usava símbolos do poder romano, como o feixe, do qual deriva o próprio nome do movimento nacionalista, o fascismo (FUNARI; PELEGRINI. 2006: 20-21).

É voz corrente, também, o jargão que circula entre turistas e estudantes em geral: “*se queres visitar um rico e gracioso museu egípcio, viaje à Inglaterra*”. A Inglaterra, conforme Funari, considerava-se a verdadeira herdeira das civilizações, do mesmo modo que a mesopotâmica, a egípcia e a romana.

O fim da II Guerra Mundial determinou, também, o fim do nacionalismo associado ao imperialismo, quando foram criadas a ONU e a Unesco⁴⁶. No fim da década de 1950, após vários movimentos na esfera social, a legislação de patrimônio ampliou-se para o meio ambiente e para os grupos sociais e locais, até então ignorados em prol da nacionalidade. Surgiu, posteriormente, seguindo essa reciclagem de conceitos, a noção de imaterialidade do patrimônio. A partir de então, o patrimônio cultural da humanidade ganhou notabilidade, compondo-se de monumentos, conjuntos, sítios, monumentos naturais, formações geológicas ou fisiográficas e sítios naturais.

Salvaguardando todas as características de benfeitorias da Unesco, há, no entanto, uma crítica válida de Funari e Pelegrini que ponderam a impossibilidade de interferência desse órgão no caso de um país não ter reconhecida a sua diversidade cultural:

A Unesco, contudo, não deixa de ser afetada, como organização, por duas características. Em primeiro lugar, cada Estado nacional membro representa o seu país, e muitas vezes, por diversos motivos, não reconhece a diversidade cultural do outro. Nesses casos a Unesco não tem como intervir. É verdade, contudo, que mesmo nessas situações minorias ou grupos põem valer-se do órgão e de cartas assinadas pelos Estados membros como meio de pressão para obter o reconhecimento de seu patrimônio (FUNARI; PELEGRINI, 2006:26).

Outros autores também criticam o critério de valorização do patrimônio vinculado, com maior ênfase, às elites, principalmente as européias. Mas um ponto positivo é que tal situação já passa por mudanças.

No Brasil, existem dois órgãos que atuam nas esferas de conservação do patrimônio, informam Funari e Pelegrini. A Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural atua no âmbito da fiscalização e proteção dos bens inclusos na lista do Patrimônio Cultural da Humanidade. Ao IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,

⁴⁶ ONU – Organização das Nações Unidas; Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

cabe a função de identificar, catalogar, restaurar, conservar, preservar, fiscalizar e difundir os bens culturais em todo o território brasileiro.

Destacando os programas desenvolvidos pelos governos brasileiros que atendem ao tema do Patrimônio Cultural, os autores encerram ressaltando que ainda existe muito por fazer. Ações que buscam a aproximação e o envolvimento da população acontecem em diversas localidades, e contribuem para consolidar políticas de inclusão social, reabilitação e sustentabilidade do patrimônio no Brasil. Mas é preciso mais comprometimento da comunidade, no sentido de apontar suas necessidades de políticas patrimoniais, pois é ela quem aponta seus marcos identitários (Funari; Pelegrini. 2006: 59).

Durante esta análise constatou-se, em relação à maioria dos obeliscos, que a política de conservação do patrimônio caminha a passos lentos. Ainda prevalece um total descomprometimento da sociedade para com os bens patrimoniais da comunidade a que pertencem, mas já provoca sensibilização por parte de determinados setores da sociedade.

Ensaia-se uma sensibilização direcionada às questões relativas aos bens públicos, atestadas em ações que procuram revitalizar as obras que os constituem. São, por exemplo, as tentativas de limpezas feitas, em certas ocasiões semanalmente, nos monumentos localizados nas praças, parques e avenidas da cidade de Porto Alegre. Constam, entre eles, os obeliscos:

SOS Monumento prosseguirá

A equipe do projeto SOS Monumento - uma parceria entre Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Atelier Alice Prati de Restaurações - prepara a próxima etapa do trabalho, iniciado em maio com a higienização da Coluna Israelita, primeira de 12 obras que passarão por limpeza na Capital. Para desenvolver pesquisas históricas, químicas e arquitetônicas, a prefeitura criará um laboratório, localizado em um prédio no bairro Assunção. A previsão é de que o local seja liberado em um mês, segundo a diretora-técnica do projeto, Alice Prati. Enquanto isso, a coluna, pichada 15 horas depois da primeira limpeza, permanece sendo monitorada na Osvaldo Aranha.

O laboratório será dividido em seis áreas. Entre elas, a eletrônica, que compreenderá o sistema de câmeras nos monumentos atendidos pelo projeto. Alice explica que as imagens ficarão disponíveis na Internet para que todos possam moni-



Coluna Israelita está sendo monitorada para a situação. Junto às obras, está prevista a colocação de sensores de movimento. O sistema estará conectado ao Disque-Pichação, que registra de 10 a 12 denúncias diárias.

Reportagem sobre a parceria entre a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e o Atelier Alice Prati de Restaurações, dando início ao trabalho de higienização da *Coluna Israelita*. (GONÇALVES, Luis. SOS Monumento prosseguirá. *Zero Hora*. Porto Alegre, 9 de julho

Vigília zela pela praça Itália

Para combater a ação de vândalos, teve início ontem uma vigília na praça Itália, no bairro Praia de Belas, na Capital. A ação faz parte do programa SOS Monumento, uma parceria entre a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, o ateliê Alice Prati de Restaurações e empresas. Até o meio-dia de hoje, técnicos em restauração permanecerão no local, onde fizeram ontem a higienização das 12 colunas e dos dois monumentos. Um deles, o Leão de São Marcos, tinha marcas de pichações. O outro, um obelisco, teve as placas de identificação furtadas e a estrutura degradada por ser usado como rampa por skatistas.

Durante a ação, os restauradores orientaram os interessados sobre remoção de pichações. Segundo a diretora técnica do SOS Monumento, Alice Prati, a vigília busca obter informações sobre o público que frequenta o local, tra-



Programa SOS Monumento combate o vandalismo. Cada ponto da cidade tem um perfil de pichadores e depredadores", citou. Inaugurada em 1992, a Praça Itália tem 10 mil metros quadrados e fica entre as avenidas Borges de Medeiros, Praia de Belas e rua Pery Machado.

Em uma ação que integra o SOS Monumento os técnicos em restauração fizeram uma vigília próximo ao obelisco higienizado. Durante a ação, orientaram interessados sobre a remoção de pichações. (VIGÍLIA zela pela Praça Itália. . *Zero Hora*, Porto Alegre, 14 de fevereiro de 2007.)

Para além de dinâmicas como essa, faz-se necessário a implementação de leis e de programas que façam cumprir o respeito que deve permear as escolhas coletivas das sociedades de outrora e atuais, e cercear ações vândalas tão despercebidas pela população.

Como exemplos da má conservação, descaso, e ações de vandalismo sofridas pelos monumentos existentes, relatam-se os casos de alguns obeliscos da cidade de Porto Alegre.

O obelisco que a colônia Sírio-libanesa ofereceu ao Estado pela passagem do Centenário da Revolução Farroupilha foi inaugurado em 1935. Àquela época, constavam no obelisco quatro placas, com as seguintes inscrições: “A Colonia Sirio Libanesa / do Estado do Rio Grande do Sul / no Centenário Farroupilha” . Oposta a essa, outra placa com inscrições em árabe. Em outra, lia-se ainda: “Homenagem / À Ex^a Dr. Jamal E. D. Farra / I^o Embaixador da República / Árabe Unida no Brasil / Por ocasião de sua visita / Porto Alegre, 15 de dezembro de 1958”. Nas laterais que não continham inscrições existiam dois desenhos. Um deles representava um cavaleiro com a árvore símbolo do Líbano, o cedro, ao fundo. O outro mostrava em relevo uma paisagem com um barco guerreiro navegando em direção ao sol poente. Na base do monumento, em cada lado, avistava-se uma cabeça de leão⁴⁷.



Relevo do Cavaleiro com o cedro.

⁴⁷ Essas informações e imagens foram pesquisadas nos arquivos do Arquivo Histórico Municipal de Porto Alegre. Também, na obra de José Francisco Alves, há dados do obelisco.



Barco guerreiro em direção ao Sol Poente.



Placa do monumento

Atualmente, não existe nenhuma identificação no monumento, e o observador, mesmo se interessado, não dispõe de nenhuma identificação que revele o motivo daquele obelisco. Segundo Francisco Alves, algumas peças foram furtadas e outras retiradas pela administração do parque para que não tenham o mesmo fim.



Imagem do obelisco no dia 15/10/2006

Outro exemplo é o obelisco oferecido pela Comunidade Israelita, também no Parque Farroupilha, frente para a Avenida Oswaldo Aranha. Uma placa em baixo-relevo mostrava o Rio Nilo (identificado pelas Pirâmides ao fundo), as Tábuas da Lei e Moisés. Segundo Alves, foi roubada em 2003. Também não existem mais as placas com as inscrições: *“Sofremos calados tantas infâmias? Não, nossos compatriotas, os rio-grandenses, estão dispostos, como nós, a não sofrer mais tempo a prepotência de um governo tirano e cruel como o atual. Proclamação de 18 de Setembro de 1836 – no Campo do Menezes”*; *“A Colônia Israelita do Rio Grande do Sul ao povo gaúcho no Primeiro Centenário da Epopéia Farroupilha”*; *“Biênio da Colônia e Imigração 1974-1975. A Colônia Israelita homenageada por motivo dos setenta anos de trabalho integrado com vistas do bem comum, nos vários campos de atividades, oferece ao povo gaúcho”*.

Esses exemplos mostram o descuido com que são tratadas as memórias entregues à cidade de Porto Alegre, a fim de que o povo lembrasse as escolhas feitas e para que conhecesse um pouco de quem as fez. Por conta da população, estão, senão totalmente, em vias de extinção. É o caso do extinto obelisco dedicado à Saint Pastous. Durante a pesquisa causou susto o fato de encontrar no local, onde antes existiu um monumento a esse notável médico, apenas uma base de concreto que indicava seu local. Sua história, conforme o Jornal *“A Federação”*, de julho de 1935, conta:

A cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Porto Alegre, no concurso para seu provimento, classificou em primeiro lugar o Dr. Saint-Pastous. [...] Diretor do ambulatório da Clínica Médica da santa Casa, radiologista de crédito firmado, matéria que, aliás, contratado, já lecionou na Faculdade mesmo; diretor da *“Revista de Radiologia e Clínica”* e autor de inúmeros trabalhos científicos de incontestável mérito, o Dr. Saint-Pastous ajunta, no momento uma larga folha de serviços dedicado. (VÁRIAS. *A Federação*. 02 de julho de 1935, p. 3)

Em homenagem a Saint Pastous foi construído um obelisco, no Balneário Juca Batista, zona Sul da capital.



Imagem do Arquivo Histórico Moysés Velinho – 1967



Imagem do local onde localizava-se o obelisco, 2006.

Cabe perguntar: qual o imaginário sobre o obelisco que induziu à escolha desse tipo monumento para guardar a memória de Saint Pastous?

É o que se pretende discutir no capítulo a seguir.

3 OBELISCOS — GUARDIÕES DA HISTÓRIA GAÚCHA

A questão que encerra o capítulo anterior é extremamente complexa e inicia com a discussão sobre o que é o imaginário social.

Parte-se da idéia de que a imaginação e o imaginário estão diretamente ligados à condição humana e, por isso, a sua significação nunca é final, pois cada geração nasce com uma definição diferente acerca do homem e a utiliza para conceber a idéia do que é ou deveria ser imaginação. O social, por sua vez, tem um duplo sentido, segundo Bronislaw Baczko (1986:309). O primeiro faz a ligação do imaginário com o social, ou seja, a imaginação como representação da ordem social. O outro sentido seria a atividade imaginativa individual manifesta num fenômeno coletivo, pois todas as épocas têm suas modalidades diferentes de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, e acreditam, sentem e pensam de modo específico.

Nesse sentido, este capítulo discute os processos de escolha dos obeliscos como guardiões da memória do Rio Grande do Sul em duas modalidades de uso: a apropriação de obeliscos já existentes e a construção de novos. Ele começa pelo ato épico⁴⁸ dos gaúchos que, durante a Revolução de 1930, ataram as rédeas de seus cavalos no obelisco do Rio de Janeiro.

O estudo continua com o desdobramento do obelisco na imprensa, cinema e literatura.

⁴⁸ Utiliza-se a palavra épico num sinônimo de grandiosidade. Ver: Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa / Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S / C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Por último, apresenta-se os casos dos obeliscos do Rio Grande do Sul pautados, principalmente, nas questões alusivas à Revolução Farroupilha e os obeliscos referentes à imigração italiana.

2.1 O obelisco e o imaginário

A história das memórias, das escolhas, das idéias, enfim, de tudo o que contribuiu para a formação do imaginário coletivo de uma sociedade é, em última análise, a história da própria sociedade.

Por sua vez, a memória coletiva revela as lembranças socialmente compartilhadas e selecionadas pela comunidade.

É importante o que diz Baczkó a respeito da imaginação social. Ela faz parte de um vasto sistema simbólico que a coletividade produz e através do qual ela se reconhece: “(...) uma coletividade designa a sua identidade, elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento (...) (BACZKO, 1986:309). O autor entende que o imaginário passa a ser uma das forças reguladoras da vida coletiva, pois se é elaborado e consolidado por ela, torna-se uma das respostas que essa dá aos seus anseios.

Os imaginários sociais e os símbolos em que eles se assentam, fazem parte de sistemas complexos e compositórios, como os mitos, as religiões, as utopias e as ideologias. “Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro”

(BACZKO, 1985:312). Baczko crê que os imaginários sociais não funcionam isoladamente. Eles entram em relações diferenciadas e variáveis com outros tipos de imaginários, confundem-se muitas vezes, com eles e com sua simbologia, por exemplo, a utilização do simbolismo do sagrado a fim de legitimar o poder.

A geração de símbolos e ritos revolucionários é uma das facetas mais significativas da produção intensa de imaginários sociais. Os homens não caminham nus. Buscam símbolos e gestos a fim de se comunicarem e se reconhecerem. A multidão revolucionária, enquanto fenômeno novo, pressupõe não só uma presença coletiva em um princípio de estruturação, mas também uma comunidade de imaginação (BACZKO, 1985:321). As escolhas que o coletivo faz para representá-lo implica-se diretamente no entendimento do significado dessa escolha em si, seja ela uma ação, uma frase, um nome, um objeto, ou qualquer outro artifício. Portanto, é um ato consciente, proposital e de comum acordo com a maioria.

A partir desse pressuposto, analisa-se o caso do obelisco da Avenida Rio Branco que se tornou extremamente representativo para todo o Rio Grande do Sul, e também para o Brasil, a partir do episódio em que os gaúchos amarraram seus cavalos em torno dele, quando Getúlio Vargas subiu ao poder federal.

Nas eleições para presidente, em março de 1930, Getúlio Vargas, candidato apoiado pela Aliança Liberal, foi derrotado por Júlio Prestes. Essa derrota gerou uma rearticulação das forças opositoras, que culminou em um movimento conhecido como Revolução de 30⁴⁹.

⁴⁹ Para Boris Fausto, a Revolução de 1930 acabou com a hegemonia formada pela burguesia do café e expressou a necessidade de reestruturar o país, cujo funcionamento, voltado para um único gênero de exportação, tornava-se precário. A burguesia cafeeira se constitui como única classe nacional durante a Primeira República. Diante dela não surge nenhuma outra com capacidade de oferecer uma alternativa econômica e política viável. Nos anos vinte, munidos de um programa modernizador, o movimento do tenentismo é o mais importante ataque à burguesia cafeeira. “*O agravamento das tensões da década de vinte, as peripécias eleitorais das eleições de 1930, a crise econômica propiciam a criação de uma frente difusa, em março / outubro de 1930, que traduz a ambigüidade da resposta à dominação da classe hegemônica: em equilíbrio instável, contando com o apoio das classes médias de todo os centros urbanos, reúnem-se o setor militar, agora ampliado com alguns quadros superiores, e as classes dominantes regionais*”. Ver: FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930: História e Historiografia. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 113.

O movimento eclodiu no Rio Grande do Sul e Minas Gerais, simultaneamente, no dia 3 de outubro de 1930, e no Nordeste a revolução iniciou na madrugada do dia 4. Somente no Rio Grande do Sul, cerca de 50 mil voluntários que se apresentaram para lutar⁵⁰.

Depois da ocupação estratégica de várias capitais e com o deslocamento de tropas gaúchas em direção a São Paulo, Washington Luis, Presidente, recebeu um ultimato que exigia sua renúncia. Com a negativa, Washington Luis foi preso por militares, no dia 24 de outubro. Subiu então, ao poder, o gaúcho Getúlio Vargas.

Em pesquisa no *site* do CPDOC, lê-se o seguinte texto:

Em 31 de outubro, precedido por três mil soldados gaúchos, desembarcou no Rio, de uniforme militar e com um grande chapéu gaúcho, sendo recebido com uma manifestação apoteótica de apoio. Finalmente, em 3 de novembro de 1930, Getúlio Vargas tomou posse como chefe do Governo Provisório. Os soldados gaúchos fizeram então o que ficaria registrado na crônica como o gesto simbólico da vitória: amarraram seus cavalos no obelisco da avenida Rio Branco, no Rio⁵¹.

À luz do pensamento de Bakzco, essa atitude dos vitoriosos gaúchos, ao amarrarem os cavalos no obelisco em plena Avenida Rio Branco, denota muito mais que um gesto de desordem⁵². Traduz a efetivação da conquista, assumida por esses homens, num ápice sem precedentes, que remete ao mito do herói gaúcho.⁵³

O jornal Correio do Povo de outubro de 1930 traz notícia o levante em todo o país. Dentre as reportagens, há artigos assinados por Getúlio Vargas, cujo conteúdo revela muita perspicácia, buscando motivação através do sentimento de “valentia” e de “heroísmo” que se

⁵⁰ http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos20/ev_rev30_001.htm. Consulta realizada em 10/12/2006.

⁵¹ <http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes/htm54586.asp>. Consulta dia 10/12/06

⁵² Corroborar nossa posição as reportagens apresentadas nos jornais da época. Ver p. 51 e 52.

⁵³ Conforme Moacyr Flores, o pampa, como era chamada a região formada por parte da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, abrigava, além de diferentes tribos de índios, o gaúcho, também conhecido como gaudério. Este gaúcho não tinha pátria nem lar. Tratava-se de desertores, vagabundos, fugitivos, criminosos, tanto portugueses como espanhóis, negros e índios, marginalizados pela sociedade da época, que, segundo o autor, era a sociedade latifundiária e pecuarista em formação. Explica Flores, que Há duas correntes que explicam o gauchismo, uma criada pelo romantismo e outra baseada em documentos históricos. Na corrente romântica, o gaúcho recebeu atributos de cavaleiro medieval. Criou-se então, segundo este autor, uma tradição idealizada. “O mito do gaúcho não deixa de ser uma fuga de um presente que se industrializa para um passado idealizado no campo, onde as pessoas são honestas, boas, sinceras, valentes e hospitaleiras”. Ver: FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 7ª Ed. Porto Alegre: Ediplat, 2003. p.67.

perpetuou no Rio Grande do Sul desde a época da Revolução Farroupilha. Conforme registrado por Moacyr Flores, na obra *A Revolução Farroupilha*, o manifesto assinado por Bento Gonçalves, em 1838, declarava que “o povo rio-grandense se desligou do Império ao reassumir sua primitiva liberdade, constituindo-se em República independente para defender sua honra, felicidade e existência ameaçadas por um governo opressor, inexorável e tirano” (FLORES, 2004, p 87). Getúlio Vargas apela para esse sentimento ao convocar os homens para a Revolução: “Rio Grande, de pé, pelo Brasil! Não poderás falhar ao teu destino heróico.”⁵⁴.

Dando graça ao ocorrido, uma poesia evidencia o sentimento auspicioso do gaúcho mostrando de onde vem esse heroísmo, clamado por Vargas:

A caminho do Obelisco...

Para mostrar ao Nero prepotente
que o Rio Grande ainda é o mesmo do passado,
em armas, levantou-se a nossa gente,
na defesa de um ideal puro e sagrado!

Minas Geraes e o pequenino Estado,
do qual João Pessoa o presidente,
escutando do Sul heróico brado,
marcharam, decisivos para a frente!

E o povo pela glória já suspira...
mas o Cattete se arma com a mentira
p’ra prolongar o inevitável baque...

Conforme promettera: No obelisco
o gaúcho atará seu “pingo” arisco
após, há de barbear o “cavanhaque”!⁵⁵

Nota-se o toque erudito do discurso poético de Ferreira Brito, que destaca um imperador romano e um elemento da antiguidade egípcia em um contexto caipira regional.

Em outro trabalho significativo para o estudo da Egíptomania, Margaret Bakos buscou entender a gênese de uma poesia de Machado de Assis, cujo tema é o Egito Antigo.

⁵⁴ VARGAS, Getúlio. À Nação. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 de outubro de 1930.

⁵⁵ BRITO, Ferreira. A Caminho do Obelisco. *Correio do Povo*, outubro de 1930.

Denominado Cleópatra, o poema narra o caso de um personagem anônimo que se declara escravo de uma paixão por Cleópatra⁵⁶.

Conforme a autora, sua análise é pautada na esteira de Alfredo Bosi. Assim, Margaret entende que para analisar um poema é necessário saber que, na sua essência, esse gênero literário tem uma construção de cunho simbólico. Em conformidade a esse pensamento, interpreta que Machado de Assis usa a figura de Cleópatra como metáfora da força do amor. Mas, julgando-se um escravo, ainda que do amor da amada, esse personagem “simboliza o drama de milhares de compatriotas, encontrando eco no contexto brasileiro que estava se tornando abolicionista” (Bakos, 2003).

À luz dos estudos da autora, propõe-se interpretar o poema de Brito.

Para referir-se a Washington Luiz e a todo o poder do governo, Ferreira Brito buscou a figura de Nero, ao qual a história delega ações cruéis, num total desapego às preocupações da época. O anseio por parte da oligarquia gaúcha, que se sentia excluída da política central, veio à tona por duas ações específicas: amarrar os cavalos no obelisco que representava, naquele momento, o poder instituído; e o ato de barbear o cavanhaque: despojar de respeito o próprio governante.

De natureza nem um pouco comum, esse gesto dos gaúchos deflagrou certa animosidade entre estes e os cariocas. Ainda hoje, esse evento propicia discussões que versam sobre a intenção dos gaúchos. Tal sentimento pode ser exemplificado considerando-se um debate ocorrido após o minicurso apresentado na XII Jornada de Estudos do Oriente Antigo, cujo tema foi *O Egito Antigo no 3º Milênio*, e o título da apresentação, *Ícones do poder egípcio da antiguidade à modernidade: os obeliscos*. Com a intenção de demonstrar a presença dos obeliscos nas mais diversas situações da história, o assunto aguçou um dos participantes do curso, que se manifestou contrário à conclusão que estava sendo apresentada. Conhecedor do

⁵⁶ BAKOS, Margaret Marchiori. *O Egito Antigo: na fronteira entre ciência e imaginação*. IN: NOBRE, C.; DERQUEIRA, F.; POZZER, K. (ed.) *Fronteiras & Etnicidade no mundo antigo*. 13 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Pelotas, 2003: Canoas, 2005. 271-281.

episódio, salientou que em outros eventos que participara, a hipótese era de que os gaúchos poderiam estar descansando seus cavalos no monumento por não encontrarem local mais apropriado. O registro da situação, feito por um fotógrafo, teria, então, posteriormente, fomentado a imaginação (*muito mais criativa por parte dos gaúchos*⁵⁷) e provocado outras interpretações⁵⁸.

Todavia, no jornal *Correio do Povo*, editado em 1930, há uma referência ao mesmo episódio: um artigo cujo conteúdo mostra que o sucedido fora pensado de antemão:

Em torno do obelisco

Àquele obelisco que se ergue em plena Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, está reservada uma página curiosíssima na história do movimento da regeneração nacional.

Um dia, alguém por “blague” atribuiu ao General Flores da Cunha a frase, que logo se tornou celebre, sobre a amarração dos cavalos do Rio Grande no obelisco da Avenida. Os jornais reacionários entraram a ridicularizar a frase.

- Bravata! Aquela gente do sul só tem “garganta”...

‘O paíz’, uma folha de luxo, com circulação limitadíssima e que vive às abas dos maus governos do Cattete, há quinze ou vinte dias, chamando-nos de ‘roncadores, incapazes de ação’, reavivou, entre motejos e chacotas grosseiras, a gostosa ‘blague’ dos corcéis gaúchos amarrados ao obelisco.

A frase, entretanto, parece que em breve, terá a confirmação dos próprios fatos. Ai vem o dia da cerimônia memorável: o dia em que os guerreiros do sul, aliados a seus irmãos de todo o Brasil, atarão seus fogosos cavalos no monumento que não só o sarcasmo como o próprio heroísmo imortalizarão...⁵⁹

A idéia de amarrar os cavalos no obelisco não foi inédita, como também não era desconhecida a animosidade entre gaúchos e cariocas, extravasada por esses em expressões como: ‘(...) *Aquella gente só tem garganta(...)*’; ‘(...) *roncadores, incapazes de ação(...)*’.

Aqueles que idealizaram tal ocorrência sabiam da importância do monumento no contexto social e econômico do Rio de Janeiro, e também quão relevante era a Avenida Rio Branco para o escoamento da cidade.

⁵⁷ Grifo nosso.

⁵⁸ SARAIVA, Marcia Raquel de Brito. Minicurso: *Ícones do poder egípcio da Antiguidade a modernidade: os obeliscos*. XII JORNADA DE ESTUDOS DO ORIENTE ANTIGO. PUCRS, 2006. Palestra realizada durante o Mini-Curso, que ocorre um dia antes da abertura oficial da Jornada. A questão partiu de um ouvinte da palestra que manifestou sua opinião e o seu conhecimento a respeito do assunto.

⁵⁹ EM TORNO DO OBELISCO. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 06 de outubro de 1930.

Outro artigo do Jornal *Correio do Povo* corrobora a animosidade entre os gaúchos e os cariocas. Considerando a ameaça dos gaúchos uma anedota, o governo federal despertou no Rio Grande do Sul o desejo de contrapartida: tiveram a idéia de oferecer à cidade carioca um novo monumento que seria marco da gloriosa vitória do Rio Grande do Sul.

O Obelisco da Avenida

A campanha de ridículo com que os escribas do Cattete sonhavam em anular o Rio Grande, teve no obelisco da Avenida um dos seus motivos mais insistentes.

Os jornais estipendiados pelo governo federal tiveram o cuidado de divulgar a rosa dos ventos que a representação gaúcha teria ameaçado a capital da República de que os centauros do Rio Grande iriam em breve amarrar os seus cavalos naquele pequeno monumento da principal artéria da metrópole.

Depois de haverem emprestado um cunho de indesmentível veracidade á pequenina infâmia – são proteicos os profissionais da difamação – repetiram-na com sarcasmo e fizeram-na mote para a glosa insula de todos os epicuristas ligados ao Cattete.

Devem agora estar eles sentindo que, sem bravatas e sem ameaças, o Rio Grande podia, á hora que lhe aprouvesse, amarrar no obelisco, já hoje famoso, a sua galharda, invencível e tradicional cavalaria.

Não se pense, porém, que o Rio Grande deixou no solo a luva que lhe foi lançada.

Corre, já, em todas as camadas de nossa população a idéia de um revide admirável ao ridículo com que quiseram menosprezar o Rio Grande: afastar alguns metros o obelisco e erigir, no lugar dele, um monumento em bronze – um gaúcho a cavalo. No pedestal da estatua apenas a inscrição: ‘3 de outubro de 1930’⁶⁰.

Assim, evidencia-se que o acaso nada teve a ver com o cerco ao obelisco. Foi dessa forma que os gaúchos entenderam poder representar, de modo mais rápido, a sensação de poder. Por conta do imaginário coletivo, um significado de incontestável sentimento de superioridade foi investido nessa epopéia.

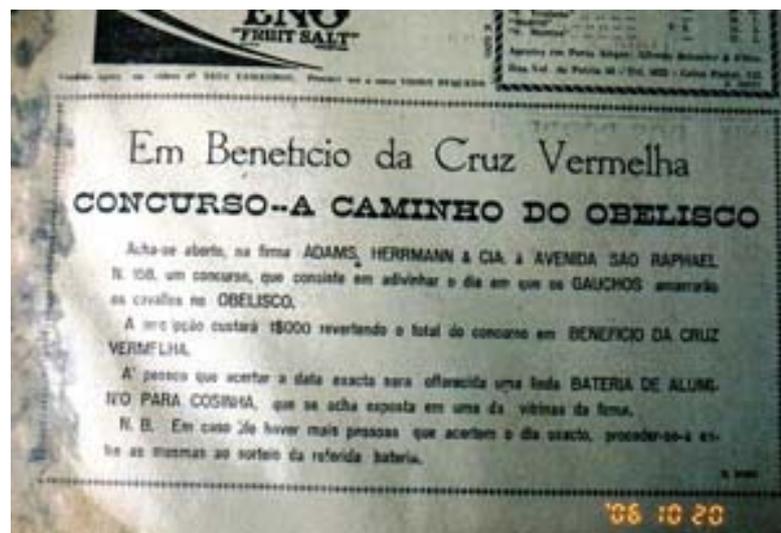
Tão popular tornou-se o episódio no Estado, que uma peça teatral foi realizada, com repetidos convites no jornal.

⁶⁰ O OBELISCO DA AVENIDA. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 de outubro de 1930.



Anúncio da peça Teatral A Caminho do Obelisco. Anúncios. A Federação, Porto Alegre, 12 de outubro de 1930.

Também foi feito um concurso, em Benefício à Cruz Vermelha, premiando com uma bateria de alumínio para cozinha, aquele que adivinhasse o dia exato em que os gaúchos amarrariam os cavalos no obelisco.



Anúncio do Concurso: A Caminho do Obelisco. Secções. A Federação. Porto Alegre, 22 de outubro de 1930.

Para se entender esse imaginário que permeou todas essas interpretações, é preciso compreender o contexto da época em que o obelisco foi construído, buscando-se assim, argumentos que auxiliem a interpretar a escolha desse monumento.

A remodelação da capital do Império teve por base as reformas ocorridas na cidade de Paris, por conta da administração do Barão Haussman. Considerada capital do século, conforme Walter Benjamim, foi, também designada como paradigma da “cidade moderna”.⁶¹ Este centro sofreu, em meados do século XIX, uma profunda transformação, promovida pelo então prefeito Barão Georges-Eugène Haussmann, que transformou Paris em um *mito*, espalhando-o ao mundo civilizado que procurava um modelo para construir uma imagem de cidade moderna, criando ou forjando uma identidade nacional própria.⁶²

As principais ações de Haussmann nesse processo de reforma podem ser divididas em três etapas, conforme Pesavento. Num primeiro momento, o prefeito dá seguimento àquilo que já estava sendo feito, como o alargamento de ruas, cuja ação implicou evacuação de terrenos, demolição de ruelas estreitas, mudança forçada da população para a periferia.⁶³

Num segundo feito, realizou o grande cruzamento de Paris, que tinha como ponto central o *Chatélet*: no sentido leste-oeste, era representado pela *Rue de Rivoli* e, no sentido norte-sul, pelo *Boulevard de Strasbourg* e pelo *Boulevard de Sebastopol*, ambos na margem direita do Sena, passando a ser prolongado para a margem direita, e, ainda, a abertura do *Boulevard de Saint Michel*.

⁶¹ PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 24.

⁶² Pesavento explica o termo “mito de Paris” a partir da concepção da cidade como “além do bem e do mal” Para a autora, é a representação contemporânea da metrópole constituída por um imaginário social que emerge com a experiência histórica coletiva e individual da modernidade. Callois considera que o “mito de Paris” dá novos poderes à Literatura, à medida que a ficção renuncia a seu mundo autônomo para tentar aquilo que, segundo Pesavento, Baudelaire chama de “a tradução legendária da vida exterior”. PESAVENTO, 2004:52)

⁶³ Pesavento cita o alargamento da Rue de Rivoli, de um lado, até o Louvre e a Place de La Concorde e, de outro, até o hotel de Ville e, posteriormente, até a Bastille. O alargamento dessas avenidas muda completamente o visual dos quarteirões da antiga Paris.

Por último, Haussmann empreendeu a ação de trazer a natureza para o espaço urbanizado, recriando uma natureza artificial dentro da cidade, através produção de montanhas, lagos, cascatas, bosques e pontes. O intento daria ao povo um meio de lazer saudável.

A influência desse país, em termos de organização do espaço urbano, já era sentida no Brasil desde a vinda da Missão Francesa.

A convite da Corte Portuguesa veio para o Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa, chefiada por Joaquim Lebreton, e composta por um grupo de artistas, dos quais faziam parte os pintores Jean Baptista Debret e Nicolas Antoine Taunay, os escultores Auguste Marie Taunay, Marc e Zéphirin Ferrez e o arquiteto Grandjean de Montigny. Foi esse grupo que, em 1816, organizou a *Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios*, transformada, em 1826, na *Imperial Academia e Escola de Belas Artes*.

Ainda no campo da arquitetura, o estilo desenvolvido pela Missão foi o neoclássico, em substituição ao estilo barroco. Grandjean de Montigny⁶⁴ foi o responsável por essa mudança, e autor dos projetos do prédio da Academia de Belas-Artes, da Casa da Moeda (atual Casa França-Brasil) e do Solar da Baronesa, situado onde é hoje o atual campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.⁶⁵

Ao longo do século XIX, os portos do Rio de Janeiro foram o local de chegada das idéias que se espalhavam pela América, vindas da Europa, permitindo, então, o contato com os planejamentos reformadores de Haussmann. A vinda da Família Real para o Brasil, em 1808 gerou mudança significativa no processo de urbanização da cidade, que ficou conhecida

⁶⁴ Auguste-Henri-Victor Grandjean de Montigny mudou-se para o Rio de Janeiro em 1816. Recebeu o primeiro título oficialmente concedido neste país de Professor de Arquitetura. Seus princípios de circulação e higiene fizeram com que seus projetos visassem modificações radicais das plantas de arquitetura usadas na época, utilizando para tal, suas concepções neoclássicas. Mais informações disponível em www.pitoresco.com.br/grandjean.

⁶⁵ Informações disponíveis em www.multirio.gov.br/história

como *a maior cidade colonial*, sede da Corte⁶⁶. O impulso urbano que o Rio de Janeiro sofreu fez com que a população crescesse, e a cidade colonial precisou otimizar-se por ser sede de uma monarquia. No bojo dessas transformações aparecem as primeiras criações de egiptomania. “As primeiras e mais belas obras arquitetônicas com elementos egípcios foram erguidas no país também por iniciativa da família real” (BAKOS, 2004: 17).

Quando passou de capital do Reino Unido à Capital do Império Brasileiro, os problemas da cidade carioca se agravaram, tornando-se, à época, o maior centro urbano do país, tendo o maior porto, maior núcleo de escoamento da produção de café e maior mercado de escravos do país.

Durante todo o século XIX, o contato com a França promoveu idéias para o Rio de Janeiro que crescia e que precisava ser reformulado. O exemplo bem-sucedido do barão Haussmann impressionou Pereira Passos, o qual, em 1874, participou da Comissão de Melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro, preocupado com questões urbanístico-sanitárias, de higiene e estéticas da cidade e visava melhorias urbanas.

Pereira Passos foi o prefeito do Rio de Janeiro de 1902 a 1904, quando teve início o projeto de remodelação urbana da capital. Demolições na Cidade Velha, desaparecimento de cortiços, becos, abertura de vias amplas e arejadas, aterro na parte norte do cais, originaram grandes avenidas, por exemplo, a Avenida Central que conectava o porto com o centro da cidade. Esses foram alguns dos resultados do projeto.

“Simbolicamente, a intenção era tornar o Rio de Janeiro uma metrópole moderna, aceitável, desejável, espécie de Paris à beira-mar (...). um projeto à feição das aspirações mais caras de uma elite educada à européia, inspirada em matrizes francesas, tendo por meta uma ‘cidade ideal’ do tipo parisiense” (PESAVENTO, 2002. p. 176).

⁶⁶ PESAVENTO, op. Cit. p.164.

É lugar comum na historiografia que a cidade do Rio de Janeiro tenha sido transformada em uma Paris americana, pois foi modernizada segundo os padrões adotados pelo Barão Haussmann. Entre os monumentos que sinalizam o processo urbano na capital nacional, acompanhando o crescimento da cidade, estão os obeliscos.

Na cidade do Rio de Janeiro, Margaret Bakos descobre a presença desses monumentos ali existentes desde 1748, quando aparece um chafariz, conhecido como *Chafariz das Saracuras*, projetado por Mestre Valentin, construído para fornecer água ao “Convento da Ajuda”, propriedade das freiras clarissas. As bicas são em forma de pássaro saracura, que se assemelha ao pássaro Íbis, uma das representações do deus egípcio *Thot*, o qual teria ensinado a escrita aos homens (BAKOS, 2004: 60)

Em 1906, foi construído o obelisco da Avenida Rio Branco, marco de abertura da Avenida Central. O monumento seria, assim, um registro do impulso rumo ao progresso, à procura de avanços objetivando a superação do passado, seguindo para a modernidade.

Na Praça de *La Concorde*, situada na principal avenida de Paris, está o mais antigo monumento desta cidade: o obelisco de Ramsés II, doado pelo monarca Mohamed Ali a Luis XVIII.

Em 1814 o rei da França solicitou ao monarca Mohamed Ali a doação de um obelisco para sua capital que sem dúvida seria uma forma de celebração e restabelecimento da Monarquia na França. Procurando favorecimento com a França para ganhar suporte contra a Turquia, e também a ajudá-lo na modernização do Egito, Ali ofereceu à França o ainda de pé obelisco de Tutmósis III em Alexandria. Mas ele foi persuadido a oferecer o caído à Inglaterra. Assim como a França preparou o transporte do obelisco, a Inglaterra foi bem sucedida em sua persuasão a Mohamed Ali no sentido de ceder os direitos para eles sobre o par de obeliscos que ficam enfrente ao templo de Luxor. Sob pressão, Ali ofereceu à Inglaterra o magnífico obelisco de Hatshepsut em Karnak, cedendo o par de obeliscos de Luxor para a França para cuja ainda manteve o obelisco de Alexandria. A Inglaterra aceitou. Entretanto, considerando que a França não conseguiria transportar os três obeliscos optou seguindo os conselhos de Champollion, por transportar primeiro o mais bonito deles todos, aquele a Oeste da entrada do templo de Luxor.

Quando Lebas, o engenheiro apontado para dirigir as operações de transporte agradeceu ele por assegurar o obelisco para a França. E assim, Mohamed Ali respondeu:

“Eu dei à França a relíquia de uma civilização Antiga, esta é a mudança para a nova civilização que expandiu as suas sementes no Oriente. Deixe o obelisco ser um laço entre os nossos dois países”.

Em 25 de outubro de 1836, o obelisco foi erguido no Praça da Concórdia em Paris⁶⁷.

Na capital francesa, o obelisco faz, assim, uma dupla celebração: o restabelecimento de um governo e a consolidação de um relacionamento estável entre dois países, Egito e França; no caso do obelisco do Rio de Janeiro: foi a vitória na Revolução de 1930. A modalidade de apropriação dos obeliscos aqui demonstrada não é o único caso. Essa modalidade repete-se, ainda, na literatura e no cinema, em que escritores e diretores, respectivamente, fazem uso desse tipo de apropriação.

O obelisco do Rio de Janeiro, à época de sua construção, foi um marco ligado à modernização da cidade seguindo o estilo europeu. Esse foi o monumento onde os gaúchos amarraram os seus cavalos. Evidencia-se, assim, que o episódio, acima de tudo, significou uma mudança firmada em idéias inovadoras, direcionadas ao desenvolvimento do país, visto que a Revolução de 1930 findou com a Primeira República.

2.2 O obelisco: sua a inserção na literatura e no cinema

⁶⁷ “ In 1814, Louis XVIII asked Mohammed Ali to Grant him an obelisk for his capital, no doubt as a form of celebration for the re-establishment of kingship in France. Seeking favour with the French to gain their support against Turkey and to help him in modernizing Egypt, Ali offered the French the still standing obelisk of Tuthmosis III at Alexandria, but he was coaxed into offering the fallen one to the British (Bourbon 1996: 30-31). As the French prepared to transport the obelisk, the British succeeded in also persuading Mohammed Ali to assign them the pair of obelisks standing in front of the Luxor temple. Under pressure, Ali offered the British the magnificent obelisk of Hatshepsut in Karnak, ceding the pair of Luxor obelisks to the French, who would also keep the standing Alexandria obelisk. The British accepted. However, on consideration the French realized that they could not transport three obelisks and opted, following Champollion’s advice, to transport first the most beautiful of them all, the one west of the entrance to the Luxor Temple (Bourbon 1993: 136, 157; Habachi 1984: 152-158).

When Lebas, the engineer appointed to direct transport operations, thanked him for securing the obelisk for France, Mohammed Ali (quoted in Tompkins 1981: 238) replied:

I give her (France) the relic of an old civilization, it is in exchange for the new civilization of which she had spread the seeds in Orient. Let the Obelisk be a tie between our two countries.

On 25 October 1936, the obelisk was erected in the Place de la Concorde, Paris”. HASSAN, op. Cit. p. 61.

Seguindo a perspectiva de análise da escolha do obelisco como guardião de uma memória, a partir da apropriação de monumentos existentes, analisa-se a inserção dos obeliscos na literatura regional e internacional, tendo como referência a função que o autor delegou ao monumento na composição da sua obra. Também se faz uma breve reflexão sobre o aparecimento de obeliscos no cinema nacional e internacional.

2.2.1 O obelisco e a literatura

Em estudo realizado em 2004, parte da pesquisa foi dedicada ao estudo de casos em que os obeliscos apareciam inseridos no contexto literário e no cinema⁶⁸. Foram encontradas dez poesias e três narrativas literárias em forma de romance. Na tentativa de averiguar o significado da palavra “obelisco”, no contexto, e verificar se conferia ou não com o sentido atribuído a essa mesma palavra na antiguidade egípcia foram analisadas seis das dez poesias (BRITO, 2004: 23).

Metáfora para sensualidade, atribuição de poder, capacidade de controle, desprezo e valorização de tesouro, foram algumas das atribuições atreladas à palavra obelisco, no enredo em que foram aproveitadas. Dos romances encontrados, dois eram literatura brasileira e uma estrangeira: *Gaúchos no Obelisco*⁶⁹ (1984), *O Tempo e o Vento*⁷⁰ (1949-1962) e *Sangue no Obelisco*⁷¹ (1975).

⁶⁸ BRITO, Marcia Raquel de. *Obeliscos Egípcios: História e Transculturação*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Monografia (Bacharelado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientação: BAKOS, Margaret Marchiori.

⁶⁹ MARTINS, Cyro. *Gaúchos no Obelisco*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1984.

⁷⁰ VERÍSSIMO, Érico. O Arquipélago. In: *O Tempo e o Vento – Tomo III*. 11ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

⁷¹ MARTON, George e BURREN, Michael. *Sangue no Obelisco*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1975.

Sangue no Obelisco, romance escrito por George Marton e Michael Burren, narra a ação de um carrasco nazista de Lyon, França, que em uma floresta, executa prisioneiros de guerra. Como testemunha do fato, um obelisco. Três pessoas passaram a perseguir o nazista que desapareceu após o término da guerra, com o objetivo de um ajuste de contas próximo ao mesmo obelisco, considerado cúmplice dos assassinatos. A história envolve um movimento terrorista Palestino e a Máfia Francesa⁷².

Cyro Martins é o autor do romance contextualizado no período da história do Brasil, entre 1929 e 1937, no cenário da política gaúcha e carioca da época. O romance narra a atmosfera política que precedeu 1930, descrevendo cenários, famílias, o cotidiano de Porto Alegre, na perspectiva histórica. O ponto alto do romance é o momento em que alguns homens de Flores da Cunha encilham seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco. O autor, adotou o episódio do obelisco para título, por julgá-lo simbólico do arrebatamento da época e do triunfo revolucionário, conforme se lê na orelha / resumo do livro⁷³.

Por último, citou-se o trecho da obra *O Tempo e o Vento*, uma das mais importantes narrativas literárias da história do Rio Grande do Sul, a qual encerra importantes episódios históricos mesclados com personagens criados com a maestria que somente Erico Veríssimo possui.

“*O Cavalo e o Obelisco*” intitula um capítulo que se encontra em *O Arquipélago 3*, onde Santa Fé, a cidade da história, prepara-se para a Revolução de 1930.

Transcreve-se aqui, a citação em que Rodrigo Cambará é visitado pelo filho Floriano e pelo amigo Roque Bandeira:

- Quero mostrar a vocês um documento histórico precioso que encontrei hoje numa gaveta – diz Rodrigo, tirando do bolso da camisa um pequeno instantâneo fotográfico e entregando-o ao filho.

⁷² BRITO, 2004. op. cit p 31-32.

⁷³ BRITO, 2004. op. cit. p. 33.

Florianos sorri, vendo na foto três gaúchos – chapelões de abas largas com barbicacho, lenços vermelhos, bombachas, botas e esporas – postados à frente do obelisco da Avenida Rio Branco e cercados de curiosos.

- Reconheces os heróis?
- Claro. O Neco, o Chiru e o Liroca.
- Queriam por força amarrar os cavalos ao obelisco – sorri Rodrigo. – Diziam que era um compromisso sagrado. Não foi fácil tirar a idéia da cabeça deles... Me deram um trabalho danado.
- Mas, afinal de contas – pergunta Bandeira – amarrar nossos cavalos no obelisco não foi o objetivo principal da Revolução de 30?
- Não me venhas com tuas ironias – repreende-o Rodrigo.
- Quer dizer então que o movimento tinha mesmo um conteúdo ideológico?
- Tu sabes que tinha, não te faças de tolo. (VERÍSSIMO.1962: 709)

Na lista de escritores gaúchos que se valem do episódio dos cavalos atados ao obelisco, durante a Revolução de 1930, encontra-se o Escritor Moacyr Scliar. Também médico especialista em saúde pública, esse porto-alegrense é autor de mais de sessenta livros, publicados em dezoito países e com várias obras adaptadas para o cinema.

*Cavalos e Obeliscos*⁷⁴ é uma obra que trata de um tema tipicamente gaúcho, cujo personagem principal, Ernesto, chega ao Rio de Janeiro depois de ter um texto selecionado para a televisão. O tema do texto eram as histórias contadas a respeito do seu avô, pelo próprio pai. Eram narrativas do lendário coronel Picucha, que combatera na Revolução de 1923 e um dia desaparecera. Ao passear pelo Rio de Janeiro, o jovem Ernesto é abordado por um idoso. Era o próprio coronel Picucha.

Dentre as histórias que o seu avô Picucha lhe contou, após o encontro, está o episódio inusitado do obelisco da Avenida Rio Branco.

(...) Getúlio Vargas – disse, e o tom agora era respeitoso, de admiração. – Aquele foi um grande homem. Pelo menos no início de sua carreira, que foi quando o conheci. Depois virou populista, meteu-se com uma corja de pelegos, acabou tendo aquele fim trágico. Mas em trinta Getúlio era o caudilho legítimo, o homem capaz de abrir seu próprio caminho de peito aberto. Ele sabia que eu andava rolando para lá e para cá, mandou me chamar. Picucha, disse, quero que te ajuntes a mim, vamos mostrar a esse Brasil o que é o Rio Grande. Com todo o prazer, eu disse, rindo de

⁷⁴ SCLIAR, Moacyr. *Cavalos e Obeliscos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981. 60p.

gosto. Ele achou graça, mas depois ficou sério: quero que me prometas, ele disse, que acabada a revolução vais voltar para a tua mulher e teu filho; aliás, eu mesmo vou te levar a eles, Picucha. Respondi: com o senhor vou a qualquer lugar. E começamos a subir para o Rio. Foi no meio dessa jornada que me ocorreu a idéia de amarrarmos os nossos cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco.

- Mas a idéia foi sua? – Ernesto espantado.

- Foi minha sim – disse o velho irritado. – Por quê? Me achas incapaz de ter tido essa idéia? Eu, o homem que laçou o avião dos chimangos? Tive essa idéia, e tive muitas outras, que botei em prática, mas agora até perdi a vontade de contar.

Calou-se amuado.

- Me desculpe – disse Ernesto constrangido. – Eu não quis ofender. Continue, por favor.

- Bom, disse o velho, ainda indignado – mas então não me faz mais essas perguntas impertinentes. Isso me irrita muito; para dizer a verdade, é a coisa que mais me irrita, duvidarem de mim. Mas então: tive a idéia de amarrar os cavalos no obelisco e logo compreendi que aquilo teria enorme importância, seria o símbolo da nossa vitória, entendeste? De modos que fui ao Getúlio, contei o plano.. ele não aprovou de imediato – naquela época já estava ficando esperto, finório – depois concordou, mas disse que não tomaria conhecimento oficial do assunto. A coisa deveria parecer espontânea, um gesto tipicamente gaúcho, o que impressionaria ainda mais os cariocas. A operação foi ficando sob meu comando, reuni um grupo de cabras fiéis, disse-lhes o que íamos fazer, perguntei quem iria comigo. E adverti: não sei se será perigoso ou não, mas quero que a coisa seja feita com dignidade. Que se mostre ao mundo de uma vez por todas que o gaúcho não é lacaio. Como eu esperava, nenhum recuou. E assim, quando chegamos ao Rio, a primeira coisa que fizemos foi ir ao obelisco...

- E amarraram lá os cavalos? – Ernesto, os olhos brilhando.

Mas claro – disse Picucha. Hesitou e – tom agora era de leve contrariedade – prosseguiu:

- Quer dizer: eles amarraram. Eu não.

- Mas por quê? Ernesto, desapontado.

- Porque eu estava bêbado - disse o coronel, seco. – Bêbado como um gambá. Estava comemorando nossa vitória, entendeu? Então bebi. Quando chegamos ao obelisco estava tão bêbado que não consegui dar o nó nas rédeas. E o pior é que meu cavalo, que nunca se assustava com nada, de repente ouviu uma buzina estridente e disparou. Saiu galopando avenida acima e eu atrás dele. Uma pena.

(...) – Depois? – disse o velho, numa voz incolor. – Ora, depois não aconteceu mais nada que valha a pena contar. Fiquei trabalhando com o Getúlio, mas os cariocas deram um jeito de me afastar dele. Me arranjaram um carguinho burocrático, depois outro menos importante, até que enjoei daquilo e larguei. Os cariocas são gente muito matreira, Ernesto. Tinham raiva de mim... Porque eu era de confiança do Presidente e também porque eu lhes lembrava constantemente o dia em que amarramos os cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco. E com Getúlio, tu sabes o que aconteceu. Não terminaria assim, te garanto, se eu tivesse junto a ele. Se matar? Nunca. Eu não deixaria. Faria ele brigar até o fim. Contra os gringos, contra quem fosse (SCLIAR, 1981: 29).

Ao final da narrativa, Picucha perguntou ao suposto neto se a história suscitaria interesse ao pessoal da TV.

- Tu achas – insistiu o velho - que o pessoal da TV vai gostar desses causos?

- Claro que vai.

- Que bom. Fico contente... por ti. – Uma idéia incômoda ocorreu-lhe: - Mas tu achas que os cariocas vão topa essas histórias? Tu achas que eles vão mostrar na TV os gaúchos amarrando os cavalos no obelisco?
- Talvez façam uma adaptação...(SCLIAR, 1981:31).

Moacyr Scliar, nessa obra, retrata o gaúcho estancieiro, a imagem do gaúcho valente e corajoso, destemido e leal. Aquele gaúcho que faz parte do imaginário coletivo, presença heróica dos pampas.

O contato que se fez com o escritor Moacyr Scliar, através do seu endereço eletrônico, disponível na coluna do jornal Zero Hora, do qual é colunista, teve o intuito de saber o que o levou a escrever sobre a façanha de um grupo de homens que amarraram seus cavalos num obelisco. Scliar respondeu que o livro partiu do seu interesse em escrever sobre um episódio acontecido na Revolução de 1930, mas que a história contada não era real.

Em um contato posterior que se fez com esse autor, desta vez antes de uma palestra que ele iria proferir, Scliar falou novamente sobre o caráter fictício da obra, salvo o acontecimento documentado: os cavalos atados no obelisco. Também falou sobre a importância que atribui ao acontecido, considerando-o pouco discutido em termos históricos.

Nas narrativas que incluem os obeliscos, salienta-se o episódio que envolve o obelisco do Rio de Janeiro e as desavenças entre cariocas e gaúchos. Os personagens que aparecem na literatura acima citada tem seus nomes transmutados de acordo com a visão do autor da obra: os homens de Flores da Cunha, segundo Cyro Martins; Neco, Chiru e Liroca, segundo o olhar de Rodrigo Cambará⁷⁵, o personagem central de *O Tempo e o Vento*; e Picucha, na ótica de Moacyr Scliar.

O nome dos realizadores dessa façanha não importa para este estudo, porque nele se privilegiaram escolhas do momento que incutem o imaginário que elabora a própria identidade gaúcha, levada ao ápice naquele ato.

⁷⁵ Personagem fictício narrador do episódio, na obra *O Tempo e o Vento – O Arquipélago*.

A análise de Zilá Bernd soma-se à presente. Para essa outra, a construção de uma nação passa pela recuperação e afirmação de identidade nacional a qual se funda num patrimônio comum de mitos, lendas, tradições orais e feitos históricos com seus respectivos heróis. A preservação desse patrimônio é o legado maior que uma geração transfere à outra (BERND, 2003, p. 89).

Essa passagem da história, inserida na literatura, sobre o obelisco do Rio de Janeiro, colabora para a afirmação da identidade do gaúcho eternizada como herói. Não se trata, apenas, da afirmação de identidade regional, mas sim, na de homens que tradicionalmente não temem as lutas dentro das esferas políticas e sociais.

Ainda sobre obelisco, outra obra tornou-se conhecida mundialmente, em parte pelo assunto polêmico que levanta⁷⁶: *O Código Da Vinci*⁷⁷. Livro, posteriormente adaptado para o cinema⁷⁸, conta a história da linhagem do Santo Graal, baseando-se na crença de que Jesus Cristo ter-se-ia casado com Maria Madalena e que, desta união, haveria uma descendência. A história inicia com um assassinato. O professor Langdon, especializado em leitura de símbolos, é o principal suspeito, por conta de determinadas pistas deixadas pela vítima fatal. A fim de provar sua inocência, o professor precisa decifrar todos os segredos, entender o que aconteceu antes do crime e o que levou a vítima a indicar o seu nome antes de morrer.

Já, no segundo capítulo do livro, um homem chamado Silas faz uma ligação e assume seu envolvimento nos crimes. Por ordem de seu mestre, Aringarosa, vai a Paris no intuito de encontrar um objeto que, supostamente, estaria dentro da Igreja *Saint-Sulpice*. Ao chegar, o discípulo se desvencilha da madre que o recebe e, sozinho, admira o monumento.

⁷⁶ O livro traz à tona questões sobre a vida de Jesus Cristo. Por conta disto, a *National Geographic Channel* exibiu um documentário, incluindo entrevistas com personalidades ligadas à Igreja, entre outras a Católica, e o próprio escritor Dan Brown, contrapondo opiniões e mostrando ainda outras pesquisas sobre o assunto.

⁷⁷ BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*; tradução de Celina Cavalcante Falk-Cook – Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

⁷⁸ O filme *O Código Da Vinci* foi dirigido por Ron Howard e estreou em 2006, EUA. No papel do professor Langdon, o ator Tom Hanks.

Silas olhou pensativo para o alto do obelisco de Saint-Sulpice, calculando a altura daquele impressionante monumento de mármore. Seus tendões vibraram de euforia. Olhou em torno uma vez para se certificar de que estava sozinho na igreja. Então, ajoelhou-se junto à base da estrutura, não por reverência, mas por necessidade.

A pedra-chave está escondida sob a linha Rosa.

Na base do obelisco de Saint-Sulpice [...].(BROWN, 2004:125).

É do conhecimento geral a polêmica em torno desse livro, por conta da posição de algumas igrejas cristãs frente às interpretações que Dan Brown utilizou para tornar sua obra mais interessante. Em uma reportagem, o jornal Zero Hora⁷⁹ salienta que a Europa chegou a criar uma pequena indústria turística com roteiro baseado nos enigmas da história *mística*. Entre os lugares visitados, evidencia-se a Igreja de *Saint Sulpice*, em Paris, onde está um obelisco que participa da história.

Esse monumento, que interessou aos leitores de várias partes do mundo, também interessa, aqui, pelo significado que lhe foi dado por Dan Brown. Uma atmosfera mística e de segredo envolve o ambiente da Igreja quando o personagem olha para o obelisco. Esperando encontrar nele uma chave do interesse da ordem à qual pertence, a *Opus Dei*, o personagem Silas procura, golpeando o chão próximo à base do monumento, abrir alguma fenda, e encontra uma pedra com a seguinte inscrição: *Jó, 38:11*. Ao procurar o versículo, eis a mensagem que o obelisco revela: “*TU CHEGARÁS ATÉ ESTE PONTO E DAQUI NÃO PASSARÁS*” (BROWN, 2004:139).

Uma interpretação a respeito da existência desse obelisco dentro da igreja de Saint Sulpice pode remeter à apropriação, pela igreja, de dois símbolos preexistentes: um, a linha rosa que em tempos antigos dividia, segundo a crença comum, a Terra em dois hemisférios iguais; outro, seria a presença do próprio obelisco sobre esta linha, o que dá ao filme um tom misterioso, porque ele não explica o motivo de o monumento estar naquele local.

⁷⁹ ERTEL, Lurdete. No rastro do mistério. *Zero Hora.*, 10 de setembro de 2004. Informe Econômico, p.28.

Na esfera da literatura, arrisca-se, aqui, a falar um pouco sobre a história em sala de aula. De modo algum se quer abrir uma discussão filosófica de tom conceitual sobre Educação, mas fazer um breve comentário sobre as fontes que podem cruzar informações com a história.

A literatura é uma maneira não tanto convencional, mas que interdisciplinarmente, pode aguçar a curiosidade dos estudantes e despertar um interesse maior pela história. França Paiva⁸⁰ diz que o professor de história tem que ser um bom historiador, e como tal, deve saber lidar criticamente com as fontes e com a diversidade de registros existentes. É preciso interrogá-los, interpretá-los e explorá-los no intuito de que sirvam às versões.

Isso é o que deveria ocorrer nas salas de aula desde o ensino fundamental. (...) trata-se de desenvolver, de maneira adaptada à idade e as condições materiais e culturais existentes, suas competências, suas habilidades e a capacidade de, assim, ler criticamente não apenas a história dos livros e da escola, mas principalmente, a história do seu tempo, a própria vida cotidiana na qual eles desempenham importante papel transformador”(PAIVA, 2002, p. 13).

O estudo da história, a partir dessa perspectiva, motivaria o interesse pelos monumentos e promoveria um debate substancial para a retomada da valorização que merecem, hoje em quase total abandono. Assim, retornar-se-ia o interesse pelos obeliscos que guardavam memórias ímpares, como o obelisco do Rio de Janeiro, restabelecendo a comunicação com esses artefatos que já foram símbolo de grandes conquistas e de tantas histórias.

2.2.2 O obelisco e o cinema.

⁸⁰ PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

Semelhante à literatura, o cinema também apresenta o obelisco em diferentes contextualizações, sob a mesma ótica de investir significados aos monumentos já existentes. Ele pode aparecer como mero elemento figurativo, mas também pode ser a representação de algo mais importante para a narração, constituindo significados que traduzem idéias preconcebidas e que visualizam nesse monumento o melhor meio de representação.

Em uma entrevista concedida à revista *Cahiers du Cinema*, publicada em um capítulo do livro *Cinema e História*, Marc Ferro diz que a imagem foi, por muito tempo, desprezada pelas classes dirigentes e subordinada ao texto⁸¹. E destaca: “*Sem dúvida, esses cineastas, conscientemente ou não, estão cada um a serviço de uma causa, de uma ideologia, explicitamente ou sem colocar abertamente as questões*” (FERRO, 1992:14).

A presença dos obeliscos aparece muito mais no cinema internacional. No filme americano *Bad Boys II*, ele está em uma praça, cuja cena mostra um dos personagens sendo morto em frente ao monumento. O filme *Senhor Dos Anéis-A Sociedade do Anel*, mostra, como elemento de cenário, um obelisco pequeno e que aparece muito rapidamente. Em *Planeta dos Macacos e Independence Day* aparecem, consecutivamente, o obelisco de Washington e o do Vaticano.

Planeta dos Macacos, de Tim Burton, conta a história da conquista do Planeta Terra pelos macacos. Após viajar para o Planeta dos Macacos, o personagem representado pelo ator Mark Wahboerg retorna à Terra, constatando que o Planeta é o mesmo e que ele apenas viajou no tempo, indo até o futuro. É o obelisco de Washington que, destacado em uma imagem, identifica o local. Mas, esta cena exhibe a idéia de senso comum, que considera mais importantes os poderes econômico e político nessa mesma panorâmica, creditando à Casa

⁸¹ FERRO, Marc. *Cinema e História*; tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 71.

Branca o distintivo de centro do poder mundial. A cena proporciona a idéia de que, para dominar a Terra, é necessário conquistar o poder mais significativo: EUA.

Deus é brasileiro (Brasil, 2003), de Cacá Diegues, é um dos poucos casos em que o obelisco aparece como tal: um monumento existente na praça da pequena cidade⁸². Pode-se, inclusive, não perceber o marco, pois sua aparição ocorre durante a conversa entre Deus (personagem de Antonio Fagundes) e seu acompanhante, que também se torna seu guia (Wagner Moura). Não há nenhum tipo de interesse no monumento, que faz parte do cenário, da composição do fundo da cena.

Diferente é o caso do filme dirigido por Stephen Sammers, *Van Helsing* (EUA, 2004). À procura do Drácula, Van Helsing (personagem de Hugh Jackman) e, descobre, acidentalmente, um mapa que o leva a uma “passagem secreta” aberta em uma pintura na parede, que conduz ao castelo do Conde. Ao atravessar a passagem, o caçador é seguido por dois outros personagens (vividos por Kate Bekinsale e Richard Roxburgh). Após a “travessia”, os três partem em busca de Drácula, e a cena que se segue mostra que, ao invés de uma parede ou de um muro, a chegada acontece através de um obelisco, localizado na ponta de um penhasco.

Fahrenheit – 11 de Setembro, dirigido pelo conhecido diretor e escritor Michael Moore (EUA 2004), atuante crítico do governo de George W. Bush e dos EUA, é um documentário que narra a história do atentado do 11 de Setembro aos Estados Unidos e o envolvimento do Presidente Bush com a família Bin Laden, cujo filho Osama Bin Laden assumiu a autoria do crime.

Em uma cena do filme, a mãe de um jovem morto em combate e que serviu ao exército americano viaja até Washington para visitar e confrontar a Casa Branca, símbolo de todo o poder americano. Moore consegue captar e transmitir toda a dor e a revolta da

⁸² Esse obelisco está localizado na Cidade de Penedo, Alagoas.

americana em relação ao autoritarismo e descaso do governo. Incrível torna-se a leitura que se pode fazer quando o diretor faz a filmagem e monta uma fotografia/cena, enquadrando a Casa Branca tendo como resguardo o imenso Obelisco de Washington. No contexto, o obelisco faz uma espécie de “proteção” à Casa Branca, como uma conivência, uma concessão à idéia de dominação, de poder, de jugo que os Estados Unidos desperta em grande parte da população mundial. E, para isso, evidentemente, contribui o fato de ser o documentário uma crítica ferrenha a esse sentimento de superioridade.

Em *O Exorcista – O início*, de Paul Scrader e Renny Harlyn (EUA, 2004), a Igreja Católica encontra um templo onde eram realizados rituais de sacrifício humano e decide construir uma igreja sobre este templo. Todavia, ao não conseguir conter o mal manifestado no lugar, decide soterrá-lo. Mais tarde, durante o período de dominação européia no norte da África, acontece a redescoberta dessa igreja e, naquele momento, começam a acontecer fatos estranhos e mortes inexplicáveis, provavelmente relacionadas ao mal daquele lugar. A partir disso, são chamados um padre e um arqueólogo para explorar o local. Na cena final do filme, o arqueólogo, já reordenado padre, está no Vaticano e após breve encontro com outro personagem, sai de um café e passa pela Praça da Basílica de São Pedro, com a Basílica e o Obelisco ao fundo.

Para se discutir a apropriação dos obeliscos pelo cinema é necessário um estudo sobre a imagem. França Paiva⁸³ diz que a imagem não se esgota em si mesma, ou seja, muito mais pode ser apreendido além do que é lido ou visto nela. O pesquisador da imagem deve ir além da dimensão mais visível ou mais explícita para identificar e decifrar as lacunas, silêncios e códigos que estão aptos a serem compreendidos. Diz, ainda, o autor, que por meio da comparação da imagem o historiador pode fazer a análise de outros temas, em diversos contextos.

⁸³ PAIVA, 2002. op. cit. p 19.

A imagem não é a verdade nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos. A história e os registros históricos são resultantes de escolhas e de olhares daqueles que os produziram do mesmo modo que a imagem. E são sempre uma construção do presente, forjados, lidos e explorados a partir do presente. À imagem, no conjunto ou nos detalhes, são agregados novos significados e valores (FRANÇA PAIVA, 2002).

No documentário de Michael Moore, a figura do obelisco como “protetor” ou como “evidência” do poder pertinente à Casa Branca, conseqüentemente, ao governo, é preponderante. É o recado que Moore tenta deixar durante todo o documentário: Bush detém o poder e não delega a ninguém autoridade ou sequer direito de questioná-lo. Crê-se que o obelisco evidencia e, ao mesmo tempo, simboliza o poder da sede do governo dos EUA e da pessoa do presidente, alvo de todas as críticas do diretor.

A cena comentada em *O Exorcista – o início*, denota o poder que se concentra, ou que se mantém, no Vaticano. O personagem do padre, após tornar-se um descrente, é levado a um confronto com o mal, representado por uma possessão demoníaca no corpo de uma mulher. Vencido o demônio e morta a personagem pela qual o padre se apaixona, ele retorna à vida religiosa, e, no final, passeia pela Praça do Vaticano, tendo ao fundo a imagem do obelisco.

Única relíquia de origem egípcia presente na Praça de São Pedro, o obelisco do Vaticano teria sido testemunha do martírio de São Pedro, pois a pintura representando a crucificação de São Pedro, com o obelisco ao fundo, pode ser vista em San Pietro a Grado, perto de Pisa (DONADONI, 1990:54)⁸⁴.

⁸⁴ DONADONI, Sérgio. Egypt over the Centuries. In: DONADONI, S.; CURTO, S.; ROVERI, A.D. Egypt From Myth to Egyptology. Milan: Grupo Editoriale Fabbri S.p.A., 1990.



Representação do martírio de São Pedro.

O Papa Sixto V, durante seu trabalho de santificação de toda a imagem ou arquitetura que estivesse relacionada à idolatria de deuses pagãos, resolveu tornar santo aquele monumento, ao colocar um fragmento da cruz de Cristo em seu topo, onde, anteriormente, encontravam-se as cinzas de Júlio César. O que se pode apreender desse ato é uma espécie de representação do poder do bem (Igreja) subjugando o mal (demônio). Ao mesmo tempo, revela que o mal é antigo e pode, independente do tempo, retornar; e o obelisco permanecerá, como permaneceu até então, para simbolizar a majestade Católica sediada por Roma.

No filme *Van Helsing*, o obelisco assume uma característica misteriosa, pois sua figura é, na verdade, um portal. A mística dessa imagem credita poderes desconhecidos e mágicos ao obelisco, longe da compreensão humana.

2.2.3 O obelisco: outros usos

No livro *Práticas de Leitura*, de Roger Chartier⁸⁵, Luis Marin escreve um capítulo, sob o título *Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639*. Segundo esse autor: “ler é reconhecer uma estrutura de significância: que tal forma, tal figura, tal traço, seja um signo, que representa qualquer coisa sem que saibamos necessariamente qual seja essa coisa representada”. E complementa: “Ler é também, e enfim, decifrar, interpretar, visar e talvez adivinhar o sentido de um discurso” (CHARTIER, 1996).

Regis Debray⁸⁶, em *Vida y muerte de la Imagem: historia de la mirada en occidente*, escreve a seguinte frase: “Comutador do céu e da terra, intermediário entre o homem e seus deuses, a imagem cumpre uma função de relação. Põe em contato términos opostos. Ao assegurar uma transmissão (de sentido, de graça ou de energia) serve de enlace”. (DEBRAY, 1992). No mesmo texto, o autor diz:

Durante milênios, as imagens fizeram os homens entrar em um sistema de correspondências simbólicas, ordem cósmica e ordem social, muito antes que a escrita linear viesse pentear as sensações e as cabeças. Assim, os pictogramas e pictogramas do paleolítico, quando ninguém sabia ler e escrever. Assim os egípcios e os gregos, depois da invenção da escrita. Os vitrais, os baixo-relevos e a estatuária transmitiram o cristianismo a comunidades iletradas. Estes não teriam necessidade de um código de leitura iconológica para captar os significados secundários, os valores simbólicos da genuflexão, da crucificação ou da trindade. Estas imagens e os rituais aos quais estão associadas, afetaram as representações subjetivas de seus espectadores e, em consequência, contribuíram para formar manter ou transformar sua situação no mundo, pois transmitir um **ismo** não é somente popularizar valores, é também modelar comportamentos, instaurar um estilo de existência (DEBRAY, 1992: 47).

Além de ser utilizado na forma de monumento tanto na literatura quanto no cinema, o obelisco também é usado, como imagem, em charges, informativo sobre a cidade⁸⁷ e brasão.

⁸⁵ MARIN, Louis. *Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639*. IN: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

⁸⁶ DEBRAY, Régis. *El nacimiento por la muerte*. IN: *Vida y muerte de la imagen*. Barcelona: Paidós, 1992.

⁸⁷ No caso da cidade de Santana do Livramento, o desenho faz parte do Folder / convite da cidade; em de Pau dos Ferros, o desenho está no site do município.

No dia 24 de novembro de 2004, quando houve uma partida de futebol entre Internacional, de Porto Alegre, e Boca Juniors, da Argentina, pela Copa Sul Americana,⁸⁸ o jornal ZH aproveitou-se do Obelisco de Buenos Aires e fez uma alusão ao episódio dos gaúchos em 1930, quando estes amarram os cavalos no obelisco do Rio de Janeiro. Em uma charge, o mascote do internacional, conhecido como Saci, despreocupadamente amarra o cavalo no obelisco da capital Argentina.

Inaugurado em 23 de maio de 1923 e localizado na Avenida 9 de Julho, o obelisco argentino tornou-se polêmico por ter sido escolha pessoal de um intendente que não consultou o poder executivo ou plano regulador, nem previu um concurso público para que a população pudesse escolher um monumento para o local. Este obelisco é um dos símbolos que identifica a capital Argentina⁸⁹.

Conforme Chartier destaca, na introdução de sua obra *A História Cultural: entre práticas e representações*, um dos sentidos da representação é o da relação simbólica, que consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais. Como exemplo, Chartier cita que o leão é visto como símbolo de valor, e o pelicano, o representante do amor paternal (CHARTIER, 1991:20). Estabelece-se assim uma relação entre o signo visível e o referente por ele significado, não sendo estável e unívoca, necessariamente. No caso da charge do obelisco argentino, percebe-se que junto com o imaginário criado a partir do ato dos cavalos amarrados no obelisco do Rio de Janeiro, durante a Revolução de 1930, ela representa a vitória sobre os adversários, o pensamento de superioridade em relação a eles.

Do mesmo modo, um gaúcho, através de uma charge, utiliza mais uma vez o obelisco para amarrar seu cavalo e demonstrar a sua valentia.

⁸⁸ Resultados: na Bonbonera – Internacional 2 x Boca Juniors 4; no Beira Rio – Internacional 0 x Boca Junior

⁸⁹ TARTARINI, Jorge. *El Obelisco*. In: *Alberto Prebish: Una vanguardia con tradición*. Buenos Aires: CEDODAL.

No Rio Grande do Sul, incrustado no brasão da cidade de Pelotas, há um obelisco, o qual foi construído em comemoração aos 150 anos da cidade, em 1961⁹⁰ (BAKOS; BRITO, 2004:73). Figura, além do obelisco, uma coroa que identifica a cidade como Princesa do Sul; uma espiga de arroz, representando a maior economia da região; um índio numa embarcação de couro e a pelota que deu nome à cidade; um boi, relembrando as charqueadas existentes na região; a Cruz de Malta, homenagem aos portugueses; e a Rosa, símbolo da caridade do Patrono São Francisco de Paula. O obelisco, por sua vez, faz alusão ao monumento erguido durante o período monárquico, 1885, pelos republicanos. É o marco inicial do povoamento da cidade.



Brasão da cidade de Pelotas

A cidade de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, também imprimiu um obelisco no seu brasão⁹¹. Construído para ser um marco da comemoração, em uma mesma data, do

⁹⁰ Ver BAKOS, M.M.; BRITO, M.R. *obeliscos Brasileiro*. In: *Egiptomania: O Egito no Brasil*. BAKOS, Margaret. Marchiori. Org. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

⁹¹ Conforme site do município: <http://www.paudosferros.com.br/index.php>, em 05/02/2007.

bicentenário da paróquia da cidade e do Centenário do município, o monumento foi um projeto do Arquiteto Souza Lelles, na cidade de Natal.

O símbolo da cidade, segundo José Edmilson de Holanda⁹², é a árvore oiticica com os ferros dos fazendeiros gravados no seu tronco, a qual deu origem ao topônimo da cidade. Porém, devido à sua história, muitas pessoas consideram o obelisco um símbolo. Por conta disto, o *site* de localização da cidade de Pau dos Ferros mostra um obelisco (estilizado) no canto superior esquerdo, e no brasão da cidade, a árvore e o obelisco.



Brasão de Pau dos Ferros – Rio Grande do Norte⁹³.



⁹² Ex-prefeito municipal, responsável pelo texto que consta no *site* da cidade.

⁹³ O *site* do município não especifica se esta imagem é do brasão ou da bandeira do município. Nós consideramos brasão.

Imagem do *site* do município de Pau dos Ferros

Em resposta à correspondência que se enviou à Secretaria Municipal de Turismo, Indústria, Comércio e Desporto de Sant'Ana do Livramento, obteve-se alguns dados sobre o obelisco localizado naquele município, e alguns informativos sobre a cidade⁹⁴. A carta-resposta informava que a Secretaria não dispunha de muitas informações relativas ao monumento, por isso, enviava material retirado de uma publicação do Jornal local *A Platéia*.

Junto às informações constantes na matéria recebida, o que se destaca na correspondência é o obelisco representado no informativo da cidade, e o logotipo da administração. Ambos evidenciam o caráter simbólico desse monumento e sua importância para a localidade. No informativo, o obelisco é, além de atração turística, um referencial para o município; no papel timbrado da carta-resposta, percebe-se que o governo local também utilizou o monumento como identificação, num sinal de valorização à sua importância para o lugar.

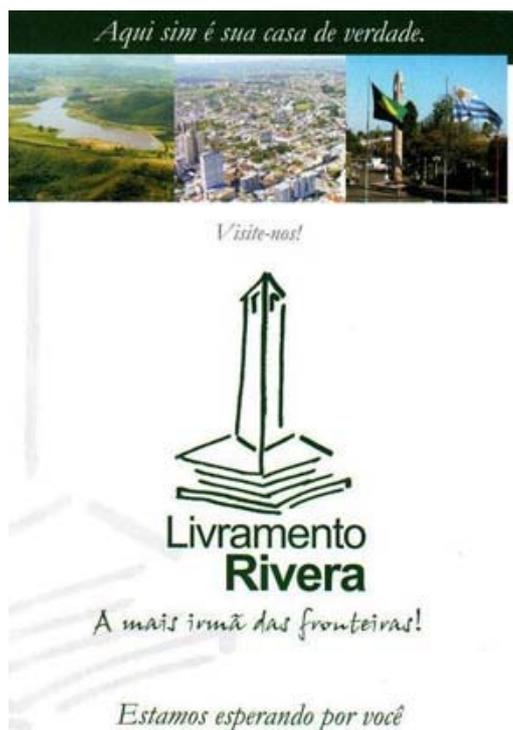


Imagem do obelisco na carta-resposta.



Imagem (em cores) no informativo

⁹⁴ Correspondência recebida em 09 de novembro de 2006, assinada pela Secretária de Turismo, Indústria, Comércio e Desporto, Sra. Elisa Domingues Largura.



Capa do informativo da cidade de Sant'Ana do Livramento.

Portanto, mais do que sua utilização como monumento, guardião de uma memória, o obelisco também pode identificar um lugar a partir de sua imagem, seja no brasão, seja no informativo, ou ainda, como é o caso da charge, ele pode relembrar parte da história através do entretenimento, da brincadeira. De maneira inteligente, nesse caso ele foi associado a uma partida de futebol, e pode passar despercebido se não existir um conhecimento prévio da história nacional.

2.3 O obelisco: o Rio Grande do Sul e a Revolução Farroupilha

Na segunda modalidade de usos do obelisco, está a construção de novos monumentos. No Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, tem-se os obeliscos que homenageiam a Revolução Farroupilha e que se tornaram representantes dos anseios do gaúcho por ideais diferenciados.

Analisa-se, aqui, o processo de modernização da cidade, a fim de apreender o significado e as razões para a construção dos obeliscos de Porto Alegre, muito além do desejo de embelezamento.

Localizada em uma região portuária, a cidade de Porto Alegre nasceu da disputa entre portugueses e espanhóis visando a ampliação de seus territórios no continente americano. Depois de ser povoada por casais açorianos e por militares, os quais se responsabilizavam pela defesa das fronteiras, se estruturou de maneira bastante precária: seus caminhos se restringiam a três ruas principais cortadas por becos que subiam uma ladeira.⁹⁵ O centro econômico da cidade situava-se às margens do Guaíba, por causa do porto.

Entre os anos de 1835-45, Porto Alegre estagnou economicamente, devido aos abalos provocados pela luta farroupilha. As atividades irregulares que ocorriam dentro das fortificações que delimitavam o espaço urbano (abate de gado, despejo de lixo, esgoto sem regulamentação) causavam transtornos para a cidade que, ao término da revolução, urgia medidas saneadoras e construções que a colocassem em dia com os avanços da época.

A transformação do espaço urbano de Porto Alegre, no século XIX, visava, portanto, a eliminar um território insalubre e dar continuidade à marcha do progresso, delimitando novos usos e ocupações da cidade.

⁹⁵ As três ruas principais eram Rua da Praia, Rua da Ponte e Rua Formosa. Para melhor entendimento, consultar a obra de SEVERO, Fernanda. *O Mercado de Porto Alegre: entre a cidade real e as cidades ideais*. Dissertação de Mestrado, 1999.

O fim da revolução Farroupilha fez com que a cidade começasse a se expandir no sentido das estradas e caminhos do povoamento.⁹⁶ A segunda metade do século XIX produziu significativas modificações na cidade: a construção do Teatro São Pedro, do atual Mercado Público, implantação da primeira linha férrea, as linhas de bonde com tração animal, além da fundação de sociedades e clubes que abarcavam a comunidade imigrante da cidade de Porto Alegre.

Segundo Charles Monteiro, a população de Porto Alegre passou de 52 mil habitantes, em 1890, para 72 mil habitantes em 1900. Com as reformas que aconteceram no espaço urbano, o núcleo central da cidade, antes preenchido pelas camadas populares, serviu para atender as demandas de uma nova concepção burguesa da cidade preenchida pela elite. A população foi transferida para os locais que se tornaram, mais tarde, bairros de Porto Alegre⁹⁷.

Conforme o mesmo autor, em fins do século XVIII, os “*largos*” da cidade eram espaços onde ocorriam o encontro e a atualização das sociabilidades públicas.⁹⁸ Era um espaço menos dinâmico, em função da lentidão do processo de desenvolvimento. Depois, os espaços foram transformados e destinados a inspirar a sociedade para uma nova “*conduta civilizada*”.

Em 1914, o engenheiro-arquiteto João Moreira Maciel apresentou o Plano Geral de Melhoramentos de 1914, encomendado pela Intendência⁹⁹, e que visava implantar reformas no conjunto da cidade. Segundo Fernanda Severo¹⁰⁰, Maciel seguiu o mesmo processo que Haussmann e Passos, projetando para Porto Alegre uma cidade segundo as demandas de circulação, higiene e estética.

⁹⁷ MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

⁹⁸ Monteiro fala sobre o Largo da Quitanda, o Largo dos Ferreiros, o Largo do Pelourinho e o Largo do Arsenal.

⁹⁹ O Intendente de Porto Alegre à época era José Montauri.

¹⁰⁰ SEVERO, Fernanda. *O Mercado de Porto Alegre: entre a cidade real e as cidades ideais*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, 1999.

Muitas das avenidas e áreas verdes por ele traçadas possuíam um caráter monumentalista saneador, pois simultaneamente expressavam a harmonia da composição, a profilaxia dos ambientes públicos e a praticidade funcional das ligações entre o centro e periferia evidenciando a sua filiação teórica à matriz francesa, difundida no ensino da Escola Nacional de Belas Artes e na Escola Politécnica, onde realizou sua formação (SEVERO, 1999:116).

Localiza-se o obelisco como um elemento do mobiliário urbano, a partir do início do século XX, quando a cidade capital do Rio Grande do Sul pretendeu atingir o ideal de modernização, tendo como premissa as reformas do Rio de Janeiro e Paris.

As concepções urbanas que faziam parte do universo do homem moderno eram originárias de uma ampliação no modo desse mesmo homem “enxergar” o mundo e, também, pela percepção de seu poder de atuação frente a um imaginário medieval que via o homem como mero espectador da vida, sem nenhum poder de atuação.

Esse pensamento encontrou suporte no desenvolvimento científico que tentava retirar a figura de Deus como centro do universo, e, ao mesmo tempo, colocar no homem a expectativa de um devir triunfante.

Monteiro¹⁰¹ afirma que a idéia de modernidade era um projeto da burguesia em ascensão nos países industrializados. Essa burguesia ditava as novas normas de vivência, os novos valores, um novo imaginário social, promovendo uma estilização do modo de viver, consolidando, assim, sua posição e garantindo os processos de reprodução do capital, meios de produção e força de trabalho.

Todo esse pensamento se pautava no Iluminismo, utilizando o desenvolvimento tecnológico para reestruturar esse novo ritmo do espaço do cotidiano. Essas transformações, refletidas no espaço urbano, serviriam como *testemunhas* dos acontecimentos.

¹⁰¹ MONTEIRO, 1992. Passim.

A ascensão dos regimes totalitários na Alemanha, na França e na Inglaterra deu suporte ao Estado, que passou a intervir na economia e a planejar, juntamente com o governo municipal, as reformas urbanas. Essas reformas se faziam necessárias a partir do momento em que o desenvolvimento científico / tecnológico / industrial oferecia soluções para os problemas do dia-dia (transporte, saneamento, iluminação...) o qual não cabia em um espaço desorganizado, irracional, sem planejamento.

Na década de 1920, o Rio Grande do Sul passou por uma transformação no seu modo de planejar e organizar o espaço urbano, exigência das transformações que ocorriam nos contextos social, político e econômico. Pretendia-se uma modernidade ditada pelos grupos dirigentes, pertinentes à elite.

Durante a administração de Otávio Rocha, (1924-1928), a inserção do Rio Grande do Sul na economia nacional, o desenvolvimento industrial, o aumento da população e a emergência de novos grupos sociais, justificaram a necessidade das reformas empreendidas no período.¹⁰² Otávio Rocha teve um importante papel na remodelação da cidade de Porto Alegre, propondo-se a executar o projeto de planejamento pensado pelo intendente José Montaury, ainda em 1914.¹⁰³

Segundo Margaret Bakos, essa atitude é extremamente importante quando entendida como um reforço ao poder dos republicanos, enfraquecido desde a Revolução de 1923. “À luz do pensamento de Gramsci, quando se verificar uma crise hegemônica, é prudente apresentar projetos novos na intenção de cooptar a adesão popular” (BAKOS, 1996:101). É nesse sentido que a construção dos obeliscos no período assinala a oportunidade de erigir monumentos destinados à memória dos novos valores da época.

¹⁰² MONTEIRO, op. Cit, p.91.

¹⁰³ BAKOS. Margaret M. *Porto Alegre e seus eternos intendentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 100-101.

O projeto de Planejamento idealizado por Montauray previa: “abrir largas avenidas, provendo a cidade com espaços livres para o lazer; criar bom sistema de viação urbana para prevenir a superpopulação em determinados pontos; arborizar as vias públicas; e promover a remoção constante de detritos” (BAKOS, 1996:101).

O poder público concedia benefícios à Sociedade Civil, visando ao estímulo à realização do projeto. Conforme Margaret Bakos, não contemplando o auxílio necessário, o projeto recebeu apoio de Borges de Medeiros, no Governo do Estado.

A abertura de crédito para a cidade no valor de 4.000.000,00 dólares realiza-se novamente com a intermediação do Banco Pelotense e entre os mesmos contractuantes anteriores: o banco norte-americano Lodensburg e Tholmann & Cia. E a Intendência Municipal de Porto Alegre. Oferecem-se como garantia aos banqueiros todas as rendas do município (LEI nº 363 de 17 de novembro de 1925. In: BAKOS, 1996:102).

Com o financiamento, diz Bakos, foram iniciadas as obras para a abertura das avenidas Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, calçamentos de outras ruas, desapropriação de casas e o ajardinamento da Redenção. Sucessor de Otávio Rocha, Alberto Bins continuou os mesmos planos, tendo Getúlio Vargas no governo do Estado e Oswaldo Aranha na Secretaria do Interior e Justiça, ambos apoiadores dos planos de reforma, com intenção de reestruturar a economia regional e reforçar o controle da sociedade política sobre a civil.

Em seu estudo, Monteiro também conclui que a remodelação da cidade, nesse período, foi uma necessidade estética urbana e de sociabilidade pública. Os espaços modernizados, diz o autor, seriam o cenário para desenvolver uma “pedagogia social” burguesa para a transmissão de novos hábitos, costumes e valores que sustentavam a nova organização social nesse novo desenvolvimento capitalista. A praça e as novas avenidas dariam um tom de aristocracia aos hábitos de sociedade de Porto Alegre (MONTEIRO, 1992:218).

Foi nesses espaços, apontados por Charles Monteiro, que se ergueram em Porto Alegre, oito obeliscos, a seguir listados, escrevendo-se, após, suas memórias e outras informações a respeito de suas origens¹⁰⁴.

Obelisco da Praça Itália:



Localização: a Praça entre as Avenidas Praia de Belas e Borges de Medeiros.

Ano de construção: 1925

Artista: Edolo Pistelli

Descrição: Monumento e base de granito. Inscrições: “Tito Lívio Zambecari 30-06-1802 02-12-1862”; “Herói italiano da Revolução Farroupilha 30-06-1802 a 02-12-1862”; “Homenagem ao Cinquentenário da Colonização Italiana 1875 – 1925”; “Homenagem da Comissão Estadual dos 125 anos da imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre 23-05-2001”.

Oferecimento: Colônia Italiana.

¹⁰⁴ Os obeliscos da Praça Itália, da Praça Sepúlveda, do Parque Farroupilha, Vicente Monteggia e obelisco Guilherme Sócios Vilela estão apontados em: BRIGIDI, Bianca. *Relatório de Atividades do Bolsista PIBIC-CNPq*. Orientação: BAKOS, Margaret. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

Obelisco da Praça Sepúlveda:



Localização: Praça Sepúlveda, da Avenida Mauá até a rua 7 de Setembro.

Ano de construção: 1935

Artista: Luiz Sanguin

Descrição: base de granito. Inscrições: “Ao Rio Grande do Sul comemorando o Centenário Farroupilha oferece a Colônia Portuguesa”; “General José Marcelino de Figueiredo fundador da cidade”; “Homenagem aos escoteiros rio-grandenses aos fundadores de Porto Alegre 1740 e a Portugal 1140-1640”; “1835-1935”.

Oferecimento: Colônia Portuguesa.

Obelisco do Parque Farroupilha



Localização: Parque Farroupilha, localizado na Avenida João Pessoa.

Ano de construção: 1935

Artista: A. A. Adolf

Descrição: base de granito. Inscrições das placas: “A colônia Sírio-libanesa do Estado do Rio Grande do Sul no Primeiro Centenário Farroupilha”; “Esta homenagem recorda a visita a Porto Alegre do Exmo. Sr. Joseph Souda 1º. Ministro Plenipotenciário do Líbano no Brasil, em 21 de julho de 1946”. Apresenta, também, placas em bronze com a representações de um mar imenso, com um fenício navegante e audaz em busca do ocidente, e atravessando áridos desertos, o fenício cavaleiro em busca do oriente distante.

Oferecimento: Colônia Sírio-Libanesa.

Obelisco Parque Farroupilha.



Localização: Parque Farroupilha, ao lado do Instituto de Educação General Flores da Cunha.

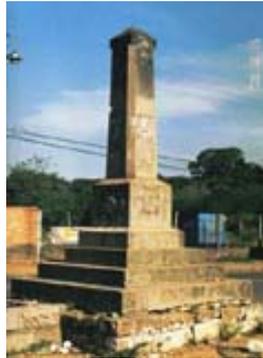
Artista: Vittorio Livi.

Descrição: Na época de sua construção foi considerado o maior da América Latina. Inscrições das placas: “*Sofremos calados tantas infâmias? Não, nossos compatriotas, os rio-grandenses, estão dispostos, como nós, a não sofrer mais tempo a prepotência de um governo tirano e cruel como o atual. Proclamação de 18 de Setembro de 1836 – no Campo do Menezes*”; “1835-1935”; “A Colônia Israelita do Rio Grande do Sul ao povo gaúcho no Primeiro

Centenário da Epopéia Farroupilha”; “Biênio da Colônia e Imigração 1974-1975. A Colônia Israelita homenageada por motivo dos setenta anos de trabalho integrado com vistas do bem comum, nos vários campos de atividades, oferece ao povo gaúcho”.

Oferecimento: Colônia Hebraica.

Obelisco Vicente Monteggia:



Localização: Bairro Vila Nova, em frente à Igreja Nossa Senhora.

Ano de construção: 1935.

Artista: Leonardi e Teixeira.

Descrição: Monumento e base de granito. Construído para homenagear, através de um imigrante, Vicente Monteggia, toda a Colônia. Monteggia foi um imigrante italiano que implantou um núcleo de colonização italiana por volta de 1894, no Bairro Vila Nova, em Porto Alegre. Doou lotes de terra para a construção de uma capela e uma escola. Essa homenagem se realizou por ocasião da Semana Farroupilha.

Oferecimento: Colônia Italiana.

Obelisco Guilherme Socias Villella:



Localização: Bairro Ipanema em frente à Igreja Santa Rita de Cássia;

Data de construção: 1977

Artista: desconhecido;

Descrição: Inscrição das placas: “Ao Prefeito Municipal de Porto Alegre, economista Guilherme Socias Villella, o reconhecimento da comissão no Ano Jubilar do Santuário de Santa Rita de Cássia. 22.05.1977”, “No jubileu do Santuário de Santa Rita de Cássia, os agradecimentos dos idealizadores e párocos: Julieta Abbud, Iracy Dariano, Herculano Azambuja, Ligia Lauermann, Adelina Abudd, Antonio Diladi, dos padres Ignácio Frener, Antonio Lorenzatto, Tarcisio Pedro Schere, Ernesto Fabian. 22/05/1977”; “Colaboração da Empresa Porto-Alegrense de Turismo S/A EPATUR”.

Oferecimento: Comunidade da Igreja Santa Rita de Cássia.

Obelisco do Parque Harmonia:



Data de Inauguração: 18-09-2004

Localização: Parque da Harmonia.

Artista: desconhecido

Descrição: réplica do monumento da cidade de Dom Pedrito que comemora o Tratado do Ponche Verde, acordado entre farroupilhas e o governo do país. A construção do obelisco marcou a participação dos tradicionalistas na campanha *Paz é a gente que faz*, da Assembléia legislativa. (fonte: ZH de 20\09\2004).

Obelisco da Praça Libanesa¹⁰⁵.



Data de inauguração: 1997

Localização: Praça Libanesa.

Artista: desconhecido;

Descrição: Obelisco em granito vermelho polido; marca a visita do Presidente da República Libanesa ao Rio Grande do Sul: “Homenagem da comunidade libanesa a sua excelência Elias

¹⁰⁵ Autor da Imagem e contribuição: Jarbas Francisco de Brito.

Hraqui, Presidente da República do Líbano por ocasião de sua visita oficial ao Rio Grande do Sul no dia 8 de setembro de 1997”.

Doado por Ricardo Malcon.

Desses oito obeliscos, cinco aludem à Revolução Farroupilha, através de homenagem aos seus personagens, acontecimentos ou ao seu centenário, o que despertou o interesse em estudá-los.

Na história do Rio Grande do Sul, o movimento Farroupilha tem grande significado por ser oriundo da vontade de uma elite contrária às idéias imperialistas e absolutistas e que se articula culminando em uma República separatista. Segundo o professor Dr. Moacyr Flores, a Revolução Farroupilha foi *um movimento liberal que pretendia a liberdade garantida pelas leis, a federação com autonomia da província e do município e o controle do poder do Estado pelos representantes do povo.*¹⁰⁶

Porém, afirma o professor Moacyr Flores, a Revolução teve seu sentido modificado, em fins do século XIX, por *historiadores propagandistas da república e pelos positivistas*, que sustentavam o governo numa ditadura científica do poder executivo, contrário do que pretendiam os farrapos: a soberania do poder legislativo.

O Partido Farroupilha foi fundado em Porto Alegre, em 1832, um ano depois da abdicação de D. Pedro I, quando este sofreu o golpe militar dos liberais e, no mesmo dia, no Rio de Janeiro, os farroupilhas comandaram as agitações nas ruas.¹⁰⁷

Em um primeiro momento, o movimento Farroupilha foi marcado pela deposição do presidente Braga e pela Proclamação da República, feita por Antônio de Souza Neto. Após longos anos de intensos confrontos, em 1844, Bento Gonçalves iniciou conversações de paz

¹⁰⁶ FLORES, Moacyr. *A Revolução Farroupilha*. 4ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. P. 34.

¹⁰⁷ FLORES, 2004. Op. cit p. 90.

com o Barão de Caxias, presidente da província pelo Império. Mas, somente em 1845, em Ponche Verde, David Canabarro e os oficiais Republicanos assinaram a ata do Tratado de Paz.

As reformas modernizadoras foram iniciadas na cidade de Porto Alegre, sucessivamente, pelos Intendentes José Montaury (1896-1923), Otávio Rocha (1924-1928) e Alberto Bins (1928-1937), todos pertencentes ao Partido Republicano. Esse *continuismo*¹⁰⁸, com apenas três homens no governo de Porto Alegre, tinha por finalidade a estratégia de manter o poder no Estado com os republicanos (BAKOS, 1996:185).

É no período do assim denominado “*continuismo*” que se constroem os obeliscos oferecidos pela Colônia Italiana (1925 e 1935), Colônia Portuguesa (1935), Colônia Sírio-Libanesa (1935), Colônia Israelita (1935).

A superposição e a diversidade de representações e símbolos introduzidos com o desenvolvimento da cidade revela a dimensão do que ficou impregnado na sua paisagem e que se constituiu na expressão de seu progresso.¹⁰⁹

Conforme Doberstein¹¹⁰, a partir dos anos 1930, a temática dos heróis armados se sobrepõe à dos heróis letrados, e é buscado naqueles o símbolo maior do homem rio-grandense. O modelo para representação deveria ser de fácil decodificação e compreensão por parte do público.

A construção de monumentos nas praças e nas avenidas de Porto Alegre integrava o projeto que objetivava implementar idéias reformadoras de melhorias na circulação, higienização e embelezamento da cidade. Essas idéias tinham influencia das reformas

¹⁰⁸ A expressão *Continuismo* é cunhada por Margaret Marchiori Bakos, em seu texto *Porto Alegre e seus eternos intendentes*, no qual a autora realiza um estudo minucioso sobre os governantes da cidade de Porto Alegre, ao longo de quarenta anos.

¹⁰⁹ MATTAR, Leila Nesralla. Porto Alegre: *Voluntários da Pátria e a Experiência da Rua Plurifuncional (1900-1930)*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, 2001.

¹¹⁰ DOBERSTEIN, Arnoldo W. *Estatuários, Catolicismo e Gauchismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. Pág. 336-339.

implementadas na cidade do Rio de Janeiro e de Paris, conforme explicado anteriormente, já que objetivava uma modernização segundo os princípios vigentes na Europa da época, mais precisamente, nas atitudes reformadoras do Barão Georges-Eugène Haussmann, então prefeito da cidade de Paris.

Os lugares de lazer e as avenidas tomam um significado diferente de até então, tornando-se meios pelos quais a população poderia e deveria perceber as nuances ditadas por uma nova elite burguesa.

No caso dos obeliscos de Porto Alegre, construídos na época destas reformas, o que propomos como entendimento é que a elite dirigente (os republicanos) tenha se apropriado deste artefato para perpetuar uma identidade gaúcha representativa de ideais de igualdade, liberdade e busca de uma forma de poder não totalitária, como foi o movimento dos Farrapos: *“um movimento liberal que pretendia a liberdade garantida pelas leis, a federação com autonomia da província e do município e o controle do poder do Estado pelos representantes do povo.”*¹¹¹

A cidade de Porto Alegre constrói os obeliscos, na sua maioria, para perpetuar a memória, através da escrita nestes monumentos, dos atos e heróis republicanos. Além de embelezar a cidade, esses monumentos tinham, portanto, a função de instruir os transeuntes sobre os importantes feitos dos antecessores daqueles que se encontravam no poder.

Em consonância com essa interpretação está o caso do monumento de Pelotas¹¹². Trata-se da primeira homenagem erguida à República no Brasil, ainda no período do Império.

José Murilo de Carvalho, no Livro *A Formação das Almas*¹¹³, trabalha com a questão da formação da República no Brasil e com a apropriação de símbolos, mitos e alegorias. No

¹¹¹ FLORES, Moacyr. 2004. op. cit p 34.

¹¹² CUNHA, Welksoner Silva da. *A Egiptomania no sul do estado do Rio Grande do Sul*. Texto disponível em www.pucrs.br/ffch/história/egiptomania. Cunha apresenta em seu texto referências sobre os obeliscos da cidade de Pelotas, Canguçu e Piratini.

¹¹³ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

caso da República no Brasil, os idealizadores que se voltavam para a França, tinham uma vasta quantidade de material inspirador. A França apresentava uma produção simbólica acerca da Revolução bastante reconhecida, passando pela bandeira tricolor, a Marselhesa, o barrete frígio, símbolo da liberdade, a imagem feminina, pelo tratamento por cidadão, de enorme força igualitária, entre outros que foram exaustivamente usados durante a Revolução¹¹⁴.

Carvalho faz uso das palavras de um oficial da Marinha para aludir à influência francesa entre os propagandistas da República. Lembrando os tempos da propaganda, o oficial declara: “Todas as nossas aspirações, todas as preocupações dos republicanos da propaganda, eram de fato copiados das tradições francesas”. (CARVALHO. 1990:12).

“Não só a Marselhesa era tomada de empréstimo. A alegoria feminina da República já era utilizada mesmo antes da Proclamação; o barrete frígio aparecia invariavelmente, isolado ou cobrindo a cabeça da figura feminina”. (CARVALHO, 1990. P.13).

No obelisco de Pelotas, inaugurado no ano de 1885, encontramos o barrete frígio, o símbolo da fraternidade e a dedicatória a um dos revolucionários de 1835, o mineiro José Domingos de Almeida, ministro do Interior e da Fazenda na República Rio-Grandense¹¹⁵ e, conforme aponta Welcsoner S. Cunha, um dos idealizadores da Revolução Farroupilha¹¹⁶.

Em consonância com o pensamento de Baczko, apontado anteriormente, podemos inferir que a presença destes símbolos agregados ao monumento, investem-lhe uma representação que soma os ideais republicanos e com a função original do obelisco, qual seja de perpetuar e exaltar a memória dos governantes.

¹¹⁴ Carvalho cita, ainda, a árvore da liberdade, o calendário revolucionário iniciado em 1792, as grandes festas cívicas e ainda, os símbolos chamados símbolos e alegorias menores, como a balança, o nível, o feixe, o leme, a lança, o galo gaulês, o leão, etc. Ver: CARVALHO, 1990. p. 12.

¹¹⁵ “Haveria no máximo três ministros, distribuídos em seis ministérios. Inicialmente, a República teve Domingos José de Almeida como ministro do Interior e da Fazenda; José Mariano de Matos, ministro da Marinha e da Guerra; e José Pinheiro de Ulhoa Cintra, ministro da Justiça e do Exterior” (FLORES, 2004: 75).

¹¹⁶ CUNHA, 2005. Op. cit. p. 3.

Referindo-se a comunidade de imaginação, Carvalho aponta que um símbolo estabelece uma relação de significado entre objetos e idéias ou entre imagens. Embora o estabelecimento dessa relação venha a partir de um ato de vontade, a sua aceitação e eficácia política dependem dessa comunidade de imaginação. Não existindo esse pensamento comum que pode estar ligado tanto ao imaginário preexistente quanto às aspirações coletivas em busca de um novo imaginário, a relação de significado não se estabelece e o símbolo cai no vazio¹¹⁷.

Entendemos que o obelisco da cidade de Pelotas externou a vontade de uma elite que buscava os ideais da República, efetuando as idéias de igualdade, liberdade e a busca pelos direitos do cidadão, na existência de um governo menos totalitário. O barrete frígio evidencia o vínculo com as idéias das representações de República vindas da França. No lugar da figura feminina, o ícone egípcio.

Com fins de comemorar a pacificação do Estado entre os Farroupilhas e o Império, ocorrido no ano de 1935, um obelisco comemorativo ao Tratado de Ponche Verde é construído no município de Dom Pedrito marcando o local onde foi assinado o acordo¹¹⁸.

Também em Piratini, região tomada pelos Farroupilhas e por eles elevada à categoria de cidade com o nome de *Mui Real e Patriótica do Sul* (até 1º de março de 1845) vindo a tornar-se, por um período, capital da República Rio-Grandense, encontramos um obelisco que exalta a República, localizado na praça que também faz referências a mesma.

Em Porto Alegre, uma personagem de veemente significado, Antônio de Souza Neto, o farrapo proclamador da República Rio-Grandense, recebe em sua memória, a dedicatória do obelisco do Parque Farroupilha, situado ao lado do Instituto de Educação. Este obelisco, em granito, trazia as seguintes inscrições:

¹¹⁷ CARVALHO, 1990. Op. Cit. P.13.

¹¹⁸ Conforme Moacyr Flores, a designação *Tratado de Ponche Verde* é incorreto, pois na ata constam, apenas, as assinaturas de David Canabarro e dos oficiais republicanos. Como Tratado ocorre entre nações, essa denominação esta, segundo Flores, inadequada. Ver FLORES, 2004. Op. cit. p. 102.

- Frente para Avenida Oswaldo Aranha: “1835-1945”;
- abaixo, há um medalhão com a figura do General Antonio de Souza Neto e os seguintes dizeres: “*E sofreremos calados tanta infâmia? Não. Nossos compatriotas, os riograndenses estão dispostos, como nós, a não sofrer por mais tempo a prepotência de um governo Tirano, arbitrário e cruel como o atual. Proclamação do 11 de Setembro de 1836 no Campo do Menezes*”.
- Mais abaixo: “*A colônia Israelita do Rio Grande do Sul ao povo gaúcho no 1º Centenário da Epopéia Farroupilha*”.¹¹⁹
- À direita, em baixo relevo, um barco representando o Rio Nilo, e Moisés com as Tábuas da Lei, aparecendo três pirâmides ao fundo.

Outro farrapo que recebe homenagem, esse no obelisco da Praça Itália, situado entre as avenidas Praia de Belas e Borges de Medeiros, é o italiano Tito Livio Zambecari, que foi preso, juntamente com Bento Gonçalves, Onofre Pires, Pedro Boticário e Corte Real, na Batalha da Ilha do Fanfa¹²⁰. O obelisco homenageia, também, o Cinquentenário da Colonização Italiana (1875-1925).

José Francisco Alves, em um brilhante trabalho sobre a escultura pública de Porto Alegre¹²¹, reporta-se a esse monumento, em particular, como “*obelisco itinerante*” (ALVES, 2004: 72). Essa denominação, como sugere, deve-se ao fato do monumento encontrar-se hoje em seu quarto sítio desde sua instauração, em 1926.

Constatamos em nossas pesquisas que outras dificuldades acompanharam o monumento, que principiaram já em sua inauguração. Conforme artigo do jornal *A*

¹¹⁹ MACEDO, Francisco Riopardense de. *Normas Gerais para Levantamento e Estudo dos MONUMENTOS E MARCOS COMEMORATIVOS das Praças e Parques de Pôrto Alegre*. 1967. Arquivo Histórico Municipal Moysés Velinho. Caixa 1, Monumentos.

¹²⁰ Zambecari recebeu anistia do Império e viajou para a Europa. Ver FLORES, 2004: 81.

¹²¹ ALVES José Francisco. *A Escultura pública em Porto Alegre – História, contexto e significado*. Porto Alegre: Artfólio, 2004. 264p.

Federação, o monumento foi executado para as comemorações do Cinquentenário da Colonização Italiana¹²², em homenagem aos italianos e filhos de italianos presentes:

Um obelisco:

Numa das alamedas centrais do jardim da Exposição será colocado um alto obelisco, confeccionado com granito róseo riograndense, devidamente polido e retirado de uma das pedreiras existentes na Tristeza, subúrbio da capital. (...). Dedicado aos italianos e filhos de italianos que festejam presentemente o 50º aniversário dos primeiros imigrantes dessa nacionalidade aqui chegados, terá elle, em uma das faces, uma inscrição alusiva a esse evento histórico (50 ANOS DE COLONISAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL. *A Federação*, Porto Alegre, 3 de dezembro de 1925. p.2).

O obelisco foi esculpido pelos Irmãos Piatelli, e recebeu atenção da imprensa, que divulgou e prestigiou o projeto:

(...) – Os senhores Piatelli e Irmãos construíram um obelisco todo de granito dos arredores da capital.
Mede mais de 3 metros de altura, e descansa também sobre um pedestal de granito todo polido.
O obelisco está sendo colocado no jardim, situado logo na entrada do local da exposição (...). (VÁRIAS. *A Federação*, Porto Alegre, 2 de dezembro de 1925. p.5).

Porém, a inauguração do obelisco aconteceu no ano subsequente, e o local escolhido foi o Campo da Redenção, atual Parque Farroupilha, em frente à Avenida João Pessoa¹²³. O “roteiro turístico” do monumento é apresentado em detalhes por José Francisco Alves.

¹²² Segundo Alves, o ápice das comemorações foi a “*ESPOSIZIONE DEL LAVORO ITALIANO IN PORTO ALEGRE*”, que ocorreu de 5 a 24 de dezembro de 1925 no Bairro Menino Deus, em Porto Alegre. ALVES. Op. cit. p. 167.

¹²³ ALVES, 2004. loc. Cit.

Segundo o autor, a primeira transferência de local do monumento deu-se em data e por motivos desconhecidos. O obelisco foi transportado para o antigo aeroporto do Bairro São João, atual Fundação Rubem Berta. Na década de 80, o obelisco foi novamente transferido e seu novo endereço passou a ser a confluência das Avenidas Benjamin Constant e ruas Dom Pedro II, Pereira Franco e Souza Reis, em Frente a Esplanada Atilio Fontana.

Por entender que o local não era apropriado para acatar o monumento, na época escondido por árvores, a comissão que organizava os preparativos das comemorações do sesquicentenário da imigração italiana promove, outra vez, uma reinauguração no monumento, que recebeu seu quarto endereço: Praça Itália, Bairro Menino Deus¹²⁴, em 23 de maio de 2001.

Ainda pelas comemorações Farroupilhas, a Colônia Sírio-Libanesa oferece ao Estado um obelisco, no Parque Farroupilha. Por sua vez, a colônia Portuguesa escolhe a principal abertura do Porto da cidade para fazer frente ao obelisco que homenageia num mesmo monumento, o Centenário da Revolução e o Fundador de Porto Alegre, o português José Marcelino de Figueiredo, na Avenida Mauá.

Na cidade de Viamão, outrora sede do governo da Província de São Pedro, antiga denominação do nosso Estado, um obelisco, na Praça Júlio de Castilhos, construído em 1935, comemora os cem anos da Revolução Farroupilha e, posteriormente, e homenageia a Força Expedicionária.

Encontramos, ainda, em Novo Hamburgo e Garibaldi, outros obeliscos que lembram os méritos farrapos. Respectivamente, o primeiro, na Praça 20 de Setembro, rememora o Centenário, e o segundo, exalta a memória de Bento Gonçalves, Garibaldi e, em destaque, o interventor Flores da Cunha.

¹²⁴ A Praça Itália está localizada entre as Avenidas Praia de Belas e Borges de Medeiros, atrás do Shopping Praia de Belas.

A leitura que fazemos desses monumentos passa, conseqüentemente, pelo viés da interpretação de que foram escolhidos para representar um governo que se pretendia mais justo e igualitário, afirmado nas leis. Conforme sabemos, o obelisco foi, no antigo Egito, a forma de escultura escolhida para figurar o deus solar, Rá, e eternizar o nome do faraó, encarnação desse deus na terra. Assim, foi uma escolha singular representar o movimento Farroupilha num símbolo de poder que encarnou o grau maior de domínio para uma civilização.

2.4 O obelisco: o monumento e a identidade

Encontramos, até agora, o obelisco com atribuição de manter a memória e o imaginário de cunho político. Entretanto, encontramos outros monumentos com finalidades diferentes, mas não menos importante. Por exemplo, o obelisco de Nova Milano, cidade localizada próximo à Serra Gaúcha, que encerra em sua história a representação de identificação de uma comunidade com o monumento.

Para compreendermos a utilização do obelisco através deste olhar, tornou-se muito importante a noção de identidade cultural, bem discutida por Nilda Jacks, em *Querência: Cultura Regional como Mediação Simbólica*¹²⁵. Essa autora utiliza os estudos de Martín-Barbero e Canclini para o entendimento de identidade cultural da América Latina.

Segundo palavras de Nilda Jacks, para Martín-Ribero, identidade é “sempre socialmente atribuída, socialmente mantida e também só se transforma socialmente”¹²⁶. Assim, explica Jacks, a identidade cultural só é reconhecível no coletivo, como uma espécie

¹²⁵ JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

¹²⁶ MARTÍN-RIBERO apud JACKS, op. Cit. P. 64.

de reflexo da imagem social. A identidade cultural, segue autora, sempre realiza a contextualização do homem com seu meio, seu grupo social, sua história, em um processo de consciência que impede sua alienação.

Portanto, a função da identidade cultural é a interação entre o sujeito, individual ou social, e a realidade que o cerca, mediando os processos de produção e de apropriação dos bens culturais.

É essa mediação que garante o significado da produção cultural e o sentido do consumo de bens simbólicos, sem o qual esse consumo torna-se um processo vazio, podendo vir a ser um ato alienado e alienador. Nos termos proposto por Orozco, a identidade cultural é a expressão do imaginário e das condições materiais de uma população historicamente determinada, de uma comunidade de interpretação. (JACKS, 1999:65).

Em um estudo cujo tema principal foi a Festa da Uva, Cleodes Maria Piazza Julio Riberio retomou o início das comemorações, discutindo as representações da festa através do aparato discursivo¹²⁷.

Afirmar a própria identidade, serem reconhecidos como iguais pelos demais brasileiros para além do que prescreve a legislação, mostrar o resultado do próprio trabalho e reivindicar o poder que dele recorre são sentidos que os promotores da Festa da Uva de 1932 lhe conferem". (RIBEIRO, 2002:94).

Ribeiro utiliza Baczko ao analisar o imaginário social inteligível e comunicável por meio da produção dos discursos. Para a autora, o valor simbólico atribuído ao trabalho, no contexto cultural da Festa da Uva, apresenta duplo sentido: o primeiro, remete à Bíblia, em que o trabalho não é apenas um dever, mas um castigo; o outro sentido que, segundo Ribeiro,

¹²⁷ RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. *Festa & Identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

sobressai no contexto da festa, é o trabalho relacionado às conquistas decorrentes do que é chamado *fonte de valor*¹²⁸. Portanto, nessa festa são celebrados o direito que os imigrantes têm de serem reconhecidos por seus feitos nos âmbitos políticos e social, posto que o trabalho do colono produz o milagre da fartura.

A idéia do progresso tem um papel importante nas comemorações da Festa da Uva, pois os ideais positivistas e republicanos eram significativos na primeira metade do século XX no Rio Grande do Sul, época em que Caxias comemorou a Festa considerada “do trabalho e da abundância” (RIBEIRO, 2002). Ao mesmo tempo em que sugere exaltar o viés social e econômico de Caxias do Sul, a Festa da Uva também faz analogia às festas agrárias da Antiguidade Clássica. Segundo Ribeiro, isso é visualizado no discurso dos poetas portadores de uma herança iluminista. Mas, em sua análise, foi no ano de 1934 que a associação da festa com a antiguidade ganhou, de fato, contornos que poderiam ser chamados de ideológicos, inserindo a cultura primária do colono na tradição da cultura ocidental.

A Festa da Uva é a festa tradicional que nos vem de longínquos tempos da Grécia, que fazia as colheitas opulentas entre os cânticos das oscoforias, entre sátiros, mênades e tríades, colhiam cachos dourados dos parreirais maravilhosos do Parnaso, de Caos, Chio de Cypro e de Rodes. (...)

É belo, portanto, e é justo que essas festas antigas sejam mantidas e repetidas na maior zona produtora de uva do Brasil, neste recanto rio-grandense, coberto pela verdejante luxúria dos parreirais, nesta terra em que os colonos, desde os primeiros imigrantes, quase por uma inconsciente preferência atávica, parecem obedecer ao mandamento de Alceo: Nullan... sacra vitae prius severis arborem. (Não plantarás outra árvore antes de ter plantado a sagrada videira) (Diário de notícias, Porto Alegre, p. 28, fev. 1934 apud RIBEIRO, 2002. p. 100).

Nesse contexto, em de dezembro de 1925 foi inaugurado, na cidade de Nova Milano, um obelisco, construído em pedra basáltica e com uma placa de bronze. O monumento fazia parte das comemorações do Cinquentenário da imigração italiana na região, e foi construído

¹²⁸ RIBEIRO, Op. cit. p.96.

na Praça da vila de Nova Milano, no mesmo local em que a Comissão de Terras e Colonização havia construído, cinquenta anos antes, o primeiro barracão destinado a abrigar os imigrantes recém-chegados. Na placa de bronze fixada no obelisco lê-se a seguinte inscrição: “*Ai pionieri della civiltá latina 1875-1925*”¹²⁹.



Reinauguração do obelisco de Nova Milano

O evento da inauguração do obelisco contou com a presença de autoridades, incluindo o Embaixador da Itália, Barão Montagna, conforme artigos do *Jornal A Federação*, de dezembro de 1925:

(...) “Segunda, 7 de dezembro - 9 horas: descoberta da lápide de bronze do monumento de José Garibaldi, em homenagem aos outros italianos fazedores da República de 35 Zambecari, Anzanni e Rosseti.

(...) Terça, 8 de dezembro – partida para Caxias, do embaixador da Itália, o qual presidirá a cerimônia de inauguração da Columna Comemorativa do Cincoentenário e de uma lápide em Nova Milano”. (VÁRIAS. *A Federação*, 2 de dezembro de 1925. p.5).

Em um fragmento do convite feito pelo Presidente do Comitato Italiano de Caxias ao *jornal A Federação*, lê-se:

(...) “No 50° anniversario da vinda dos primeiros colonos italianos, Caxias deliberou erguer um perene símbolo de gratidão aos seus valorosos pioneiros. Um obelisco será inaugurado, no dia 9 do próximo mês de dezembro, no Parque do Cincoentenário, nesta cidade, e um monumento se inaugurará, no dia 10, em Nova Milano (...). (INAUGURAÇÃO DOS MONUMENTOS. *A Federação*, 5 de dezembro, 1925).

¹²⁹ RIBEIRO, op. cit. p.101.

O impacto provocado pelo segundo conflito mundial refletiu diretamente sobre o que Ribeiro chamou de “a mais bem-sucedida construção, no plano da representação coletiva” da sociedade colonial: a Festa da Uva. A participação do Brasil na Segunda Guerra, ao lado dos Aliados, rompendo diplomaticamente com a Itália, fez com que os colonos, que na década de 1930 eram exaltados, fossem suspeitos de ameaçar a soberania do país, posto que suas comemorações remetiam à saudação da nação italiana.

Entre tantos fatos que ocorreram na tentativa de coibir a manifestação dos colonos no Rio Grande do Sul, a retirada da placa de bronze do obelisco da Praça de Nova Milano foi significativa sobremaneira. “De inegável valor simbólico, aquele monumento à lembrança fora inaugurado em dezembro de 1925, em homenagem à fundação da região Nordeste do Rio Grande do Sul, por imigrantes italianos” (RIBEIRO. 2002: 141).

Mediante o depoimento de uma testemunha, Ribeiro descreve o episódio.

(...) Durante a Segunda Guerra Mundial, lá por volta de 1941, 1942, chegou um militar e uns soldados e lá, na praça de Nova Milano, com um pé-de-cabra, arrancaram a placa do monumento e levaram embora. Na manhã seguinte apareceu no mesmo lugar da placa um pedaço de tábua, com a mesma inscrição, em tinta azul. Lembro bem. A tinta era azul e a inscrição era a mesma. A tábua estava amarrada no obelisco com um fio de arame de cada lado. E lá ficou. Anos depois ficamos sabendo que o tal que arrancou a placa levou ela para a Metalúrgica Gazola, em Caxias, e mandou derreter e fazer cinzeiros. Aquele que recebeu a placa viu do que se tratava. Não falou nada. Endireitou e guardou ela bem guardada. Fez os cinzeiros e mandou entregar pro Tenente. Na festa dos 75 anos (da imigração), com as autoridades de Caxias, muita gente, todo povo de Nova Milano, a placa voltou pro seu lugar (...) (Piazza; Aleixo apud Ribeiro)¹³⁰.

A questão cultural antecede o episódio de Nova Milano. Conforme se narrou, em outro tópico deste estudo, existem, na Itália, obeliscos originais do Antigo Egito, que pertenceram a

¹³⁰ PIAZZA; ALEIXO; 1983; entrevista que integra o Acervo do Projeto Ecirs – IMEHC/ Universidade de Caxias do Sul. IN: RIBEIRO, 2002. Op. cit. p. 142.

Ramsés II, desde então lotados na Piazza Del Popolo, Piazza della Rotunda, Viale Delle Terme, Viela Celimontana, em Roma; e o Boboli Gardens em Florença¹³¹. Quando houve a dominação romana no Egito, houve também a transculturação de parte de suas tradições. Os romanos adotaram os obeliscos como expressão arquitetônica nas suas cidades, conforme certificamos nos estudos de Labib Habachi.

É importante questionar o porquê da construção do obelisco de Nova Milano em homenagem aos italianos e ao seu passado histórico. A recorrência da construção de obeliscos ligada a fatos da história dos grupos de imigrantes, às suas conquistas históricas, à coragem de se lançarem em busca de um território distante e desconhecido, remete à inscrição: “Al pioneri della civiltá latina 1875-1925”; e leva o pesquisador a refletir sobre essa também transculturação. Percebe-se, então, que além de ser o *símbolo da resistência*¹³² contra o confisco da memória coletiva nas palavras de Ribeiro, o obelisco simbolizaria, também, e até antes disso, a consciência do passado histórico dessa imigração.

Conforme o pensamento de Baczko:

Em qualquer conflito social grave – uma guerra, uma revolução – não serão as imagens exaltantes e magnificentes dos objetivos a atingir e dos frutos da vitória procurada uma condição de possibilidade da própria ação das forças em presença? [...] Os bens simbólicos que qualquer sociedade fabrica nada têm de irrisório e não existem, efetivamente, em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e preciosos. A prova disso é que constituem objeto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar as outras. Os dispositivos de repressão que os poderes constituídos põem de pé, a fim de preservarem o lugar privilegiado que a si próprio se atribuem no campo simbólico, provam, se necessário fosse, o caráter decerto imaginário, mas de modo algum ilusório, dos bens assim protegidos, tais como os emblemas de poder, os monumentos erigidos em sua glória, o carisma do chefe, etc (BACZKO, 1985:299).

¹³¹ Ver p. 21.

¹³² “além de seu valor intrínseco como obra comemorativa, há um outro valor que faz do obelisco de Nova Milano um monumento emblemático: é o de ser *símbolo da resistência* contra o confisco da memória coletiva (Ribeiro. 2002: 141).

Em Caxias do Sul há o Monumento Nacional ao Imigrante, tombado como Patrimônio Histórico Cultural do Estado. Situado às margens da BR 116, no Km 150 dessa rodovia, localiza-se num dos principais acessos ao centro da cidade¹³³.

Durante as comemorações da 75ª Festa da Uva, fez-se o lançamento da pedra fundamental pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra. A obra tem autoria de Antonio Carangi, e foi construída por Silvio Toigo e José Zambom. As obras de fundição foram executadas na Metalúrgica Abramo Eberle, supervisionadas por Tito Bettini¹³⁴.

O monumento é composto por um casal de imigrantes ao centro, fundidos em bronze. A cripta localizada abaixo tem as paredes revestidas com mármore, doação do governo italiano. Atrás do casal de imigrantes, um obelisco medindo 20,96m, que contém três baixos relevos alegóricos: no primeiro, a representação da chegada dos imigrantes, o segundo a sua vitória pelo trabalho e o último, a integração ao espírito da pátria brasileira.



¹³³ A concepção do monumento tinha, inicialmente, o intuito de homenagear os colonos que povoaram a região da Encosta Superior do Nordeste Gaúcho, durante as comemorações do 75º Aniversário da Colonização Italiano no Estado. No lançamento da pedra fundamental, durante as comemorações da Festa da Uva, passou a tratar-se, então, de um monumento Nacional a todos os imigrantes do país. Site: http://www.caxias.rs.gov.br/cultura/museu/museu/mon_imigrante.php4

¹³⁴ Site: http://www.caxias.rs.gov.br/cultura/museu/museu/mon_imigrante.php4. Última consulta em 04/01/07.

Monumento Nacional ao Imigrante – Caxias do Sul¹³⁵

Em outra homenagem da cidade aos italianos, situado em frente à prefeitura municipal, o obelisco também foi o suporte utilizado para assegurar aos imigrantes a continuação da sua memória. O obelisco é uma homenagem ao Centenário da Colonização Italiana e ao Presidente da República da Itália na sua visita à região em 13 de setembro de 1958.

Em sua inscrição, lê-se:

“Cada pedra deste monumento é uma parcela dos municípios que construíram o alicerce da colonização italiana no RS. Município: Antonio Prado, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Encantado, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Nova Prata, Veranópolis”.

“Homenagem ao Exmo. Sr. Giovanni Granchi, Presidente da República da Itália por ocasião da sua visita a esta Região 13-09-1958”¹³⁶.



Obelisco ao Imigrante Italiano - Caxias do Sul¹³⁷

¹³⁵ Imagem disponível no site: http://www.caxias.rs.gov.br/cultura/museu/museu/mon_imigrante.php4. Junto à porta de acesso ao interior do museu que fica abaixo do monumento lê-se: "Ó louro imigrante que trazes a enxada ao ombro. Sobe comigo a este píncaro e olha a manhã brasileira que nasce, Por dentro da serra, como um punhado de cores jogado na terra!..."

¹³⁶ BRITO, 2004.

¹³⁷ Foto de Júlio César Machado.

Esses monumentos vinculam os feitos desses colonos italianos aos monumentos que marcaram os louros da hegemonia e da dominação no passado, enquanto formam uma unidade de significado em que a comunidade se reconhece e se identifica.

Outra homenagem, de tom nada festivo, recebeu como marco um obelisco, também na cidade de Caxias do Sul. Em 1943, a explosão de um dos pavilhões de munição, no interior da empresa Gazola, Travi & Cia, vitimou moças entre quatorze e vinte anos, todas funcionárias nos setores de fabricação de material bélico, utilizados durante a Segunda Guerra Mundial. Em memória às vitimas, foi construído no pátio da empresa, hoje conhecida como Metalúrgica Gazola, um obelisco, em alvenaria.



Obelisco da Metalúrgica Gazola¹³⁸

A placa de bronze fixada junto ao obelisco preserva a inscrição:

“As denodadas e infelizes companheiras de trabalho
 Odila Gubert
 Graciema Formolo (+)
 Júlia Gomes (+)
 Olívia Gomes (+)
 Ilma Zago (+)
 Maria Bohn (+)
 Tereza Morais

¹³⁸ Imagens enviadas por Flávia Oliboni, do setor de Recursos Humanos da Metalúrgica Gazola.

Aqui vitimadas quando cumpriam seu dever pelo esforço de guerra do Brasil, na manhã lutuosa de 22 de julho último. Homenagem, em continência, da firma Gazola, Travi & Cia. Caxias, 25 de agosto de 1943”.¹³⁹

Assim, conclui-se que, além de ser um monumento aos colonos por seu trabalho e sua prosperidade, o obelisco da comunidade de Nova Milano tornou-se um símbolo, a partir do episódio que o envolveu, produzido por um imaginário que o tornou representante da persistência contra a repressão da identidade italiana.

2.5 O monumento hoje

Encerra-se, aqui, a abordagem sobre os obeliscos como modalidade que vislumbra a construção de novos monumentos para guardar determinada memória.

Conforme se constatou, o obelisco foi bastante utilizado no Rio Grande do Sul:

(...) O destaque destes marcos é a utilização do obelisco em obras bem relevantes por suas execuções e narrativas, além de exemplificar o uso tradicional desse tipo de marco na arte pública porto-alegrense (e também do Rio Grande do Sul) – a mais prevaiente forma egípcia ainda utilizada em monumentos. (Alves.2004:60-61).

Parte-se, então, para a metodologia utilizada na presente pesquisa. Elaborou-se um questionário aplicado aos alunos de duas escolas, em diferentes localidades, a fim de tentar compreender como ocorreu o esquecimento dos obeliscos, enquanto portadores da função já mencionada, de monumento.

Durante a pesquisa, destacou-se um significativo desconhecimento do obelisco como monumento e, até mesmo, um estranhamento dos estudantes questionados ou de instituições

¹³⁹ Pesquisa realizada no site http://www.caxias.rs.gov/cultura/museu/bens_tombados.php4. Lançamento no livro do Tombo em 30 de junho de 2003.

em relação ao próprio nome da escultura. Isso ficou evidente em uma carta recebida do Serviço Municipal de Turismo de determinado município, e que, erroneamente, apontava ausência de “*elementos referentes ao Egito Antigo no contexto brasileiro*”, em particular, obeliscos. Posteriormente, através da colaboração de outras pessoas, de pesquisa bibliográfica e em sites, foram localizados três obeliscos, um deles no largo da própria prefeitura cujo serviço de Turismo enviou a carta.

Aqui encontra-se um motivo para retornar à questão do patrimônio. De acordo com o texto de Pedro Paulo Funari, o homem pertence, durante a vida, a inúmeras coletividades, o que lhe permite diversificar interesses. As suas atribuições de valores podem, ou não, mudar conforme o grupo com qual se relaciona. Nesse aspecto, Funari faz cometa a dificuldade que cerca a relação estabelecida com o patrimônio cultural: “*O que para uns é patrimônio, para outros não é. Além disso, os valores sociais mudam com o tempo*” (FUNARI; PELEGRINI, 2006: 10).

Com base nesses argumentos, decidiu-se investigar, junto aos alunos do Instituto Flores da Cunha, o seu conhecimento sobre o obelisco construído em 1935, por ocasião do Centenário da Revolução Farroupilha, e que se encontra ao lado da escola (a aproximadamente 20m). Outra pesquisa foi feita na Escola Técnica Dimensão, na cidade de Charqueadas, próxima da capital, mas que não possui nenhum monumento dessa natureza.

O questionário aplicado no Instituto Flores da Cunha tinha por objetivo saber se os alunos conheciam o monumento situado ao lado da Instituição, seu significado, o motivo de sua construção e, por último, se conheciam outros monumentos com a mesma forma. As questões foram entregues às professoras, que repassaram aos seus alunos. Responderam ao questionário alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.

Na Escola Técnica Dimensão, onde trabalho, o questionário foi entregue pessoalmente aos alunos em sala de aula.

Sabe-se que os monumentos, hoje, estão expostos à ação do vandalismo e da falta de recursos. A função do monumento de suporte da memória está comprometida por problemas de furto de suas placas e, não em menor importância, por ser relegado ao esquecimento pela comunidade em geral.

Na cidade de Belo Horizonte, a Fundação João Pinheiro publicou um artigo sobre a Educação Patrimonial¹⁴⁰, a partir de um estudo que objetivava obter esclarecimentos, por parte das escolas públicas estaduais de ensino médio, quanto ao conhecimento, experiência e interesse em trabalhar com o tema patrimônio cultural.

Em suas considerações finais, o texto revela que os educadores abordados naquela pesquisa demonstravam grande interesse pelo tema patrimônio histórico. Cerca de um quarto desses educadores revelaram conceitos satisfatórios e médios sobre o conceito de patrimônio cultural, em conformidade com a classificação adotada como parâmetro pela pesquisa. Como elementos constitutivos de um amplo conceito de patrimônio cultural, apareceram os seguintes dados: propriedade coletiva, bens materiais, história, preservação e conservação, conhecimento, gerações futuras, identidade e raízes, memória, cidadania e política e meio ambiente.

Porém, deve ser ressaltada a observação feita por grande parte daqueles educadores: *Para o desenvolvimento do tema patrimônio cultural faz-se necessário o suporte, tanto para professores quanto para os alunos, de material de referência e consulta e de recursos audiovisuais* (Fundação João Pinheiro, 2001: 31).

Uma pesquisa importante, direcionada ao conhecimento prévio que os alunos levam para a sala de aula, a respeito do Egito Antigo, foi realizada por Raquel dos Santos Funari¹⁴¹.

¹⁴⁰ Fundação João Pinheiro / Centro de Estudos Históricos e Culturais – CEHC. Pesquisa e educação patrimonial: subsídios para elaboração de proposta de ação educativa. Cadernos do CEHC. Série Cultura, nº

¹⁴¹ FUNARI, Raquel dos Santos. *Imagens do Egito antigo: um estudo de representações históricas*. São Paulo: Annablume; Unicamp, 2006.

As questões que nortearam o estudo de Funari partiram da observação feita sobre os alunos que ingressavam na quinta série do Ensino Fundamental e as informações que tinham, à priori, sobre a antiguidade egípcia. Em sua maioria, diz a autora, essas informações eram influenciadas por filmes, documentários, revistas, jornais e pela família, dentre outros meios ((FUNARI, 2006:33). As perguntas feitas por Funari foram: Qual a contribuição da Antiguidade Oriental para a formação de ser e de pensar do brasileiro? Como as influências do Oriente chegam ao Brasil¹⁴²?

Dentre os resultados, Funari constatou um significativo número de alunos, acima de 90%, que já tinham assistido a algum filme com a temática do Egito. Os interesses variavam um pouco conforme o gênero, mas o filme mais assistido por ambos os sexos foi *A Múmia*, seguido de *Príncipe do Egito* e *O Retorno da Múmia*¹⁴³. Outro dado salutar da pesquisa foi a recorrência dos temas pirâmides e faraós nas publicações que mais interessavam aos alunos.

Na seqüência, Funari relatou dados do segundo questionário, realizado após o Estudo do Egito em sala de aula, baseado em livros didáticos, apostilas ou aulas expositivas. Como anteriormente, as respostas são reveladoras e constituem parte importante para um estudo que pretenda versar sobre o Egito Antigo e a influência que sociedade receba dele.

Neste estudo, dar-se-á ênfase a duas colaborações da pesquisa de Funari. A primeira, diz respeito à localização do Egito. A grande maioria dos alunos entrevistados pela autora reconheceu a África como berço da civilização egípcia. Porém, um pequeno, mas razoável, número de alunos que acreditavam que o Egito deveria estar em outro lugar¹⁴⁴! Em segundo lugar, e tão reveladora quanto a primeira, estava o interesse demonstrado pelas crianças em conhecer o Egito: nove em cada dez crianças.

¹⁴² FUNARI, 2006. op. cit. p. 33.

¹⁴³ Em seu livro, Funari dedica um espaço maior para explicação do conteúdo de cada película, bem como os dados de suas conclusões.

¹⁴⁴ Conforme o texto, 126 meninos e 122 meninas, num total de 248 alunos .

Outra experiência, vivida pela pesquisadora do presente estudo, que se julga importante relatar, ocorreu com crianças de quarta série, em uma escola de Ensino Fundamental da cidade de Charqueadas, no ano de 2002. A pedido da professora que estava trabalhando o conteúdo de História, realizou-se uma oficina com os alunos, após a exibição do filme *A Múmia*. O maior interesse dos alunos consistiu em saber sobre os escaravelhos que aparecem como devoradores de pessoas. Existiam mesmo? Qual o tamanho? Podem matar? Satisfeitas as curiosidades e apresentados alguns aspectos da civilização, os alunos direcionaram uma pergunta objetiva e bastante complicada de responder: *“Professora, nós vamos vender nega-maluca e refri e juntar dinheiro para uma excursão ao Egito. A senhora pode nos levar?”*.

A fluência dessa pergunta, associada ao contexto, revelou que os alunos estavam estudando uma civilização, mas não a localizavam no espaço, e, talvez, também não a localizavam no tempo. Isso vai ao encontro dos dados de Funari, quando diz que os alunos não associavam o Egito à África, indicando que seu lugar deveria ser outro. Por que?

Diferente do estudo de Funari, o questionário aplicado na Escola Flores da Cunha teve o interesse, por um lado, de diagnosticar o conhecimento e o interesse dos alunos que, visualmente, estavam em constante contato com um obelisco. E, por outro, com o questionário aplicado na Escola Técnica Dimensão, foi o de verificar o grau de conhecimento sobre esse objeto, por alunos que vivem num município onde não há nenhuma escultura nesse estilo.

As respostas ao questionário aplicado na Escola Flores da Cunha revelaram grande (quase total) desconhecimento em relação ao obelisco. Nenhum aluno conhecia o significado do monumento. Dos 136 alunos, apenas três (3) sabiam que o obelisco mostrado na imagem diz respeito ao evento Revolução Farroupilha.

A Redenção e a Avenida João Pessoa são, respectivamente, os locais mais referidos como localização de um monumento igual ao apresentado pela imagem, no caso, o obelisco do Parque Farroupilha. Em seguida, a Praça da Matriz (citada três vezes), o Instituto de Educação (citado duas vezes), a Praça da Alfândega (citada uma vez) e proximidades do centro (também citado uma vez).

Por duas vezes o monumento do Laçador, que representa um homem vestido à moda gaúcha, foi comparado ao obelisco, e o monumento ao Expedicionário também foi citado. Frases como “*praças e ruas da cidade*”, ou “*não me lembro*”, chegaram a um número de doze como resposta.

O obelisco que ilustrou o questionário é, como já foi explicado, o monumento em homenagem à Revolução Farroupilha, localizado no Parque Farroupilha ou Redenção. Quando há inferência sobre a Redenção como local onde existe um monumento igual ao da imagem, os alunos podem estar se referindo à mesma obra, ainda que se especifique, no questionário, que o dito monumento se encontra ao lado da escola. Existe a possibilidade de que os alunos não tenham reconhecido o monumento ou não saibam que aquele local pertence ao Parque. Ainda assim, o número de alunos que se refere ao Parque da Redenção foi quatorze, número pequeno se comparado ao total de alunos que responderam as questões.

Ao se iniciar a análise desses dados surge a pergunta: De que modo os estudos de Ivan Izquierdo podem auxiliar nessa análise?

Sob o pensamento desse autor, podemos analisar que o obelisco, enquanto monumento, desempenhando a função de guardião de memória, foi esquecido porque não representa, não tem significação nenhuma para a memória desses alunos.

Por sua vez, Pedro Paulo Funari e Sandra C. A. Pelegrini afirmam: os valores sociais mudam com o tempo. A coletividade responsável pela escolha do obelisco, como significativo

de determinada memória não é a mesma que hoje vê o monumento. O interesse foi diversificado e, conforme já se disse, a má conservação associada a outros problemas tratou de colaborar para o quase total esquecimento do monumento junto à sua memória.

Na Escola Técnica Dimensão, o questionário aplicado foi diferente, pois não há, nessa localidade nenhum obelisco. Foram 45 alunos entrevistados, de 6ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e de 1º ao 3º ano do Ensino Médio. O único aluno, no total de 45, que afirmou saber o nome do monumento, chamou-o de “*obelisco*”.

Mesmo com a enorme quantidade de marcos, estátuas, obeliscos, etc, existentes nas cidades, hoje eles não traduzem mais a designação que lhes foi atribuída. A análise das questões vem, apenas, confirmar esse fato.

Acredita-se que, mediante o interesse por estudos que atentem para a importância dos monumentos públicos à memória da sociedade, seja possível reaver a sua condição de significância para a história do lugar. Cita-se o caso do obelisco em homenagem à Saint Pastous. O sentido atribuído à escolha deste tipo de monumento para homenagear esse personagem pode ser apreendido a partir do olhar de Margaret Bakos. A construção do imaginário que visualizou no obelisco a melhor forma de fazer uma reverência, efetivou-se no viés da transculturação¹⁴⁵.

Segundo a autora, o contexto do Egito Antigo tem propiciado a criação de figuras, presentes no imaginário coletivo, e que permanecem vivas devido à historiografia grega. Como exemplo, Bakos cita a imagem do Egito como terra da prosperidade, duração e riqueza onde, no lugar da fome, existiam grandes riquezas, faraós imortais e deuses poderosos.

O contexto do Egito Antigo tem se mostrado propício para a criação de figuras, presentes no imaginário coletivo (BACZKO, 1985:4), algumas delas continuam muito vivas, graças a uma extensa historiografia de origem Grega (FUNARI, P.P..

¹⁴⁵ BAKOS, Margaret M. *The Invention of Antiquity in South America through Egiptomania*. No prelo.

2004:9), a qual foi responsável por sua natureza duradoura. Entre eles, estão as imagens do Egito como a Terra da prosperidade, durabilidade e riqueza – a cesta de trigo do mundo antigo – um lugar no qual, ao invés de fome, grandes riquezas, faraós imortais e deuses poderosos eram encontrados.¹⁴⁶

São essas *fantasias*, na concepção da autora, as responsáveis pela propagação e pelo reuso das criações egípcias.

É nesse sentido que se apresenta, no capítulo a seguir, o resultado quantitativo da pesquisa sobre os obeliscos, os motivos de construção de cada monumento e o sentido da sua construção. Porém, como já foi mencionado, no início, não se dispõe de todas as informações referentes aos monumentos, o que não invalida o estudo. Ao contrário, esse fato motiva a continuar a busca dos dados, com a certeza de que muito poderá ser apreendido do que se possa, certamente, ainda encontrar.

¹⁴⁶ *The context of Ancient Egypt has been shown to be propitious for the creation of figures, present in the collective imagination (BACZKO, 1985:4), some of them still very much alive, thanks to an expensive historiography of Greek origin (FUNARI, P.P. 2044:9), that was responsible for their enduring nature. Among them, is the image of Egypt as the land of prosperity, endurance, and wealth – the wheat basket of the ancient world – a place in which, instead of hunger, great riches, immortal pharaohs and powerful gods were found. (BAKOS. No prelo).*

III OS OBELISCOS NO BRASIL

O primeiro projeto de pesquisa de Margaret Marchiori Bakos sobre os obeliscos pretendeu estudar os monumentos no Rio Grande do Sul. Os resultados dessa primeira pesquisa se desdobraram em outras que, associadas à ausência de estudos mais aprofundados sobre o tema, despertaram o interesse em investigar a presença ou não desses monumentos no restante do país

Assim, o presente estudo, que é um dos desdobramentos daquela primeira pesquisa, investigou a possível presença de obeliscos no Brasil de modo quantitativo. Isto porque houve a necessidade de estabelecer parâmetros que contivessem, de maneira limitada, o foco da

pesquisa¹⁴⁷. Apresentam-se, neste capítulo, os resultados sobre a quantidade de obeliscos erguidos em todo o Brasil, classificados por estados.

3.1 Os obeliscos no Rio Grande do Sul.

Na capital do Estado, Porto Alegre, havia onze obeliscos, mas apenas nove continuam de pé. Cinco deles contemplam, em si, mais de uma memória.

Quantidade de Monumentos	Homenagem
07	Revolução Farroupilha / Heróis da Revolução Farroupilha
04	Colonização / Imigração
06	Personalidades (Ministro, General, prefeito, povo gaúcho)
01	Festa das Árvores
01	Desconhecida ¹⁴⁸

Quadro: Quantidade de Monumento e suas representações

No restante do Estado, foram encontrados 48 monumentos¹⁴⁹ que, somados aos de Porto Alegre, perfazem o total de 61 obeliscos em solo gaúcho. Porém, ainda não foi possível colher todas as informações relativas a estes marcos, pois deste resultado, faltam imagens e / ou informações sobre o motivo de suas construções. O quadro 2 demonstra os elementos ausentes nesses marcos.

Cidade	O que falta
--------	-------------

¹⁴⁷ Outras pesquisas estão acontecendo dentro do projeto de Bakos, realizadas pelo grupo de pesquisa do Cejha (Centro de Estudos e Jornada de História Antiga), conforme citado na introdução deste estudo.

¹⁴⁸ Trata-se do obelisco da Avenida Padre Cacique, atualmente removido ou destruído.

¹⁴⁹ Existem 16 obeliscos que não se conhece o significado ou não se tem a imagem.

Canguçu	Imagem
Imbé	Motivo de construção
São Pedro	Motivo de construção
Cerro Largo	Imagem
Itaqui	Imagem
Pinheiro Machado	Imagem
Restinga Seca	Imagem
Não-Me-Toque	Imagem
Jaguari	Imagem
Aceguá	Motivo de construção
Sobradinho	Motivo de construção e imagem
Bagé	Imagem
Vacaria	Motivo de construção
São Gabriel	Imagem
Alegrete	Motivo de construção
Jaguarão	Imagem

Quadro: Elementos ausentes nos monumentos

3.1.1 Obeliscos no Rio Grande do Sul, exceto Porto Alegre:

Homenagem	Monumentos com imagem
Homenagem a personalidades (prefeitos, presidentes, governadores, Barão, Ferroviários)	07
Fundadores de Cidade	03
Marco (de Fronteira, local, inauguração de parque)	04
Colonização / imigração / imigrante	09
Independência do Brasil	04
Revolução Farroupilha / heróis farroupilha	9
Motivos religiosos	02
Centenário emancipação política de município	06
Obelisco maçom	01
Possuem mais de uma homenagem no mesmo monumento.	6

Quadro: Obeliscos no Rio Grande do Sul, exceto Porto Alegre:

3.2 Obeliscos nos demais estados brasileiros

3.2.1 Santa Catarina

Obelisco	Homenagem
02 Personalidades	

01	Aos heróis Lagunenses na epopéia de 1839 (à República Catarinense e à Anita Garibaldi)
02	religioso
02	Marco divisório /marco zero
*01	Fazem mais de uma homenagem no mesmo monumento.

Quadro: obeliscos em Santa Catarina, com imagem.

obelisco	Homenagem
01	Marco Zero da cidade
01	-

Quadro: obeliscos em Santa Catarina sem imagem

3.2.2 Paraná:

Obeliscos	Homenagem
07	Homenagem à personalidades (Interventor, Dr, prefeito, expedicionário, bandeirantes, vereadores).
03	Marco de fronteira (país, Estado) / inauguração.
06	Centenário da cidade / Estado.
03	Inauguração (praça, rua, calçada)
01	Fundadores da cidade

Quadro dos obeliscos existentes no Paraná

3.2.3 São Paulo:

Obelisco	Homenagem
02	Obeliscos maçônicos
01	Obelisco do Lions
02	Alusão à abolição da escravatura
03	Marco Geodésico / marco estrada
02	Centenário de Independência / Descobrimento do Brasil
02	Centenário de cidade / emancipação de município
01	Aos lusíadas
03	Obelisco à Paz
09	Guerra (heróis de Guerra, Rev. 32, II GM, FEB)
03	Personalidades (Visconde, Marechal)

Quadro: obeliscos em São Paulo, com imagem.

Obelisco	Homenagem
01	Presente da Empresa NGK para a cidade.
01	Comemoração do Centenário da Independência.
01	Homenagem ao soldado Pérsio de Queiróz
01	Homenagem aos Pracinhas Vicentinos
01	Aos propagandistas da República e aos trabalhadores da abolição.
01	Homenagem ao sesquicentenário da cidade.

Quadro: obeliscos em São Paulo, sem imagem.

3.2.4 Amapá:

Obelisco	Homenagem
01	Observação ao equinócio

Quadro de Obelisco no Amapá

3.2.5 Distrito Federal:

Obelisco	homenagem
01	Centenário da Independência

Quadro de obelisco no Distrito Federal

3.2.6 Sergipe:

Obelisco	Homenagem
01	Homenagem ao fundador da cidade de Aracaju.

Quadro de obelisco em Sergipe, com imagem.

Obelisco	Motivo
01	Comemoração dos 150 anos de emancipação do município.

Quadro de obelisco em Sergipe, sem imagem

3.2.7 Minas Gerais

Obeliscos	Homenagem
02	Independência do Brasil / IV Centenário do Descobrimento do Brasil
03	Homenagem aos combatentes da II GM
01	Fundação da cidade
01	Sociedade de Eubiose
01	Centenário da cidade (São João Del Rei)

Quadro: obeliscos em Minas Gerais, com imagem.

obelisco	Homenagem
São João Del Rei	Comemoração ao Centenário da cidade.

Quadro: obelisco em Minas Gerais, sem imagem.

3.2.8 Rio de Janeiro:

Obelisco	Homenagem
03	Marco abertura de avenida / lugar
03	Homenagem ao centenário de emancipação de Cidade.
05	Homenagem à personalidades (prefeitos, imperador, trabalhador)
01	Náufragos de navio
01	Centenário da independência
01	Municipalidade do RJ (Convento)
01	Motivo religioso.
*01	Trocou seu significado original (Convento)

Quadro: obeliscos no Estado do Rio de Janeiro

3.2.9 Pernambuco:

obelisco	Homenagem
01	Restauração Pernambucana
01	Vitória sobre os holandeses; elevação à categoria de vila; confederação do Equador; Revolta Republicana.

01	Localização do Forte.
01	Marco astronômico
01	Homenagem às heroínas

Quadro: obeliscos em Pernambuco, com imagem.

Obelisco	Homenagem
01	Marco da passagem do planeta Vênus pelo sol, em 1882.

Quadro: Obelisco em Pernambuco sem imagem

3.2.10 Piauí:

obelisco	Homenagem
01	Centenário da cidade

Quadro: obelisco no Piauí

3.2.11 Mato Grosso:

Obelisco	Homenagem
03	Marco símbolo geodésico / marco coordenadas geográficas / marco inauguração
04	Personalidades (visconde, major, antepassados históricos, constituintes do estado, Coronel)
03	Heróis de guerra
02	Aos fundadores da cidade
02	fundação de cidade

Quadro: obeliscos no Mato Grosso

Obelisco	Homenagem
01	Em homenagem aos heróis mortos em defesa da Pátria.

Quadro: Obeliscos em Mato Grosso sem imagem

3.2.12 Bahia:

Obelisco	Homenagem
01	Marco à independência
01	Homenagem aos combatentes da II GM
01	Homenagem aos heróis da independência da Bahia
01	Homenagem à Dom João VI.
*02	Mais de uma homenagem por monumento.

Quadro: Obelisco na Bahia, com imagem.

obelisco	Homenagem
01	Homenagem ao desembarque de Dom João VI na Bahia, em 1808.

Quadro: Obeliscos na Bahia sem imagem

3.2.13 Acre:

obelisco	Homenagem
01	Homenagem aos heróis da revolução Acreana.

Obelisco no Acre

3.2.14 Mato Grosso do Sul:

Obelisco	Homenagem
01	Homenagem à comitiva da fundação da cidade.

Quadro: obelisco no Mato Grosso do Sul

3.2.15 Espírito Santo:

Obelisco	Homenagem
01	Centenário do povoamento do estado
01	Homenagem a chegada do povoador
01	Homenagem aos ex-combatentes da II GM
01	Ao imigrante italiano.

Quadro: obeliscos no Espírito Santo

3.2.16 Pará:

Obelisco	Homenagem
03	Homenagem abertura / inauguração de canal, dique, rampa.
02	Homenagem guerra / revoluções.
02	Personalidade
01	Descobrimento do Brasil.
01	Fundação / instalação de município.
02*	Mais de uma homenagem no mesmo monumento.

Quadro: obeliscos no Pará, com imagem.

obelisco	Homenagem
01	Inscrições alusivas aos feitos de guerra da velha Praça de Guerra.

Quadro: Obeliscos no Pará sem imagem

3.2.17 Rio Grande do Norte:

Obelisco	Homenagem
01	Motivo religioso.
01	Centenário de município.
01	Centenário de Independência do Brasil
02	Homenagem à personalidades.
01	Mais de uma homenagem no mesmo monumento.

Quadro: obeliscos no Rio Grande do Norte, com imagem.

obelisco	Homenagem
01	Bicentenário da Paróquia e Centenário do Município.
01	Homenagem ao fundador da cidade.

Quadro: Obeliscos no Rio Grande do Norte sem imagem.

3.2.18 Paraíba:

Obelisco 01	Homenagem Marco da transamazônica.
----------------	---------------------------------------

Quadro: obelisco na Paraíba.

3.2.19 Alagoas:

Obelisco 01	Homenagem Homenagem aos 300 anos de expulsão dos holandeses.
----------------	---

Quadro de obelisco em Alagoas

De acordo com os dados coletados, classificam-se os obeliscos quanto à sua utilização, ou reutilização, no Brasil, desde o século XIX até os dias atuais. Essa classificação objetiva entender os significados investidos nos monumentos no contexto nacional.

3.3 Obeliscos brasileiros: classificação.

A classificação que se apresenta teve como premissa satisfazer os questionamentos propostos no início do estudo: entender os sentidos da construção de um obelisco no contexto da modernidade e saber qual a memória e a história que guardam. Para maior visibilidade, agruparam-se seus sentidos de construção / suas memórias, como segue no Quadro: classificação dos motivos/sentidos de construção, a seguir:

Motivos / sentidos de construção	Quantidade
Comemorações de Centenário da Revolução Farroupilha, Revolução de Laguna, 2ª Guerra Mundial, FEB, heróis de guerra.	41
Personalidades: Presidente, Governador, Prefeito, Barão, Imperador,	40

Escritor, Professor, etc.	
Marcos de fronteira, abertura / inauguração de Avenidas, praças, parques, observações de fenômenos da natureza, marco geográfico.	26
Emancipação / fundação de cidades.	25
Homenagem à imigração / aos imigrantes	14
Descobrimto e Independência do Brasil	13
Fundadores de Cidade.	07
Motivos religiosos	05
Obelisco à Paz	04
Obelisco maçom	03
Outros motivos	09
Desconhecido	14

Quadro: classificação dos motivos/sentidos de construção

Conhecer os sentidos da reutilização dos obeliscos na atualidade, no contexto nacional brasileiro, propiciou que se entendesse:

- a) o obelisco compondo o cenário das cidades brasileiras;
- b) o sentido de memória do obelisco.

E, finalmente, o estudo reiterou a perspectiva levantada por Margaret Bakos, de que todos os sentidos identificados são uma modificação dos sentidos originais. Portanto, não se pode falar simplesmente de uma utilização pura e simples, e sim de transculturação.

À luz de Jacques Le Goff, que entende o monumento (e o documento) como um produto da sociedade que o fabricou a partir das relações das forças que nela exerceram o poder (LE GOFF. 1991: 227), este estudo procurou estabelecer a relação entre a história escrita – a partir de documentos elaborados por historiadores – e a história dos monumentos – a partir de seu significado original e da tentativa de entender a ligação entre este significado e o sentido dado aos monumentos.

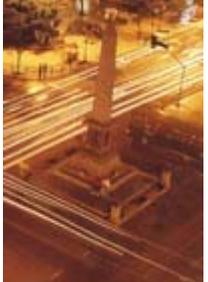
<i>Cidade</i>	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Rio Branco</i>	AC		Entre Avenida Getúlio Vargas e Rua Porto Leal	Obelisco da Batalha da Corrente. Homenagem aos heróis da Revolução Acreana.	–	
<i>Penedo</i>	AL	1945	Praça Rui Barbosa	Homenagem aos 300 anos de expulsão dos holandeses *(data e motivo a confirmar).	–	
<i>Macapá</i>	Amapá	–	Praça Meio do Mundo	Monumento erguido para observação do Equinócio. Localizado junto ao monumento Marco Zero, que corresponde à linha imaginária que divide a terra em dois hemisférios.	–	
<i>Ilhéus</i>	BA	1927	Avenida 2 de Julho	Obelisco do Belvedere: homenagem aos heróis da Independência da Bahia. Feito em uma pedra só, existiam placas em suas laterais com os nomes de Joana Angélica, Ana Nery e Borges de Barros, entre outros que lutaram pela independência da Bahia.	–	

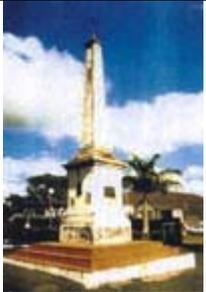
<i>Cidade</i>	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Nazaré das Farinhas</i>	BA	1930	Praça Camamu	Marco da Independência. Inscrição: “Homenagem à patriótica cooperação alimentícia aos combatentes que no litoral derrotaram a frota Lusiana”; do lado oposto: “Aos bravos Pracinhas de 1945, homenagem da cidade de Nazaré, Julho de 1951”.	Gestão do prefeito Cel. Pedro Tavares.	
<i>Salvador</i>	BA	23/01/1815	Praça Padre Aspilcueta, em frente ao Palácio da Aclamação	<p>Obelisco à Dom João VI. Construído em Pedra de Lioz, com 12m de altura e base de 2,31X2,31 e técnica de entalhe e gravação.</p> <p>O obelisco foi mandado erigir pelo Senado da Bahia, em homenagem ao fato histórico do desembarque de D. João VI na Bahia, em 22 de janeiro de 1808.</p> <p>Instalado no Passeio Público, foi inaugurado em 1815, com grandes pompas, pelo então governador, o 8º Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito. Em 1914, foi trasladado para a Praça da Aclamação, por ordem do governador baiano de então, sob protestos da minoria da bancada do Conselho Municipal. Essa transferência é descrita no livro "Bahia Histórica - Reminiscências do passado - Registro do' presente", de autoria de Sílvio Bocanera Júnior, editado em 1921, nestes termos: "E sobe de ponto essa irreverência praticada por um governo da Bahia, ao saber-se que, na trasladação referida do Obelisco para o parque da Praça da Aclamação, deixaram ficar desprezados, abandonados, como objetos de nenhum valor, de</p>	<i>Salvador</i>	BA

			<p>nenhuma importância, de nenhum culto cívico, sobre o local do Passeio Público, onde a História erguera, há um século passado, esse Monumento lapidar, todos os belos ornamentos de Arte que o circundavam e lhe emprestavam relevo, que já não mais possui! Dentre esses ornamentos, destacavam-se muitas estatuetas de fino mármore, cujo destino ignoramos, sabendo, porém que muitas ficaram inutilizadas. Um verdadeiro vandalismo que nosso espírito de sincero tradicionalista, revoltado, não pode aqui deixar passar no silêncio e o averba com o mais solene protesto. O secular monumento foi duplamente ofendido: em sua história e em sua estética. Hoje é um monumento deturpado".A face voltada para o Palácio da Aclamação, vê-se a gravação:JOANNI PRINC REG. P.F.P.P. XI CAL.FEBRUAR. A.D.MDCCCVIII BAHIAE SENATUS MONUMENTUM POSSUIT MDCCCXV http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/sitios-historicos-ficha41.php</p>		
--	--	--	---	--	--

<i>Cidade</i>	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Redenção</i>	CE	-	Praça da Liberdade	Obelisco da Praça da Liberdade.	-	
<i>Planaltina</i>	DF	07/09/1922	Morro do Centenário	Suas faces são orientadas para os pontos cardeais e possui 3,75m de altura. Pedra Fundamental em comemoração ao Centenário da Independência.	-	
<i>Vila Velha</i>	ES	20/05/1935	-	Comemoração ao IV Centenário de povoamento do Espírito Santo por Vasco Coutinho (1535-1935). Homenagem prestada ao Estado pela família Oliveira Santos durante o governo de João Punaro Bley.	-	

<i>Cidade</i>	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
	ES	–	–	Monumento em homenagem a chegada de Vasco Fernandes Coutinho à Capitania do Espírito Santo.	–	
<i>Santa Teresa</i>	ES	–	Praça Domingos Martins	Homenagem aos Ex-Combatentes teresenses da 2ª guerra Mundial.	–	
<i>Vitória</i>	ES	–	Bairro: Centro	A Prefeitura de Vitória inaugurou o Monumento ao Imigrante Italiano, uma obra arquitetônica que marca o reconhecimento da importância da cultura italiana em nosso Estado. Dois obeliscos em granito verde com 30 metros de altura e com 12 refletores, representando os povos capixaba e italiano, aproximam-se gradualmente até tocarem-se suavemente no topo. O monumento demonstra simbolicamente que a distância geográfica não é uma barreira para a integração cultural entre os povos. Uma iluminação especial, com as cores da bandeira italiana, cria um grande impacto visual, fazendo do monumento uma nova referência para a cidade de Vitória. Créditos: Acervo da Secretaria Municipal de Vitória http://www.brasilviagem.com/pontur/?CodAtr=3528	–	 foto (site): Elizabeth Nader

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Arcos</i>	MG	–	–	Monumentos aos Ex-Combatentes da 2ª Guerra Mundial.	–	
<i>Belo Horizonte</i>	MG		Confluência das avenidas Afonso Pena e Amazonas	Obelisco conhecido popularmente como "Pirulito", marco comemorativo do Centenário da Independência do Brasil.	–	
<i>Guaxupe</i>	MG	Década de 1946.		Homenagem aos expedicionários guaxupeanos que lutaram na 2ª Guerra Mundial para livrar o mundo da ameaça nazista. É uma construção simples em sua concepção arquitetônica, mas de inestimável valor histórico e de gratidão do povo guaxupeano, para com aqueles que foram para o front. http://www.guaxupe.mg.gov.br/Patrimonio_Historico/body_patrimonio_historico.html		

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Muzambinho</i>	MG	1900	Praça Pedro de Alcântara	Obelisco erigido em comemoração ao IV Centenário do Descobrimento do Brasil. Foi utilizado para homenagear os pracinhas muzambinhenses que serviram na II GM. 10m.	–	
<i>Ouro Fino</i>	MG		Praça Francisco Bueno Brandão.	Monumento Comemorativo aos 200 anos de fundação de Ouro Fino.	Inaugurada durante a administração do Prefeito Ulisses Quaglia.	
<i>São João Del Rei</i>	MG	1938	–	Comemoração do Centenário da cidade	–	–
<i>São Lourenço</i>	MG	No Templo da Sociedade Brasileira de Eubiose	–	Face voltada para o Ocidente: "Glória a todos aqueles que chegaram a este lugar como sendo o dos 22 para 23 graus de latitude-sul, no trópico de capricórnio, por Lei traçado como demarcação final de um ciclo para começo de outro - acompanhando tais pessoas os Gêmeos Espirituais ou Parelha Manúsica através do itinerário "Itinerário IO"; ITAPARICA - NITERÓI RIO DE JANEIRO S. PAULO – S. LOURENÇO Face voltada para o Oriente: "Glória do mesmo modo aqueles que vindos	–	

				<p>de toda parte do globo, assim o fazendo devido às excelsas irradiações que deste lugar emanam, pois é o do Templo dedicado ao Supremo Arquiteto manifestado no avatara cíclico, conhecido pelo nome de Maitreya, aos mesmos a Lei que a tudo e a todos rege, faculta o insigne privilégio de serem considerados como SEMENTE DA NOVA CIVILIZAÇÃO”</p> <p>O Oriente se volta para o Ocidente!</p> <p>AUM</p>		
--	--	--	--	--	--	--

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>São Luis</i>	MA	1841	Cais da Sagração	Pedra da Memória. Também chamado de Baluarte de São Cosme e Damião, é um obelisco de cantaria com inscrição alusiva à maioria do Imperador Dom Pedro II. O monumento está ladeado por dois canhões e protegido do mar por muralhas, que são resquícios do Forte São Felipe. Na face voltada para o mar está a seguinte inscrição: “À memória da coroação de S.M.I. o Sr. D. Pedro II, I. C. e P.D. do B., erigem este Monumento os membros do Exército, que na Província estão sendo Presidente do Ilmo. Sr. Coronel Francisco José Martins. 1841” Localizado originalmente no Campo de Ourique, foi transferido para o Cais da Sagração.	Membros do Exército de 1841.	
<i>Aquidauana</i>	MT	15/08/1944	Praça Nossa Senhora da Conceição	Monumento comemorativo da Fundação da Cidade. Obelisco de marmorite.	Projeto: Arqt. Camilo Boni. Execução: Arnaldo de Freitas.	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem / Comemoração	Artista / Oferecimento	Imagem
<i>Aquidauana</i>	MT	07/1923	Praça Interna do Quartel do Exército	Monumento ao Visconde de Taunay. Constituído de um obelisco de concreto armado. Inscrição: “O Presidente dos Estados Unidos do Brasil, Dr. Arthur da Silva Bernardes e o Ministro e Secretário do Estado dos Negócios da Guerra, General Fernando Setembrino de Carvalho, nesta homenagem consagram em nome da Nação a memória do escritor ilustre que ao narrar com as simples vozes da verdade os feitos gloriosos e os sacrifícios indizíveis das forças empenhadas na Campanha de Mato Grosso e da Retirada da Laguna tão alto celebrou a constância e o valor dos soldados do Brasil. Julho de 1923”.	Iniciativa do Governo Federal.	
<i>Bela Vista</i>	MT	31/12/1931	Cemitério Público da cidade	Monumento à memória dos heróis brasileiros que tombaram na Batalha de “Nhande-Pá”. É constituído por um obelisco sobre pedestal circundado por 8 pequenas pilastras, tudo em alvenaria. Inscrição: “O Exército Brasileiro em reverência aos seus heróis aqui sacrificados na defesa do território Pátrio, decidiu fazer presente nesta placa de bronze, que lhes relembra os feitos, a sua eterna homenagem” – 28/10/1955.	Iniciativa do cidadão Paraguaio Dototeu Frutos (Nhande-Pá quer dizer Nosso fim).	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Motivo / Homenagem	Artista / Oferecimento	Imagem
<i>Bela Vista</i>	MT	31/12/1931	Cerca de 500 metros do cemitério público da cidade de Nhande-Pá.	O monumento é idêntico ao anterior, inclusive a iniciativa e cooperação. Foi aposta a Inscrição: “Viageros que por aqui pasarem orai por el reposo de los soldados Del Ejercito Paraguayo que sucumbieron em defesa Del honor de su Pátria”, hoje inexistente. Inscrição: “ La guarnicion de Bella Vista a los 97 heroes muertos em este sítio el 11 de mayo de 1867 em defensa de la Pátria – Ladario 1931”.	Iniciativa do cidadão Paraguaio Dototeu Frutos, mediante ajuda popular e oficial.	Imagem idêntica à anterior.
<i>Cáceres</i>	MT	1937	Praça Barão do Rio Branco	Monumento ao Major Oswaldo Cícero de Sá. Obelisco de Alvenaria com Placa. Inscrição: “Ao Major Oswaldo Cícero de Sá. Idealizador e construtor deste Jardim – A homenagem do Povo Cacerense – Cáceres 1937”.	Iniciativa Popular.	
<i>Cáceres</i>	MT	Transportado em 1867.	Praça Barão do Rio Branco. Anteriormente, o monumento localizava-se nos limites do Brasil com a Bolívia,	“Trata-se de um curioso marco de mármore sobre pedestal de alvenaria. Lembra-nos fatos eloqüentes da nossa história e os ingentes e gigantescos esforços de		

			sendo transportado pelo Gal. Rondon, quando iniciou os trabalhos da Comissão de Linhas Estratégicas de MT ao Amazonas.	nossos valorosos antepassados”. Inscrição: Nascente: “SVB, Ioanne V Lusitanorum Rege Fidelíssimo”. Poente: “SVB, Ferdinando VI Hispaniae Rege Cathólico”. Sul: “Justitia et Pax Osculatae Sunt”. Norte: “Ex Pactis Finium Regundorum Conventis Madriti Idib Ianvar MDCCL”.	–	
<i>Campo Grande</i>	MT	26/08/1933	Avenida Afonso Pena (Cruzamento com a Rua José Antônio)	Obelisco de concreto com 12 metros de altura, com base de alvenaria. Monumento aos Fundadores da Cidade. Inscrição: Face anterior “ Aos seus bravos fundadores” – “Homenagem de Campo Grande 1875 – 1933”. Face posterior: “ Obelisco mandado construir na administração do Prefeito Engenheiro Ítório Corrêa da Costa e idealizado pelo Sr. Coronel Newton Cavalcante, Comandante da Circunscrição Militar” – “ 26-8-1933”.	Projeto do Engº. Ítório Corrêa da Costa.	
<i>Corumbá</i>	MT	15/08/1891	Praça da República	Obelisco construído em monolito de carbono de cálcio, lavrado e polido, com 8,60m. O suporte onde se assenta a agulha pesa 3,966 kg. Inscrições: face anterior: “À memória dos fundadores de Corumbá”; face lateral direita: “ Aos heróis da retomada – 13-6-1867”; face lateral esquerda: “Aos constituintes do Estado – 15-8-1891”.	Iniciativa Municipal. Autor: José Antônio Marinho (Português).	

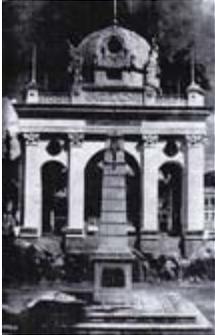
Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Corumbá</i>	MT	Praça da Independência	09/08/1936	Marco Comemorativo da Inauguração do Parque Tenente-Coronel Adhemar Alves de Brito. Constituído por um bloco de alvenaria sem placa de bronze. Inscrição: “ Parque Tenente-Coronel Adhemar Alves de Brito. Inaugurado em 9-VIII-1936”.	–	
<i>Cuiabá</i>	MT	Praça Luiz de Albuquerque	08/04/1919	Obelisco de granito polido, de Corumbá. Oferta da cidade de Corumbá. Inscrição: “Homenagem da Cidade de Corumbá, pela passagem do Bicentenário da fundação de Cuiabá – 8-IV-919”.	–	
<i>Cuiabá</i>	MT			Obelisco símbolo do Centro Geodésio. Revestido por mármore branco, tem 20m de altura.		

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Cuiabá</i>	MT	Praça Moreira Cabral, antigo campo de Ourique, justamente no ponto que demarca o Centro da América do Sul	1909	Obelisco de Alvenaria. Inscrições: “Com Rondon – Latitude Sul: 15° 35’, 80” - Long 0 green: 56° 06’ 05”, 55 – 1° Tenente Renato Barbosa R.P. – 1909”	Iniciativa da Comissão Rondon. Autor: Júlio Caetano.	
<i>Jardim</i>	MT	Praça 15 de Novembro	1934	Monumento aos Cel. Camisão – Ten-Cel Juvêncio – Guia Lopes. Obelisco de alvenaria sobre pedestal de concreto armado. Inscrição: “1934” – Oficiais e Praças do 6º Batalhão de Engenharia prestam esta singela homenagem aos heróis de Laguna – Cel Carlos de Moraes Camisão – Tem-Cel Juvêncio C. de Moraes – Guia José Francisco Lopes.	Iniciativa do Batalhão de Engenharia	
<i>Nioaque</i>	MT	Praça 15 de Novembro	Julho de 1923	Obelisco de alvenaria tendo no pedestal um canhão da época e na parte superior três granadas. Inscrição: face anterior, placa em bronze: “Em nome da Nação, o Governo da República, pelo seu Presidente Dr, Arthur da Silva Bernardes, e o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, General Setembrino de Carvalho, consagra este preito, de admiração e reconhecimento à glória imortal dos Heróis da Retirada de Laguna, soldados da constância e do valor, que acabrunhados por privações inexcedíveis, perseguidos por inimigo cruel e incomparavelmente mais forte, cercados pelo incêndio, dizimados pela cólera e os combates,	Iniciativa do Governo Federal.	

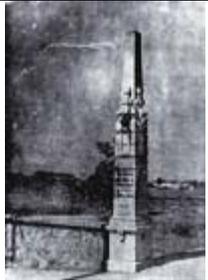
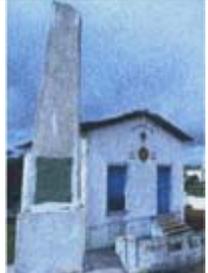
				<p>exauridos de forças, mas nunca de ânimo, salvaram as Bandeiras e os canhões que o Brasil lhes confiara – julho de 1923”.</p> <p>Face posterior: placa de bronze com: “Efemeridade da Retirada de Laguna – 1867:</p> <p>23 de março – Decide-se a invasão do Paraguai 14 de abril – Enceta-se a marcha sobre o Apa 20 de abril – Primeiro encontro com o inimigo 21 de abril – Passagem do Apa 1 de maio – Tomada da Laguna 6 de maio – Combates do Apa 7 de maio – Encete-se a Retirada 8 de maio – Combate do Bayendí 11 de maio – Passagem do Apa - Combate de Nhuande-Pá - 1º incêndio na macega 16 de maio – Incerteza do caminho 18 de maio – Primeiros casos da cólera-morbo 25 de maio – Abandono dos coléricos 27 de maio – Morte do Guia Lopes 29 de maio – Morte do Cel. Camisão 30 de maio – Passagem do Miranda 4 de junho – Chegada a Nioaque 11 de junho – Chegada ao Aquidauana Fim da Retirada.”</p>		
--	--	--	--	--	--	--

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Nioaque</i>	MT	Localizado à margem direita do Rio Nioaque, ao lado da Rodovia Aquidauana-Bela Vista	1932	Monumento ao Coronel Pedro Rufino. Obelisco de alvenaria. Inscrição: gravada numa lápide: “Ao Bravo Coronel Pedro Rufino – Homenagem dos Oficiais e Praças do 6º BE”.	Autoria: Oficiais e Praças do 6º Batalhão de Engenharia.	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Belém</i>	PA	24/05/1925	Antigo Boulevard da República, atual Comandante Castilhos de França.	Marco do primeiro Congresso de Pescadores do Pará/ Pela Independência e Integridade da Pátria. Características: Frente: 1823 no centro de duas ramagens de cimento; mais abaixo: “Na paz e na guerra Guiando os nautas Salvando os naufragos Defendendo a nação Semeavam de luz a luz dos mares Em feitos, nunca feitos, singulares!... (Aug. Meira, Brasileis).	Autor do projeto: Obed Silva	
<i>Belém</i>	PA	–	–	Obelisco comemorativo da Descoberta do Brasil e da Fundação de Belém.	–	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
Belém	PA	1/05/1933	Parque João Coelho	<p>Monumento aos Revolucionários de 24 e 30. Na face que faz frente para a fonte chamada “5 de outubro”, há uma placa com os nomes dos revolucionários paraenses mortos no levante de 24:</p> <p>“26 de julho de 1926 Belarmino Rebelo Arminio de Mello Valle Genuíno Ferreira Gomes Joaquim da Silva Pantoja Benedito Epifanio dos Santos”.</p> <p>Na face oposta, os da arrancada de 30: “5 de Outubro de 1930 João Miranda João Queiroz Coelho Antonio Rodrigues da Silva”.</p> <p>Na face frente ao passeio da Praça da República: “Inaugurado a 1º de maio de 1933”.</p> <p>Lado oposto: “Interventor Federal Major Magalhães Barata Prefeito Municipal Abelardo Condurú”.</p>	—	
Belém	PA	7/09/1932	Em frente ao canal do Yuna.	<p>Marco comemorativo da inauguração do Canal de Yuna. Inscrição na placa de mármore: “Canal de água preta mandado construir pelo Interventor Federal do Estado Major Joaquim de Magalhães Cardoso Barata. 4/10/1931”; “Projeto e Construção do Engenheiro André Benedetto”.</p>	Projeto: Engº. André Benedetto.	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
Belém	PA	1907	Museu Paraense Emílio Goeldi	Monumento em homenagem aos naturalistas Von Martius e Von Pix. É todo de mármore, tendo o formato de uma agulha, assentando o pedestal sobre um singelo degrau. No alto do obelisco, uma chapa de bronze cm a efígie de Von MARTIUS em relevo, tendo por baixo a seguinte inscrição na pedra: “Carolvs de Martivs Ex Bavária Ortvs Florae Brasiliensis Prescrvatione Et Collectione Praeclarissimvs”; e mais abaixo: “Svb Avspicvs Lvitpoldi – Principis – Regentis – Bavária Mvseo Goeldiano Avctore Academis Monacensis Hoc monvmentvm Posvit”. Na parte oposta, uma chapa de bronze com a efígie de Von SPIX: “Iohanes de Spix Ex Bavária Ortvs De Animalievs Brasiliae Indagandis Et Cosnoscendis Optime Meritvs”. No lado que faz frente à travaessa 9 de janeiro, inscrição: “In memoriam expeditionis annorvm MDCCCIIIXX MDCCCXX”; por baixo desta: “Karl Kiefer Fec M Venchen 1907”. Como ornamento, a copa ramada de uma árvore cujo tronco desce até o pedestal, nos lados opostos às efígies.	Construído por: Karl kiefer Fec.	
Belém	PA	14/12/1944	No Dique de Belém	Marco comemorativo da Inauguração do Dique de Belém. Marco todo de cimento, tendo placa de bronze com a inscrição: “M. E. S. Serviço especial de Saúde pública Este dique, símbolo de uma sã política de boa vizinhança, foi construído pelos governos dos Estados unidos do Brasil e dos Estados Unidos da América 1944.		

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Belém</i>	PA	1916	Ângulo da rua Gaspar Viana com a 15 de Agosto, em frente ao edifício da Cia. Booth.	Obelisco comemorativo da inauguração da rampa à Avenida 15 de Agosto. Tem, aproximadamente, 5m de altura. Na face voltada para a avenida, inscrição: “Nova rampa construída na Administração do Exmo. Sr. Dr. A. Martins Pinheiro”.	Obra do Governo Municipal	
<i>Gurupá</i>	PA	–	Forte de Santo Antônio	Obelisco do Forte de Santo Antônio, as margens do Rio Amazonas. Inscrições Alusivas aos Feitos heróicos da velha Praça de Guerra.	–	
<i>Salvaterra</i>	PA	–	–	Considerado um marco para a instalação do município.	–	

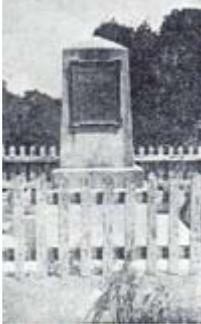
Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Campina Grande</i>	PB	–	–	–	–	
<i>João Pessoa</i>	PB			Marco da Transamazônica		<p>JOÃO PESSOA (PB) Já está quase tudo tomado pelo mato, mas os mais atentos poderão perceber o obelisco de concreto, a 10 quilômetros de João Pessoa, na Paraíba, onde fica o marco zero da Transamazônica. No início, quando se fez uma rodovia, há edifício, iluminação e movimento, sobretudo de caminhões</p> 
<i>Curitiba</i>	PR	19/12/1953	Praça Dezenove de Dezembro	<p>Monumento comemorativo ao Centenário do Estado. Obelisco de Concreto Armado. Inscrição: “1853-1953 – Centenário da Província do Paraná; Imperador – Dom Pedro II Governador – Zacarias Gois de Vasconcellos Presidente – Getúlio Vargas Governador – Bento Munhoz da Rocha Neto Regulado pela Lei n. 702 da Câmara Municipal de 23-X-953 Inaugurado em 19-XII-953”</p>	Iniciativa dos Governos Estadual e Municipal.	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Foz do Iguaçu</i>	PR	20/07/1903	Erguido no ângulo formado pela embocadura do Rio Iguaçu no Paraná. Ao Sul fica a República Argentina e a Oeste República do Paraguai.	Marco das três Fronteiras, estabelece o limite territorial entre Brasil, Argentina e Paraguai. O marco é constituído por uma pirâmide, construída de Blocos de pedra e cimento sobre base também de pedra. Mede da base ao vértice 6,12m sendo 5m de altura da coluna. A largura da base é de 7,25m. Inscrições: Lado sul: “ Frente a República Argentina / Armas da República 1903 / Ministério da Guerra / Inspeção de Fronteiras 1930 General Rondon / Inspetor” Lado Nordeste: “Brasil / General D. Cerqueira / M.G./ SE 5ª R.M. – Reparação / 1º Tenente Antonio Zumbach da Silva”.	Iniciativa dos Generais Rondon e Dionísio Cerqueira.	
<i>Lapa</i>	PR	1926	Proximidades do Rio da Várzea	Monumento comemorativo da Inauguração do Aterro e Ponte do Rio da Várzea. Constituído por um marco de granito de 3m de altura por 0,65m na base.	Iniciativa do Governo Estadual.	
<i>Lapa</i>	PR	1943	Rua Westphália, ao lado do Ginásio General Carneiro	Monumento ao interventor Manoel Ribas. Constituído por uma coluna dórica de granito, com 3m de altura e 0,50m de base. Na face anterior há um medalhão em bronze, alto-relevo do Interventor Manoel Ribas e no centro, placa de bronze de 0,30 X 0,15m com a inscrição: “A Manoel Ribas, grande paranaense e emérito administrador homenagem da Lapa. 1943”.	—	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Lapa</i>	PR	30/10/1927	Sanatório São Sebastião	Monumento comemorativo da inauguração do Sanatório de São Sebastião. Inscrição: “Construído e inaugurado na presidência do Exmo.Sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha. 30 Out 1927”.	Autor: João Turim (italiano)	
<i>Lapa</i>	PR	1923	Rua Dr. Manoel Pedro	Monumento ao Dr. Eduardo Santos Lima. Marco de granito, com 1,50m de altura por 0,95m de base. Possui placa comemorativa do calçamento da cidade em homenagem ao Dr. Eduardo Santos Lima – Prefeito da cidade.	–	
<i>Londrina</i>	PR	1977	Margens do Lago Igapó.	Monumento à Bíblia. Quatro bases dispostas em cruz buscam o infinito formando um obelisco. Textos dos quatro evangelistas estão nas bases. 10m.	Arq. Panayotes Saridakis.	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Palmas</i>	PR	26/12/1936	Praça Bom Jesus, fronteira à Matriz.	<p>Monumento ao Centenário de Palmas. É constituído de um obelisco com placa de bronze. Por ocasião dos festejos de 25 de dezembro de 1936 a 1 de janeiro de 1937, comemorativos do primeiro centenário da fundação de palmas.</p> <p>Inscrição: “Inaugurado às onze horas de 26 de dezembro de 1936 – Palmas – Aos seus intrépidos bandeirantes povoadores – 1836-1936”.</p>	Iniciativa oficial.	
<i>Palmas</i>	PR	07/09/1922	Praça Centenário	<p>Monumento ao Centenário de Palmas. Constituído por um obelisco de concreto com três placas de mármore.</p> <p>Inscrição: Na placa da frente: “José Bonifácio”; na placa da esquerda: “7-9-1822”; na placa da retaguarda: “D.Pedro I”.</p> <p>Obs. Nota do autor: Por ocasião da tirada da presente fotografia – dezembro de 1957 – o marco apresentava-se em mau estado de conservação; entretanto, a Prefeitura local projetava repará-lo, bem como a praça. (Gal. MATTOS, João Baptista de. Os Monumentos Nacionais: Estado do Paraná. P. 235)</p>	Iniciativa oficial.	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Paranaguá</i>	PR	29/07/1948	Largo do Monsenhor Celso Itiberê da Cunha.	Monumento ao Tricentenário de Paranaguá. Obelisco de granito com placa de bronze. Inscrição: “Este marco assinala a comemoração do tricentenário da fundação do Paranaguá. Berço da civilização paranaense pela Carta Régia de 29 de julho de 1648. Tributo de admiração e respeito de seu povo, às gerações que através os séculos legaram ao Brasil esta cidade, João Gonçalves Penedo. Em 1648 – João Eugenio Cominese. Prefeito em 1948”.	Iniciativa do Governo Municipal (lei n. 58, de 26 de abril de 1950). Escultor: Peon e Tourinho.	
<i>Paranaguá</i>	PR	10 de novembro de 1943	Avenida Gabriel de Lara e Av. Governador Manoel Ribas	Monumento comemorativo ao Centenário da cidade de Paranaguá. Obelisco de granito. Inscrição: “Comemoração do 1º Centenário da elevação de Paranaguá à categoria de cidade – 5 de fevereiro 1842 – 1942 – oferece o comércio”.	Iniciativa do governo municipal.	
<i>Piraquara</i>	PR	7 de julho de 1945	Avenida Rio Branco	Monumento a Manoel Ribas e Ten. Nelson Nascimento Ribeiro. Obelisco de granito. Inscrição: “ Homenagem do povo de Piraquara aos seus benfeitores: Sr. Manoel Ribas e Tenente Nelson Nascimento Ribeiro”.	—	

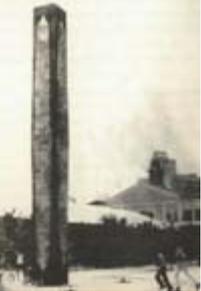
Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Ponta Grossa</i>	PR	15/09/1942	Praça Marechal Floriano Peixoto	Monumento aos fundadores da cidade. Obelisco de granito. Inscrição: “Homenagem aos fundadores da cidade. 15-9-1923”. “Freguesia a 7-4-1855. Elevação a vila – 18-4-1876 elevação a Comarca”. “Ao benemérito Prefeito Albary Guimarães, o Povo Pontagrossense, em homenagem sincera comemora o primeiro decênio de sua fecunda administração – 18-8-1934 – 18-8-1944”. Este obelisco foi removido do local para a lateral da praça, para dar lugar a outro monumento em comemoração aos 150 anos da Elevação de Ponta Grossa à Freguesia. Pesquisa em 04/05/2006. (Site www.tibagi.uepg.br/epuepg/turismo/localidade.htm)	Trabalho de: Rafael Gricca. Autor: José Daros.	
<i>Rio Negro</i>	PR	28 de março de 1948.	Localizado na sede do Distrito de Pien	Monumento ao Expedicionário Luiz Estoebel Filho. Obelisco: uma placa de bronze colocada em uma coluna de cimento. Inscrição: “Homenagem do Povo de Piên ao bravo soldado expedicionário Luiz Estoebel Filho, morto na Itália em defesa da honra do Brasil”.	–	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>São José dos Pinhais</i>	PR	8/01/1953	Praça 8 de Janeiro	Monumento comemorativo do 1º Centenário do Município. Obelisco de granito. Inscrição: “- 1853 – 8 de janeiro de 1853 – Obelisco inaugurado na data do 1º Centenário da instalação do Município de Saõ José dos Pinhais”. “Homenagem dos povos aos primeiros edis eleitos do município – Vereadores Antonio J. de Oliveira Portes – Francisco I de Andrade – Francisco de P. Portes Branco – José J. Passos de Oliveira – José Lionel da Silva – Manoel Alves Pereira – Com. Manoel Mendes Leitão”.	Iniciativa da Prefeitura Municipal.	
<i>Teixeira Soares</i>	PR	14/06/1939	Praça Manoel Ribas	Monumento a Manoel Ribas. Inscrição: placa de bronze – “Praça Manoel Ribas”.	Autor <u>da</u> Praça: Dr. Enory Teixeira Pinto – Prefeito.	
<i>Teixeira Soares</i>	PR	19 de abril de 1942.	Praça Getulio Vargas	Monumento a Getulio Vargas. Obelisco de Granito com placa de bronze. Inscrição: Na placa se achava gravada a data aniversária do homenageado. “Praça Getulio Vargas. O Município ao Povo 10-IV-1942”	Autor <u>da</u> Praça: Dr. Peregrino Fias Rosa.	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>União da Vitória</i>	PR	1919	Margem esquerda do Rio Iguaçu, sob a ponte da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande.	Marco divisório Paraná – Santa Catarina. Pilar de seção quadrada, feito de concreto armado, com alicerces de alvenaria de pedra. Composto de 3 partes: base, fuste e capitel. 30 cm de base, 3,05m de fuste e 15cm de capitel. Incrições: Na parte superior dos lados divisórios, duas placas pequenas: de um lado “PARANÁ”, de outro “SANTA CATARINA”; parte inferior lado do Paraná: “Este marco foi inaugurado no governo do Dr. Delphin Moreira sendo Ministro da Justiça Dr. Urbano Santos, Presidente do Paraná o Dr. Affonso Camargo, Governador de Sta. Catarina o Dr. Hercílio Luz – 1919-“. Parte inferior lado de SC: “20 de outubro de 1916, data da assignatura do accordo entre os estados de Sta Catarina e Paraná para a solução da questão de limites proposto pelo Presidente da República Dr. Wenceslau Braz”. Lado do leito do Iguaçu: “-1919- Linha Wenceslau Braz- Este marco assignala a intersecção do Talweg do R. Iguassú com a projecção horizontal do eixo da Pone da E.F.S. Paulo – R. Grande. D’elle distante 216,-5 mts com o rumo verdadeiro “ N 77° 28° 2” E	-	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>União da Vitória</i>	PR	1949	Praça Coronel Amazonas	Marco de inauguração. Monólito de pedra-ferro, entalhado à mão, com mais de 3000 quilos, com 5 placas de bronze. Insc. (Escudo da República) “União da Vitória – Paraná – Brasil”; “Sê justo e Leal. Ama a tua terra. Edifica com carinho a sua grandeza e terás cumprido o teu dever”; (medalhão com a efígie do Governador Moisés Lupion) “Tudo por um Paraná maior - Governador Moisés Lupion 8-12-49”; “Praça Coronel Amazonas – Construída na administração do Prefeito Snr José Cleto – 1949”; “Gratidão a todos que têm trabalhado pela prosperidade deste município”	–	
<i>União da Vitória</i>	PR	1972	BR 476 saída para São Mateus do Sul	Marco da inauguração da BR 476, que liga União da Vitória a São Mateus do Sul. Obelisco de concreto, cortado na parte inferior por uma rampa também de concreto, simbolizando uma estrada. Inscrição: “República Federativa do Brasil Ministério dos Transportes Departamento nacional de estradas de Rodagem obra delegada ao Departamento de Estradas de Rodagem do Paraná BR 476 Trecho São Mateus – União da Vitória Inaugurado em 7-Março-1972”. Gestão Prefeito Tancredo Benghi.	–	

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
Goiana	PE	Reduto do Tejucupapo	04/1996	<p>1 - "AQUI, EM 1646 AS MULHERES DE TEJUCOPAPO CONQUISTARAM O TRATAMENTO DE HEROINAS, POR TEREM COM AS ARMAS, AO LADO DOS MARIDOS, FILHOS E IRMÃOS, REPELIDO 600 HOLANDESES QUE RECUARAM DERROTADOS. MEMÓRIA DO INSTITUTO ARQUEOLOGICO EM 1931".DERROTADOS.</p> <p>2 - "A Polícia Militar homenageia os trezentos e cinquenta anos do feito memorável das Heroínas do Tejucupapo, patentecendo a bravura DO POVO PERNAMBUCANO. 24 de abril de 1996".</p> <p>3 - "Os poderes Executivo e Legislativo de Goiana celebram solenemente os 350 anos da batalha do Monte das Trincheiras, conhecida pela epopéia das 'Heroínas de Tejucupapo', realizada no dia 24 de abril de 1646. Goiana, abril de 1996. José Roberto Tavares Gadelha - Prefeito João José Monteiro de Souza - Vice-Prefeito Vereador Paulo Geraldo dos Santos Veigas - Presidente".</p>	-	
Olinda	PE	Alto da Sé	-	<p>Marco astronômico, este obelisco de pedra marca a passagem de Vênus pelo Sol, fenômeno raro que foi observado em Olinda, em 1882. Esta passagem ocorre a cada 130 anos e foi observada, na cidade de Olinda, por astrônomos enviados pelo Imperador D. Pedro II. O obelisco lembra o fenômeno que permitiu a determinação da distância do Sol. Este monumento recebeu visita de astrônomos conhecidos, como Ronaldo Freitas de Mourão, que lançou um apelo para que o marco seja conservado. Com pouco mais de um metro, o obelisco está escondido por cabides numa loja de artesanato da Sé. Segundo este astrônomo, a União Astronômica Internacional recomendou, em um encontro na cidade de Manchester (EUA), que todos os marcos, documentos e instrumentos relativos aos locais onde foi estudada a passagem de Vênus devem ser conservados. A expedição teve o comando do astrônomo <i>Julião de Oliveira Lacaille</i> (1851-1926).</p> <p>http://www2.uol.com.br/JC/2001/1007/cm1007_1.htm</p>		

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
Recife	PE	Bairro Praia da Boa Viagem	–	O Obelisco tem quatro datas celebrando os seguintes fatos: a vitória sobre os Holandeses (1645), elevação de Recife à categoria de Vila (1710), Confederação do Equador (1824) e Revolta Republicana de 1817.	–	 Foto: Andréa Brito
Recife	PE	Cais da Alfândega, Pátio da velha Estação Central	–	A idéia do autor foi construir um obelisco emergente, baseado em uma figura geométrica quadrangular. Marca os 350 anos da Restauração Pernambucana.	Projeto do Arquiteto Maia Gomes, esculpida pelo escultor Francisco Nóvoa. Projeto original de Francisco Brennand	
Recife	PE	Avenida do Forte, bairro Engenho do Meio, dentro do Forte do Arraial Novo do Bom Jesus.	–	O obelisco marca a localização do Forte do Bom Jesus, uma das puças fortificações construídas no Brasil cujos vestígios ainda se encontram aparentes. http://www.magmarqueologia.pro.br/F_ArraialNovoBomJesus.htm	Construído pelo Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano	

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
Parnaíba	PI	Praça Santo Antonio	1944	Monumento ao Centenário da Cidade.	–	
Angra dos Reis	RJ		1913	Monumento aos naufragos do Aquidabã, onde cerca de 60 tripulantes morreram em um naufrágio em 1906.	–	
Arraial do Cabo	RJ	Praia dos anjos	–	Obelisco Américo Vespúcio. Marca o local onde a primeira armada Portuguesa chegou em 1503.	–	

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Ipanema</i>	RJ	Avenida Visconde de Pirajá	1996	Marca o local onde o bonde fazia a curva, há 50 anos, no cruzamento. Feito em ferro galvanizado, com 22m de altura.	Arquiteto Paulo Hamilton Case.	
<i>Macaé</i>	RJ	Praça Veríssimo Melo	29/07/1913	Monumento em homenagem ao Primeiro Centenário da Emancipação, construído em pedra de cantaria.		
<i>Mangaratiba</i>	RJ	Praça Roberto Simões	1931	Comemoração do Primeiro Centenário de Emancipação Política Administrativa do município.	Construído pelo Português Manuel Pinto de Araújo, a pedido do prefeito Arthur Angrense Pires	

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Petrópolis</i>	RJ	Bosque do imperador	1925	Obelisco D. Pedro II. Homenagem a Dom Pedro II. Inscrição: “A D. Pedro II o povo de Petrópolis, por iniciativa do Sindicato de Turismo. 02/12/1925”. 1,85m.	Autoria: Correa Lima.	
<i>Petrópolis</i>	RJ	Bosque do Imperador	15/10/1979	Inscrição da Placa: “Figura Universal do Mestre Uma luz nas trevas. Homenagem do CRECT/Petrópolis”. 1,85m.	Marmoraria João Lopes e Cia.	
<i>Petrópolis</i>	RJ	–	–	Homenagem a Paulo Carneiro no Primeiro Centenário de seu nascimento. (1854-1954). Inscrição na Placa: “Praça reconstruída na administração de Nelson de Sá Earp. Projeto de Flávio de Sá Carvalho. 1980”	–	

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Petrópolis</i>	RJ	Rua do Imperador	–	Monumento Comemorativo ao Centenário da Elevação de Petrópolis à categoria de cidade.	Projeto Eng ^o Glasl Veiga; Execução Ellyr Allah Rodrigues.	
<i>Petrópolis</i>	RJ	Rua Dr.Nelson de Sá Easp	–	Obelisco da Rua Dr. Sá Earp.	–	
<i>Petrópolis</i>	RJ	–	–	Comemoração ao primeiro Centenário da independência do Brasil.	–	

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Rio de Janeiro</i>	RJ	Praça General Osório	1748	Sua função primordial era abastecer de água o Convento das freiras Clarissas, chamado Convento da Ajuda. Em 1911, foi presenteado pelo Arcebispado à municipalidade do Rio de Janeiro. Feito em granito escuro, com detalhes em bronze.	Mestre Valentim.	
<i>Rio de Janeiro</i>	RJ	Avenida Rio Branco	1906	Marco comemorativo da abertura da Avenida Central. 18,15m altura. Inscrição: “Sendo Presidente da República Sua Exa. Sud. D. Francisco de Paula Rodrigues Alves e Ministro da Industria, Viação e Obras públicas o Exma. Sud. D. Lauro Severiano Münner, foi decretada construída e inaugurada a Avenida Central, executando os trabalhos a Comissão Construtora tendo como Engenheiro Chefe D. André Gustavo Paulo de Frontin”.	Escultor: Eduardo Sá.	

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Rio de Janeiro</i>	RJ	Avenida Presidente Antonio Carlos	1943	Homenagem ao Barão do Rio Branco.	–	
<i>Volta Redonda</i>	RJ		Praça Brasil	Homenagem ao trabalhador. O obelisco, esculpido em pedra, homenageio os quatro principais setores da CSN.	–	

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Currais Novos</i>	RN	Praça Cristo Rei	-	Homenagem à Ulisses Telêmaco, poeta, jornalista, professor primário, auto-didata, tabelião público e profundo conhecedor dos problemas da terra. http://www.wmdigital.com.br/serido/turismo/currais.htm#Atrativos_Historicos 03/01/2007	-	-
<i>Currais Novos</i>	RN	Cruzamento Avenida Cel José Bezerra com Rua Lula Gomes	24/12/1908	Homenagem ao Cap. Mor. Cipriano Lopes Galvão, fundador da cidade. http://www.wmdigital.com.br/serido/turismo/currais.htm#Atrativos_Historicos 03/01/2007	-	-
<i>Macau</i>	RN	Praça Conceição	07/09/1922	Obelisco comemorativo do I Centenário da Independência do Brasil, erigido na administração municipal de José Gonçalves de Melo.	-	
<i>Natal</i>	RN	-	-	Obelisco comemorativo	-	

Cidade	Estado	Localização	Data de Construção	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Pau dos Ferros</i>	RN	Praça do Centenário	14/12/1956	Bicentenário da Paróquia e Centenário do município. O obelisco foi construído para ser através dos tempos o marco vivo daquele acontecimento.	Projeto: Arquiteto Souza Lelles. Construção: José Florêncio de Queiroz, mestre de obras.	
<i>Ribeira - Natal</i>	RN	—	—	Obelisco da Tavares de Lira, juntamente com o canhão encontrado enterrado durante as obras de saneamento da Ribeira.	—	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Aceguá</i>	RS	-	-	-	-	
<i>Alegrete</i>	RS	-	-	-	-	
<i>Arroio Grande</i>	RS	-	-	-	-	-
<i>Arvorezinha</i>	RS	04/03/2006	Rua Félix Fachinetto, junto ao trevo da cerâmica Fachinetto	Obelisco maçom. Representa a existência do Leo Clube em Arvorezinha. http://www.vizza.com.br/cgi-bin/clientes/notiserra/notiserra_content_listar.pl?classe=municipios&subclasse=arvorezinha&id=388 27/10/06 as 13:29		
<i>Bagé</i>	RS	07/09/1922	Praça Silveira Martins.	Obelisco Comemorativo ao Centenário da Independência	Autor Projeto: Henrique Tobal (espanhol).	-

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Bom Jesus</i>	RS	-	-	Homenagem ao Capitão Gentil Machado de Godoy, por sua brilhante administração como prefeito da cidade.	-	
<i>Canguçu</i>	RS	1957	Praça principal da cidade	Homenagem aos fundadores de Canguçu.	Governo de Jacques Machado da Rosa	
<i>Capão da Canoa</i>	RS	13/08/1949	-	“Homenagem a Ramiro da Silva de amigos e moradores de Capão da Canoa”. (Inscrição da placa).	-	
<i>Caxias do Sul</i>	RS	-	Em frente à Prefeitura Municipal	Homenagem ao Centenário da Colonização Italiana; “Cada pedra deste monumento / é uma parcela dos municípios / que constituíram o alicerce / da Colonização Italiana no / Rio Grande do Sul. Homenagem / ao Exmo. Sr. Giovanni Gronchi,/ Presidente da República da Itália / por ocasião da sua visita / à região em 13/09/1958. Antonio Prado / Bento Gonçalves / Caxias do	-	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
				Sul / Encantado / Farroupilha / Flores da Cunha / Guaporé / Nova Prata / Veranópolis”.		
<i>Caxias do Sul</i>	RS	-	BR 116 – Km 150 – Bairro Petrópolis.	As estátuas medem 4,5m de altura. O casal lembra a época de 1875, quando chegaram os pioneiros da imigração italiana na região. O Monumento Nacional ao Imigrante retrata o heroísmo, o espírito de luta e o trabalho colonizadores.	Autor: Antônio Caringi	 <i>Monumento ao Imigrante</i>
<i>Caxias do Sul</i>	RS		Pátio da Metalúrgica Gazola	Monumento construído para homenagear as mulheres que morreram em uma explosão que ocorreu na empresa, na época em que esta fabricava materiais bélicos.	Idealizado pela direção da empresa àquela época.	
<i>Cerro Largo</i>	RS	1974	-	Homenagem ao Sesquicentenário da imigração alemã.	-	-
<i>Cruz Alta</i>	RS	-	Rua Pinheiro Machado. Em frente ao prédio da antiga Estação Ferroviária.	Homenagem aos imigrantes alemães; 1824 – 1974.		 foto: Leila Rocha.

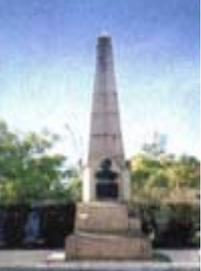
Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Dom Pedrito</i>	RS	1935 Obelisco da Paz	Local onde foi assinado o Acordo do Ponche Verde.	Comemora a Pacificação do Estado entre os Farroupilhas e o acordo de Ponche Verde.	–	
<i>Encruzilhada do Sul</i>	RS	–	Avenida Rio Branco	Homenagem ao Barão do Rio Branco.	–	
<i>Encruzilhada do Sul</i>	RS	–	Praça do Quaraí	Homenagem ao Primeiro Centenário da Emancipação Política do Município.	–	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Estrela</i>	RS	29/03/1924	–	Comemoração ao Centenário da Colonização Alemã; 75º aniversário da Emancipação Política de Estrela.	–	 Imagem: Ivo Quoos
<i>Garibaldi</i>	RS	1935		Homenagem ao Centenário da Revolução Farroupilha. Foram colocadas na face principal do obelisco três medalhões, sendo um de Bento Gonçalves, outro de Garibaldi, e num lugar de maior destaque, um relevo do interventor Flores da Cunha.	Construção contratada pelo arquiteto-escultor José Ghiringuelli.	
<i>General Câmara</i>	RS	1961	Em frente à Prefeitura Municipal	Homenagem ao Centenário de Emancipação e homenagem ao Engenheiro Leonel Brizola e ao Prefeito Francisco Pereira Rodrigues.	–	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Imbé</i>	RS	-	-	-	-	
<i>Itaqui</i>	RS	1958	-	Comemoração do 1º Centenário de Emancipação Política do Município.	-	-
<i>Jaguarão</i>	-	-	-	Homenagem ao médico	-	-
<i>Jaguari</i>	RS	1923	Junto ao trevo da entrada Norte	Comemoração ao Centenário de Independência do Brasil.	-	-
<i>Morro Reuter</i>	RS	2004	BR 116 – Trevo de acesso à cidade.	Homenagem ao livro. “ <i>Minha preocupação era a de não fazer algo já batido. O que existe são milhares de obeliscos, não um obelisco de livros</i> ”. (UMA PAIXÃO FORJADA EM BRONZE. Gessica Trindade. <i>Zero Hora</i> , 31/10/2003)	Escultor: Gustavo Nakle (uruguaio)	
<i>Não-Me-Toque</i>	RS	1924	-	Monumento ao imigrante alemão.	-	-

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Nova Milano (Distrito de Farroupilha)</i>	RS	12/1925	Praça de Nova Milano	Homenagem ao centenário da Imigração italiana no RS. Inscrição: “ <i>Ai pionieri della civiltá latina 1875-1925</i> ”. A placa foi removida entre 1941-42, época da II GM, mas reinaugurada durante a comemoração dos 75 anos da imigração, nos festejos da Festa da Uva de 1950.	–	
<i>Novo Hamburgo</i>	RS	–	Praça 20 de Setembro, entre as ruas Bento Gonçalves, Júlio de Castilhos, Joaquim Nabuco e Ignácio Piangg	Homenagem ao Centenário da Revolução Farroupilha.	–	
<i>Osório</i>	RS	19/03/1971	Entrada do Parque Manoel Osório	Na pedra fundamental deste obelisco foram depositados exemplares dos jornais Correio do Povo, Diário de Notícias, Zero Hora, Folha da Manhã, Jornal do Comércio, Folha da Tarde e Jornal da Semana, além de moedas em circulação no país. Estavam presentes autoridades civis, militares e eclesiásticas, que assinaram o documento de título “Ata do Lançamento da Pedra Fundamental do Obelisco”. O lançamento da Pedra Fundamental foi feita por Sua Excelência o Coronel Mario David Andreazza, Ministro dos Transportes da República Federativa do Brasil.		 foto: autora.

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Passo Fundo</i>	RS	1957	Avenida Brasil	1º Centenário de Passo Fundo; ao Fundador Joaquim Fagundes dos Reis.	Governo Municipal	
<i>Passo Fundo</i>	RS	1922/1972?	Avenida Brasil	Centenário da Independência do Brasil;	-	
<i>Pelotas</i>	RS	1884 (inaugurado em 07/04/1885)	Bairro Areal, Distrito de Vila Dunas.	Obelisco de alvenaria, pintado em branco, com 8,71m altura. Possui placas de bronze relativas a memória de Domingos José de Almeida (1884) e ao centenário da Pacificação Farroupilha (1945). O escudo da República Riograndense, o emblema da Fraternidade e o Barrete Frígio aparecem em relevo. Homenagem a Domingos José de Almeida, mineiro que fixou-se em Pelotas aos 22 anos. Rico proprietário de charqueada e dono de um estaleiro, foi um dos financiadores da Revolução Farroupilha (1835-1845), Ministro da Fazenda do governo provisório e defensor da proclamação da República. http://www2.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1839	Construído pelo Partido Republicano, tendo à frente Álvaro Chaves.	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Pelotas</i>	RS		Estrada de acesso ao município de Canguçu	Obelisco do Canhão: sua função é explicar a procedência de um antigo canhão.		 Welksoner Silva da Cunha
<i>Pinheiro Machado</i>	RS	1922	–	Obelisco maçônico. Ao Grande Mestre e Benfeitor Nelson Noguez	–	–
<i>Piratini</i>	RS	–	Praça da República Rio-Grandense, em frente à Igreja.	Homenagem aos heróis da Revolução Farroupilha. 1935 – Piratini comemora o 1º Centenário da Revolução Farroupilha. Inaugurado um busto de Bento Gonçalves da Silva no interior da Prefeitura Municipal; um obelisco na Praça da República, em homenagem aos heróis de 35 e uma ponte metálica sobre o Rio Piratini, no local denominado Passo do Costa. http://paginas.terra.com.br/arte/piratini/historia.html 28/09/06	–	 Foto: Welksoner Silva da Cunha.
<i>Porto Alegre</i>	RS	24/09/1935	Praça Sepúlveda – Avenida Mauá	Obelisco Sepúlveda. Erguido em comemoração do Centenário Farroupilha em 1935, também homenageando o português José Marcelino de Figueiredo e toda a Colônia Portuguesa. Figuras em bronze: Face voltada para o portão do cais: efígie de Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda – José Marcelino de Figueiredo - ; abaixo, a inscrição “Fundador da cidade de Porto Alegre”; Face sul: brasão do estado e as datas “1835-1935”; Lado oriental: brasão português;	O monumento foi oferecido pela casa de Portugal, construído nas oficinas dos Irmãos Keller Santos. Os medalhões são de autoria de Luiz	

				Lado ocidental: baixo-relevo de uma caravela navegando em direção à Torre de Belém, em Portugal; Posteriormente, o obelisco recebeu uma placa dos Escoteiros: “Homenagem aos escoteiros Rio-grandenses aos fundadores de Porto Alegre 1740 e a Portugal 1140 – 1640”.	Sanguin, realizados na Fundação Irmãos Parraga, com desenhos de José de Brito e Cunha.	
<i>Porto Alegre</i>	RS	15/11/1935	Parque Farroupilha, ao lado do Instituto de Educação General Flores da Cunha.	Homenagem da Colônia Israelita ao General Antonio de Souza Neto, durante as comemorações da Semana Farroupilha. Também faz breve comemoração da imigração judaica no Estado. Base de granito, com placas em bronze. Inscrição: “Sofremos calados tantas infâmias? Não, nossos compatriotas, os rio-grandenses, estão dispostos, como nós, a não sofrer mais tempo a prepotência de um governo tirano e cruel como o atual. Proclamação de 18 de setembro de 1836 – no Campo do Menezes” (relevos ausentes); “1835-1935”; “A Colônia Israelita do Rio Grande do Sul ao povo gaúcho no primeiro Centenário da Epopéia Farroupilha”; “Biênio da Colônia e Imigração 1974-1975. Originalmente, havia, ainda, outro relevo, retratando o Rio Nilo, Moisés e as Tábuas da Lei. *Foi considerado o maior obelisco da América Latina na época de sua construção, com 10m altura.	Autoria: Vitório Livi ; projeto de Francisco Bellanca. Oferecimento da Colônia Israelita.	
<i>Porto Alegre</i>	RS	27/10/1935	Parque Farroupilha – Avenida João Pessoa	Obelisco em granito, 7,2m altura. Inscrição: “A Colônia Sírio-Libanesa do Estado do RS no Primeiro Centenário Farroupilha” e “Esta homenagem recorda a visita a Porto Alegre do Exmo. Sr. Joseph Saonda Iº Ministro Plenipotenciário do Líbano no Brasil, em 21 de Julho de 1946” (placas ausentes); Do outro lado: “Homenagem à S. Exª Dr. Jamal	Autoria: relevos de bronze de Alfred Adolf e projeto de Francisco Bellanca; granito	

				<p>E. D. Farra / I° Embaixador da República Árabe Unida no Brasil / Por Ocasão de sua Visita / Porto Alegre, 15 de dezembro de 1958” e outra Placa em árabe (placas ausentes);</p> <p>Em bronze com frente para Avenida João Pessoa um baixo relevo com a figura de um cavaleiro, com pose semelhante a representação do gaúcho bombeador, com o cedro, árvore símbolo do Líbano; no outro lado, a figura representando um barco a remo navegando em direção ao sol (ambos relevos ausentes). Na base do monumento existiam quatro cabeças de Leão em bronze, uma em cada lado.</p>	<p>trabalhado nas oficinas Piatelli & Irmãos; oferecido pela Colônia Sírio-Libanesa.</p>	
<i>Porto Alegre</i>	RS	13/05/1926	<p>Praça da Itália, entre as Avenidas Praia de Belas e Borges de Medeiros.</p>	<p>Obelisco em granito vermelho, comemorativo ao Cinquentenário da Colonização Italiana no Estado, e ao imigrante Tito Livio Zambecari, “herói da Revolução Farroupilha”. Atualmente encontra-se sem identificação.</p>	<p>Execução: firma Irmãos Piatelli. Medalhões em bronze de Luis Sanguin. Oferecido pela Colônia Italiana</p>	
<i>Porto Alegre</i>	RS	21/09/1911	<p>Praça Guia Lopes - Avenida Teresópolis, esquina Sepé Tiarajú.</p>	<p>Monumento a Arvore, também conhecida por Obelisco à Alarico Ribeiro. Construído em granito rosa e acinzentado, também com detalhes em mármore. Acima do obelisco havia uma esfera, que significava o gosto pela vida rural (Alves, 2004:167). A parte superior do monumento não existe mais. Encontra-se ainda as placas com as seguintes inscrições: “Intendente Municipal Dr. José</p>	<p>Autoria: porcelana – José Wollmann. Cantaria – Alexandre Sayerce; mármore – Francisco Priori.</p>	

				Montaury”; “Presidente do Estado Dr. Carlos Barbosa Gonçalves” “Placa Brasil, Música de Murilo Furtado”; “hymno das Árvores / música de Murilo Furtado” com uma pauta musical desenhada em relevo.		
<i>Porto Alegre</i>	RS	1997	Praça Libanesa, Bairro Jardim Lindóia.	Obelisco em granito vermelho polido. Possui gravada a árvore símbolo do Líbano, o cedro e as inscrições: “Homenagem / da Comunidade Libanesa / a sua Excelência Elias Hraoui / Presidente da República do Líbano / Por ocasião de sua visita oficial / ao Rio Grande do Sul / no dia 08 de setembro de 1997”. -José Francisco Alves-.	Construção por conta do empresário Ricardo Malcon.	 imagem: Jarbas Francisco de Brito.
<i>Porto Alegre</i>	RS	18/09/2004	Parque Maurício Sirotsky Sobrinho	Réplica do obelisco de Dom Pedrito, este monumento marcou a participação dos tradicionalistas na campanha “Paz é a gente que faz” da Assembléia Legislativa. Foi construído nos moldes do obelisco de Ponche Verde (marco do Tratado (ou Acordo) de Paz que pôs fim à Revolução Farroupilha, em Dom Pedrito). (RÉPLICA DO OBELISCO PEDE PAZ. <i>Zero Hora</i> . Geral, 20/09/2004 ,p. 36)	Construído pela empresa Joal Teitelbaum.	

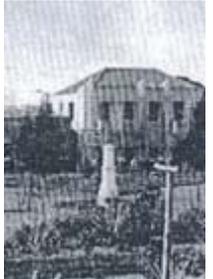
Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Porto Alegre</i>	RS	11/02/1937 Obelisco Saint-Pastous	Avenida Osvaldo Cruz e Beira Rio – Balneário Juca Batista	Há informação de que homenageia o cientista Osvaldo Cruz. Porém, a classificação de Francisco Riopardense de Macedo faz referencia à Saint Pastous. O monumento não existe mais. O local está marcado pela base do antigo obelisco. A foto antiga pertencente ao Arquivo Histórico Municipal de Porto Alegre.	-	 
<i>Porto Alegre</i>	RS			Obelisco da Avenida Padre Cacique. Feito em granito cinza, este obelisco foi removido de seu local, ao lado do Asilo. Não foi possível encontrar nenhum registro de data, construtor ou homenagem.		 Imagem: José Francisco Alves.

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Porto Alegre</i>	RS	22/05/1977	Bairro Ipanema, em frente a Igreja Santa Rita de Cássia.	O obelisco é uma homenagem ao Prefeito Guilherme Socias Villela, por ocasião da comemoração do ano jubilar do Santuário de Santa Rita de Cássia. Inscrição: “Ao Prefeito Municipal de Porto Alegre economista Guilherme Socias Villela, o reconhecimento da Comissão no ano jubilar do Santuário de Santa Rita de Cássia, os agradecimentos dos idealizadores e párocos: Julieta Abbud, Iracy Dariano, Herculano Azambyja, Lígia Lauermann, Adelina Abbud, Antonio Diladi, dos Padres: Ignácio Frener, Antonio Lorenzatto, Tarcísio Pedro Schere, Ernesto Fabian. 20/05/1977”. “Colaboração da Empresa Porto Alegrense de Turismo S/A EPATUR”.	Idealizadores e pároco do Jubileu do Santuário de Santa Rita de Cássia.	
<i>Restinga Seca</i>	RS	1925	–	Homenagem à Imigração Alemã.	–	–

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Rio Grande</i>	RS	27/06/1935	Avenida Portugal	<p>Placa voltada para a rua Aquidaban: “A Colônia Portuguesa A cidade do Rio Grande No seu primeiro centenário 1835 - 1935”; Placa voltada para o posto de gasolina: “A colônia Portuguesa ao Rio Grande Em comemoração ao bicentenário da chegada do Brigadeiro José Silva Paes que deu início a esta cidade, célula Mater do Estado do Rio Grande do Sul 1737 19/02/1937”</p> <p>Placa voltada para os canteiros da Portugal: “Da Colônia Portuguesa ao Prefeito desta cidade Dr. R. Meirelles Leite que deu a esta artéria o nome de Avenida Portugal”; Placa localizada para o lado do teatro: “Homenagem do Consulado e Colônia Portuguesa à comunidade do Rio Grande pela restauração de Portugal. 1640 01/12/1981”</p>	Ofertado pela Colônia Portuguesa	 <p><small>Obra em homenagem à Colônia do Major Carlos Paes, em (Santos) 14</small></p>

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Rio Grande</i>	RS	–	Avenida Itália	Obelisco em homenagem a colônia Italiana.	–	 <p>Foto: Antonio Luis Correa Pereira</p>
<i>Rio Grande</i>	RS	Inaugurado em 28 de junho de 1935	Praça Montevideo	Obelisco em homenagem a Colônia Sírio-Libanesa	–	 <p>Foto: Antonio Luis Correa Pereira</p>
<i>Santa Maria</i>	RS	1935 Monumento aos Ferroviários	Rua Antônio Dias, Bairro Itararé	Homenagem aos Ferroviários de Santa Maria, construído pelo governo do Estado em um dos morros que circundam a cidade.	Governo do Estado	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Santana do Livramento</i>	RS	1935 Obelisco da Paz	Parque Internacional (Fronteira entre Santana do Livramento e Riveira)	Marco de Fronteira. Obelisco triangular, com base construída em 3 degraus. Simboliza a liberdade. (Correspondência Secretaria Municipal de Turismo, Indústria, Comércio e Desporto; recebida em novembro de 2006).	–	
<i>São Gabriel</i>	RS	2003	Localiza-se no interior da fazenda de propriedade de Marcos Paulo Marques Ávila	Denominado Marco Gaúcho das Águas, é um monumento que identifica o ponto comum de nascimento das três regiões hidrográficas do Estado. Possui três faces: uma voltada para a região hidrográfica do Rio Uruguai, outra à do Lago Guaíba e a terceira na direção das águas litorâneas. É, também, uma homenagem ao engenheiro químico Zeno Simon, ambientalista. http://www.sema.rs.gov.br/sema/jsp/descnoticias.jsp?ITEM=518&TIPO=1 03/01/2007	Iniciativa do Governo do Estado; escultor: Adalberto Rocha Ramos.	–
<i>São Jerônimo</i>	RS	1961	Praça da Matriz	Homenagem ao Centenário de Emancipação do Município.	–	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>São Lourenço do Sul</i>	RS			Homenagem ao fundador da Colônia de São Lourenço, Jacob Rheingantz.		 <p>imagem: Welksoneer Silva da Cunha.</p>
<i>São Pedro</i>	RS	–	–	–	–	
<i>Sobradinho</i>	RS		Trecho da Avenida Benjamin Constant, frente à Praça 3 de Dezembro.	–	–	
<i>Triunfo</i>	RS		Praça em frente à Igreja	Construído para comemorar o bicentenário da construção da Igreja. (informação concedida pela Secretaria M. de Cultura de Triunfo).	–	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Uruguaiana</i>	RS	–	Confluência das Avenida Flores da Cunha e Presidente Vargas.	Homenagem ao local onde Dom Pedro II recebeu a espada do Coronel Estigarriba, quando os paraguaios se uniram às Tropas da Tríplice Aliança, 1865.	–	
<i>Vacaria</i>	RS	–	Praça Daltro Filho	–	–	
<i>Veranópolis</i>	RS	–	Praça da Igreja	Frente: “Bento Gonçalves da Silva, Davi Canabarro, Vasconcelos Jardim, Gal. Portinho Alfredo Chaves 7/9/1935”; “1835 – 1935” Atrás: José Garibaldi, Zambecari, Arzani Rossetti, Simeão Barreto, Jose Calvet”. *Alfredo Chaves era o antigo nome de Veranópolis.	–	 foto: Ana Paula de Jesus

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Veranópolis</i>	RS	–		Obelisco da Malte Whisk: “Religião, civismo, trabalho e amor balizam a história do povo de Veranópolis”; “1ª Missa 16/07/1886 Centenário 16/07/1986” Comendador Elias Ruas Amantino Prefeitura Municipal Frei Antoninho Pasqualan (Vigário)	–	 <p>foto: Ana Paula de Jesus</p>
<i>Viamão</i>	RS	1935	Praça Júlio de Castilhos	Homenagem ao Centenário da Revolução Farroupilha. Homenagem à FEB, 1977.	–	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Cascavel</i>	SC	–	Praça Getúlio Vargas, Av. Brasil.	Marco Zero da cidade.	–	–
<i>Florianópolis</i>	SC	1985	–	Em memória do comendador Feliciano Nunes Pires e à Polícia Militar do Estado no ano de seu Sesquicentenário.	–	
<i>Joinville</i>	SC	–	Praça Lauro Miller (e-mail da arquiteta Simone Schroeder Jablonski)	–	–	–
<i>Laguna</i>	SC	29/07/1939	Praça Pinto Bandeira	Obelisco em granito branco comemorando o Centenário da República Catarinense. Nas placas lê-se as seguintes inscrições: “A heroína de dois mundos - sua terra natal”; “Aos heróis Lagunenses da epopéia de 1839”. Este obelisco foi, primeiramente, instalado na praça República Juliana e transferido para o local atual em 1964, quando naquela praça foi inaugurada a estátua de Anita Garibaldi. Posteriormente, na administração do prefeito João Gualberto Pereira, 1987, foi inserida neste monumento uma placa em homenagem aos voluntários da Guerra do Paraguai.	–	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Mirim</i>	SC	1956?	-	Homenagem ao Bicentenário da Paróquia de Mirim		
<i>Porto União</i>	SC	1919	Bairro Vice-King – quintal do casebre n° 16 , ao lado direito da Av. João Pessoa.	Marco Divisório Santa Catarina – Paraná. Pilar de Seção quadrada , feito de concreto armado. 30cm de base, 3, 05m de fuste e 15 cm de capitel. Existem duas placas com as inscrições “Paraná” de um lado e “Sta. Catarina” de outro. Marco divisório entre os dois estados construído na mesma ocasião do marco divisório sob a ponte da estrada de Ferro SP-Rio Grande. Tem as mesmas medidas também.	-	
<i>Aracajú</i>	SE	-	-	Monumento em homenagem à Inácio Barbosa, fundador de Aracajú.	-	

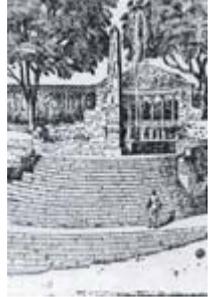
Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Assis</i>	SP	–	Praça Arlindo Luz	Obelisco em Homenagem aos Ex-Combatentes de Assis.	–	
<i>Dois Córregos</i>	SP	04/02/2006	Avenida Luiz Faulin Filho	Homenagem ao Sesquicentenário de Dois Córregos. http://www.doiscorregos.sp.gov.br/003/0030/1009.asp?ttCD_CHAVE=34021 .	–	
<i>Dourados</i>	SP	–	–	Marca o centro geográfico do Estado de São Paulo.	–	
<i>Icém</i>	SP	–	Praça Nossa Senhora da Abadia	Monumento à Paz. http://www.icem.sp.gov.br/vernoticia.asp?idnoticia=96	–	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Ituverava</i>	SP	08/04/2004	Praça Rotatória Oswaldo Valizi.	Obelisco à Paz.A obra fica no caminho chamado “estrada do ouro”, rumo aos “goiases”, hoje Goiás. O caminho também é conhecido como reta do governo.	–	
<i>Jaguariúna</i>	SP	–	Avenida Marginal esquina rua Júlio Frank	Homenagem aos ferroviários. www.jaguariuna.sp.gov.br/pracas.php	–	
<i>Jaú</i>	SP	18/08/2002	Cruzamento avenidas João Ferraz Neto e Isaltino do Amaral Carvalho	Em 18 de agosto de 2002, por ocasião do festejos do 149º aniversário de emancipação do município de Jaú/SP, e também para comemorar o dia do maçom (20 de agosto), foi inaugurado o "obelisco maçônico" pelas Lojas "União e Caridade Jauense" e "Acácia de Jaú", conjuntamente com a Prefeitura e Câmara Municipal de Jaú.	Autoria: irmão Arnaldo Leonelli	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>Jaú</i>	SP	–	Praça Siqueira Campos	A cidade de Jaú teve o seu primeiro obelisco por ocasião da passagem do século XIX para o século XX. O obelisco foi colocado em frente para a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Patrocínio, é todo de mármore branco de Carrara/Itália. Inscrições: "DEUS - 1900 - 1901 - XIX"; em outra face está o seguinte: "AO PASSADO - AMÉRICA DO SUL - BRASIL - SÃO PAULO - JAÚ - XX - AO PRESENTE". Na outra face: "SCIENCIA - PÁTRIA E FAMILIA".	–	
<i>Jaú</i>	SP	–	Praça Siqueira Campos.	Obelisco João Ribeiro de Barros. Homenagem ao comandante do hidroavião JAHU, com o qual cruzou o Oceano Atlântico em 1927, através do memorável reide internacional "Gênova – Santo Amaro", tendo como tripulantes o navegador Newton Braga, o co-piloto João Negrão e o mecânico Vasco Cinquini. http://www.camarajau.sp.gov.br/cidadedeja/joaoribeirobarros.asp . Pesquisa 03/01/2007.	–	
<i>Mogi das Cruzes</i>	SP	1946	Praça dos Expedicionários	Homenagem aos pracinhas mogianos que lutaram na 2ª GM. Antes, ficava na Praça Oswaldo Cruz, sendo transferido para a atual em 1970. www.odiariodemogi.inf.br/mogi/2003.cidade03.asp em 15/08/04	–	–

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Mogi das Cruzes</i>	SP	1930	Praça em frente à Prefeitura	Presente da Empresa NGK para Mogi. A peça em cerâmica sobreposta à pedra é representada por um bloco quadrangular de +- 3,5m de altura e com relevos esculpidos em terracota na parte superior. www.odiariodemogi.inf.br/mogi/2003.cidade03.asp em 15/08/04.	João Rossi.	
<i>Pirassununga</i>	SP	1947	Avenida Newton Prado, Praça da Vila do Exército	Obelisco em Homenagem aos Ex-Combatentes Pirassununga, SP	—	
<i>Poá</i>	SP	1920	Rua Coronel Benedito	O obelisco ficou popularmente conhecido como Pirâmide de Poá, devido ao seu desenho arquitetônico. Placas: “A memória dos propagandistas da República, Dr. Rangel Pestana, Dr. M.F. de Campos Salles e Gal. Francisco Glicério 15 de novembro de 1881”. “ A memória dos batalhadores da abolição – Visconde do Rio Branco, Luiz Gama e Antonio Bento 13 de maio de 1888”. “A homenagem aos heróis nacionais Tiradentes, José Bonifácio e Silva – Jardim em recordação aos meus protetores, Dr. Joaquim Fiúza de Carvalho e Emílio Rangel Pestana. Aos 15 de novembro de 1881 – Recordação em memória do Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto”. “7 de setembro de 1920. Lançamento da primeira pedra da pirâmide em memória da abolição. Iniciativa dos Srs. Altino Manoel da Conceição, Marcolina Maria da Conceição e Domingos Perelli”. O obelisco tinha	—	—

				como objetivo prestar uma homenagem aos principais batalhadores pela Abolição da Escravatura. Encontra-se hoje próximo a casebres.		
Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Ribeirão Preto</i>	SP	–	Praça Luis de Camões	Obelisco aos Lusíadas	–	
<i>Ribeirão Preto</i>	SP	1922	–	Comemora o Centenário da Independência.	–	
<i>Santa Isabel</i>	SP	–	–	Em 19 de fevereiro de 1888, alguns fazendeiros reuniram-se e assinaram a Libertação dos Escravos de suas fazendas. Em homenagem à tal episódio, foi construído o obelisco do “13 de maio”.	–	
<i>Santos</i>	SP	1922	Calçada de Lorena – Caminho do Mar.	Conhecido como Monumento do Pico. Washington Luis solicitou ao prefeito de São Paulo, Firmiano de Moraes Pinto, que fizesse um monumento onde outrora existira outro, construído em 1790, em homenagem a Lorena pela construção de sua famosa calçada.	Victor Dubugras (não confirmado pela fonte).	

Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/ Comemoração	Artista/ Oferecimento	Imagem
<i>São Paulo</i>	SP	1814	Obelisco da memória	Primeiro monumento público de São Paulo, levantado para lembrar a abertura da estrada de Piques. Também conhecido por Pirâmide de Piques. Pedra 8,78 X 1,80. Inscrição face frontal Anno... Placa Bronze, face frontal da peça: obelisco da memória Vicente Gomes.	Vicente Gomes Pereira e Daniel Pedro Muller.	 Imagem por carta  imagem: livro
<i>São Paulo</i>	SP	09/07/1955; concluído em 1970.	Parque Ibirapuera	Homenagem aos heróis da Revolução de 1932. Compõe-se de um obelisco de mármore travertino romano e de uma cripta em formato de cruz grega. Tem 72 m de altura e esculturas em alto-relevo em suas faces.	Projeto: Galileu Emendabili	
<i>São Vicente</i>	SP	Anos 60	Praça 22 de Janeiro	Obelisco Pérsio de Queiroz: monumento em sinal de reconhecimento e gratidão a este soldado que se alistou por São	—	—

				Vicente.		
<i>São Vicente</i>	SP	–	Praça Coronel Lopes	Obelisco aos Pracinhas Vicentinos: inaugurado para perpetuar o nome de todos os vicentinos que serviram na FEB atuando no último conflito mundial.	–	–
Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>São Vicente</i>	SP	1900	–	Obelisco ao IV Centenário do Descobrimento do Brasil. Imagem: www.saovicente.sp.gov.br/noticias/visualizarnoticia.asp 03/01/2007.	Projeto de Benedicto Calixto.	
<i>São Vicente</i>	SP	–	–	Obelisco do Lions Club http://lions-saovicente-praia.blogspot.com/2004_07_01_lions-saovicente-praia_archive.html (10/10/06:12:03)	–	
			Praça Frei	Placa:” Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Secção de Sorocaba. À Pátria	–	

<i>Sorocaba</i>	SP	07/09/1948	Baraúna	tudo se dá e nada se pede. Heróis que Sorocaba enviou aos campos de batalha da Itália na II GM: 1944-45. Homenagem aos ferroviários da Estrada Sorocabana à Gloriosa FEB. 08/05/1965.		
Cidade	Estado	Data de Construção	Localização	Homenagem/Comemoração	Artista/Oferecimento	Imagem
<i>Sorocaba</i>	SP	-	Praça Cruzeiro: Avenida Engenheiro Carlos Reinaldo Mendes.	Obelisco com símbolos maçônicos. http://Site.cruzeironet.com.br/Sorocaba/monumentos/ 15/08/2004.	-	-
<i>Ubatuba</i>	SP	30/10/1937	Largo da Matriz	Marco das comemorações do 3º Centenário de Ubatuba. 8,5m. Feito em granito picolado, tem de um lado a esfera armilar do Brasil, marco da época da colonização; e do outro o brasão de armas, ambos em bronze.	Escultor Vicente Larocca.	

CONCLUSÃO

Os porquês (sentidos) que levam à reutilização dos obeliscos por parte da sociedade brasileira não são evidentes. É necessário tecer esse entendimento sob um olhar cuidadoso, embasado em autoridades (autores, estudiosos do assunto, pesquisadores, ...) que respaldem e tornem sólidas as análises, a fim de que satisfaçam as indagações aguçadas pelos questionamentos que o estudo instigou.

Por que o Antigo Egito fascina tanto o Brasil?¹ Para responder a esta questão, Margaret Bakos tomou por referência o pensamento de alguns egiptólogos, que afirmam que “essa atração reside no compartilhamento do desejo da imortalidade, tão cultivado pela sociedade egípcia” (BAKOS, 2004: no prelo). Em outras áreas, essa simbologia é utilizada devido à capacidade de seduzir o consumidor, tais seus traços de grandiosidade, durabilidade e beleza.

Em realidade, o Egito dispõe de inúmeros motivos que podem colaborar com as expectativas dos diferentes setores da sociedade: a mídia, o marketing, a ciência, a imaginação. Esses fatores dependem do viés pelos qual se abordam os objetos pertencentes àquele povo.

¹ BAKOS, Margaret Marchiori. *Porque o Antigo Egito fascina tanto o Brasil*. **Zero Hora**, Porto Alegre, 13 de novembro de 2004.

E quanto aos obeliscos?

O presente estudo captou resultados significativos. De uma primeira pesquisa que deu a conhecer a existência de 29 obeliscos em 16 localidades diferentes² do Rio Grande do Sul, chega-se, neste momento, a um total de 159 monumentos. Portanto, espalhados em 20 Estados brasileiros, tem-se um total de 184 obeliscos. São muitos obeliscos!

Não foram poucas as cartas nem as mensagens eletrônicas. Foram horas de Internet, biblioteca, arquivos, filmes, leituras, passeios, nem sempre feito a propósito e, talvez por isso, o acaso tenha contribuído. Foram, ainda, muitas as colaborações de pessoas que se tornaram ímpares para que este estudo se efetivasse. Porém, algo foi fundamental: a paixão pelo tema da pesquisa.

Tentou-se traçar, ao longo da pesquisa, o caminho percorrido pelos obeliscos: entender, através deles, o que não foi dito do lugar e das pessoas que o construíram. Isto porque os monumentos se assemelham a mapas: traçam inexoravelmente o perfil da cidade. São marcos que estabelecem, sem apelação, a história e os caminhos do lugar, que reduzem suas espessas camadas de vida a signos exteriores erguidos sobre a grama. Eles excluem o não-dito e o invisível da cidade³.

Chartier relata que as representações do mundo social são determinadas segundo interesses dos que a escolhem como tal. Por isso, estão coesos o discurso e a posição de quem os utiliza⁴. A função simbólica, ou de representação, informa diferentes modalidades de apreensão do real (CHARTIER, 1990:19). As definições antigas do termo, conforme esse autor, são dadas a partir de dois sentidos: a representação como insinuando algo ausente, supõe uma distinção entre o que representa e o que foi representado; e a representação como

² BRIGIDI., 2002. op. cit. p 8.

³ PEIXOTO, 2004. op. cit. p. 29.

⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990.

exibição de uma presença, como apresentação pública de algo⁵. Então, faz-se necessário reconhecer as práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretações (CHARTIER, 1990:28).

É preciso restabelecer o diálogo com o monumento e buscar, nas suas memórias, o que pertence ao homem: a história da construção da sociedade, a partir do conhecimento guardado no cerne dessas reflexões.

Os estudos de Heller provocaram muitas reflexões sobre o tema e proporcionaram muitas inferências dentro da sua perspectiva. Sabiamente, Heller instiga o seu leitor ao dizer: *“Naquele tempo havia um homem lá. Ele existiu naquele tempo. Se existiu, já não existe. Existiu, logo existe porque sabemos que naquele tempo havia um homem e existirá, enquanto alguém contar sua história”* (HELLER, 1993:13). Tem-se consciência de que os monumentos estão aí para contar a história daqueles que fizeram deles escolhas para dar sentido às suas representações. Se houve alguém, um coletivo, que participou dessas escolhas, o monumento continuará existindo somente à medida que houver preocupação em recuperar seus significados.

Dar sentido a alguma coisa, segundo Heller, significa mover os fenômenos, as experiências e similares para o mundo em que se vive, o presente. É tornar conhecido, o desconhecido, tentar explicar o que não estava explicado. É dar um nome. Nesse sentido, surge a contribuição de relevância de Bakos quanto à sua interpretação do estudo pelo olhar da transculturação, a qual permitiu a interpretação que encerrou a pesquisa.

⁵ Esta colocação é explicada por Carlo Guinzburg, que trabalha com a idéia de representação sob os escritos de Chartier: “Por um lado, a “representação” faz as vezes de realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere presença. Mas a contradição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar”. Ver: GUINZBURG, Carlo. *Representação: a palavra, a idéia, a coisa*. In: *Olhos de Madeira: Nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Este estudo produziu certas considerações e inferências inexistentes até então sobre os obeliscos no Brasil, tornando-se um ato altamente pedagógico, ao ensinar que é necessário partilhar interesses e entendimentos, visto ser a crítica parte importante na construção do saber e propulsora de outras formas de leitura e de abordagens. Por estar inserido numa rede de pesquisa espera-se que este estudo seja discutido e, ao mesmo tempo, acolhido, a fim de gerar uma integração entre o projeto e a preocupação atualizada, sobre patrimônio histórico e a memória nacional, com desdobramentos que tornem os obeliscos mais do que, como atenta Riopardense de Macedo, *penduricalhos de informações*, mas sejam capazes de incentivar o interesse das pessoas sobre fatos e personagens que construíram a história nacional. O obelisco é, portanto, parte importante e imprescindível dessa memória. Ou seu guardião silencioso cujo silêncio memoriza a construção humana para divulgá-la sem alardes vocais, porém, com a perene presença de sua representação.

Conhecer, manter ou preservar um obelisco é preservar parcela inquestionável do homem, da história pretérita, presente e futura desse homem.

ANEXOS

ANEXO A

Questionário aplicado no Instituto de Educação General Flores da Cunha / resultados

QUESTIONÁRIO

1) Idade:

2) Escolaridade (ano) :

3) Sexo: Feminino Masculino

4) Você conhece o significado do monumento que se encontra ao lado da instituição escolar?



5) Você sabe porque ele foi construído?

Não.

Sim. Foi construído_____

6) Você já leu o que está escrito na placa fixada no monumento? Em caso afirmativo, o que diz?

7) Você já viu outro monumento como esse?

Não

Sim. Onde?_____

O número de alunos entrevistados no Instituto de Educação General Flores da Cunha foi 136 estudantes, distribuídos em uma turma de cada série, de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, e três turmas de 1º ano do Ensino Médio.

As respostas foram colocadas em tabelas, para melhor visualização.

5ª Série Ensino Fundamental⁶

Questões	Em Branco	Sim	Não
4	10	1	10
5	-	-	21
6	5	-	16
7	-	5	16

6ª Série Ensino Fundamental⁷

Questões:	Em Branco	Sim	Não
4	14	-	8
5	1	3	18
6	4	-	18
7	-	5	17

7ª Série Ensino Fundamental⁸

Questões:	Em Branco	Sim	Não
4	15	-	17
5	-	-	27
6	5	-	22
7	-	8	19

8ª série Ensino Fundamental⁹

Questões:	Em Branco	Sim	Não
4	12	-	11
5	-	-	23
6	-	-	23
7	-	3	20

⁶ 21 alunos, em idades entre _____

⁷ 22 alunos; idade entre 11 e 16 anos.

⁸ 27 alunos; idade entre 13 e 15 anos.

⁹ 23 alunos, idade entre 13 e 16 anos.

1º Ano Ensino Médio¹⁰

Questões:	Em Branco	Sim	Não
4	3	-	8
5	-	-	11
6	1	-	10
7	-	4	7

1º Ano Ensino Médio¹¹

Questões:	Em Branco	Sim	Não
4	3		10
5			13
6	1	3	9
7		5	8

1º Ano Ensino Médio¹²

Questões:	Em Branco	Sim	Não
4	4	2	13
5	-	-	19
6	-	-	19
7	-	9	10

As respostas obtidas a partir das questões 5 e 7, foram:

5ª Série Ensino Fundamental

<i>Questão 7: Você Já viu outro monumento igual a esse? Onde?</i>	
Número de alunos na turma: 21	Número de alunos que responderam a questão: 5
Respostas	- No lado do Instituto de Educação - Na Redenção, o monumento do Expedicionário; - Já vi mas não é igual: é grande e tem aquela ponta.

¹⁰ 11 alunos, idade entre 13 e 16 anos.

¹¹ 13 alunos, idade entre 13 e 17 anos.

¹² 19 alunos, idade entre 14 e 17 anos.

É o monumento da Praça da Matriz;
- Pelas ruas da cidade;
- Na Redenção.

6ª Série Ensino Fundamental:

Questão 5:
Você sabe porque ele foi
construído?

Questão 7:
Você Já viu outro
monumento igual a esse?
Onde?

Nº de
alunos na
turma: 22

Número de alunos que
responderam a questão: 6

Número de alunos que
responderam a questão: 5

Respostas

- Pelo Centenário da
Revolução Farroupilha;
- Pela Revolução
Farroupilha;
- Por causa da Revolução
Farroupilha;

- Na Avenida João Pessoa, O
Laçador;
- Avenida João Pessoa;
- Na Redenção;
- Na Redenção;
- Na Praça da Matriz. Uma
obra que possui um tom
esverdeado com uma espada,
é a deusa Themis.

7ª Série Ensino Fundamental:

Questão 7: Você Já viu outro monumento igual a esse? Onde?

Número
de alunos na
turma: 27

Número de alunos que responderam a questão: 8

Respostas

- No livro de História, nos sacrifícios Astecas;
- Não lembro;
- Vi um parecido na Redenção;
- Na Praça da Redenção;
- Em vários lugares da Redenção;
- Não sei o lugar, mas é aquele Laçador;
- Em várias praças;
- Na Praça da Alfândega.

8ª série Ensino Fundamental:

Questão 7: Você Já viu outro monumento igual a esse? Onde?

Número
de alunos na
turma: 23

Número de alunos que responderam a questão: 3

Respostas

- Na Redenção;
- Na Redenção;
- Na João Pessoa.

1º Ano Ensino Médio:

<i>Questão 7: Você já viu outro monumento igual a esse? Onde?</i>	
Número de alunos na turma: 11	Número de alunos que responderam a questão: 4
Respostas	<ul style="list-style-type: none">- Na Avenida João Pessoa;- Na Praça da Matriz e na Avenida João Pessoa;- Na Redenção;- Na Redenção.

1º Ano Ensino Médio:

<i>Questão 7: Você já viu outro monumento igual a esse? Onde?</i>	
Número de alunos na turma: 13	Número de alunos que responderam a questão: 5
Respostas	<ul style="list-style-type: none">- Não lembro;- Em parques e praças;- Um parecido perto do centro;- Não prestei atenção;- Pela Redenção.

1º Ano Ensino Médio:

<i>Questão 7: Você já viu outro monumento igual a esse? Onde?</i>	
Número de alunos na turma: 19	Número de alunos que responderam a questão: 9
Respostas	<ul style="list-style-type: none">- Não me lembro;- Em vários lugares de Porto Alegre;- Em vários locais da cidade, na Redenção, por exemplo;- Não me recordo;- Não me lembro;- Perto do <i>DINAB</i>, anexo do Instituto;- Na Redenção;- Não lembro;- Não lembro.

ANEXO B

Questionário aplicado na Escola Técnica Dimensão / resultados

QUESTIONÁRIO

- 1) Idade:
- 2) Escolaridade (ano):
- 3) Sexo: Feminino Masculino
- 4) Você conhece algum monumento semelhante a este? Onde?



- 5) Você sabe porque ele foi construído?

Não.

Sim. Foi construído _____

- 6) Sabe como se chama esse tipo de monumento?

Não

Sim. Como? _____

* OBS: Mantivemos a ilustração para que os alunos que não desconheciam o obelisco tivessem uma referência sobre o monumento que estava em questão.

6ª série Ensino Fundamental¹³:

Questões	Em Branco	Sim	Não
4	-	1	14
5	14	1	
7	14	1	

7ª Série Ensino Fundamental¹⁴:

Questões	Em Branco	Sim	Não
4	-	-	18
5	-	-	18
7	-	-	18

8ª Série Ensino Fundamental¹⁵:

Questões	Em Branco	Sim	Não
4	-	3	6
5	-	1	-
7	-	-	9

1º e 2º Ano Ensino Médio¹⁶:

Questões	Em Branco	Sim	Não
4	-	3	8
5	-	-	-
7	-	-	11

3º Ano Ensino Médio¹⁷:

Questões	Em Branco	Sim	Não
4	-	1	8
5	-	-	9
7	-	1	8

¹³ 15 alunos com idade entre 11 e 13 anos. O único aluno desta turma que reconheceu o obelisco e apontou outro monumento semelhante, no caso o obelisco de Buenos Aires, salientou que foi durante um passeio realizado em família que a mãe lhe dera explicações a respeito do monumento. Esta resposta remete à importância da família na formação da criança quanto à aquisição de conhecimento e ao interesse voltado para as manifestações culturais.

¹⁴ 18 alunos com idade entre 12 e 14 anos.

¹⁵ 9 alunos, idade entre 13 e 15 anos.

¹⁶ 11 alunos com idade entre 14 e 19 anos.

¹⁷ 9 alunos com idade entre 16 e 21 anos.

Resposta das questões 4 e 5:

Série:	Questão 4: <i>Você conhece algum monumento semelhante a este? Onde?</i>	Questão 5: <i>Você sabe porque ele foi construído?</i>
6 ^a	O obelisco da Avenida 1 ^o de Maio, em Buenos Aires.	-
7 ^a	-	-
8 ^o	- No Chile, - Não lembro; - Parecido, não lembro onde.	- Para mostrar como a terra de lá é rica em cobre.
1 ^o e 2 ^o	- Não lembro onde;	-
	- Em Porto Alegre, na Redenção; - Em Porto alegre, na Redenção.	
3 ^o	- No Uruguai.	-

ANEXO C

Fonte de pesquisa / Obeliscos

Rio Grande do Sul:

Porto Alegre:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

ALVES José Francisco. *A Escultura pública em Porto Alegre – História, contexto e significado*. Porto Alegre: Artfolio, 2004.

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velhinho.

Praça Sepúlveda:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

ALVES José Francisco. *A Escultura pública em Porto Alegre – História, contexto e significado*. Porto Alegre: Artfolio, 2004. 264p.

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velhinho.

Colônia Israelita:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

ALVES José Francisco. *A Escultura pública em Porto Alegre – História, contexto e significado*. Porto Alegre: Artfolio, 2004. 264p.

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velhinho.

Parque Farroupilha:

Jornal Zero Hora, setembro de 2004.

<http://www.al.rs.gov.br/ag/noticias.asp?txtIDMATERIA=83776&txtIdTipoMateria=3>

Colônia Italiana:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

ALVES José Francisco. *A Escultura pública em Porto Alegre – História, contexto e significado*. Porto Alegre: Artfolio, 2004. 264p.

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velinho.

Praça Guia Lopes:

Réplica do Obelisco de Dom Pedrito:

Vinte Monteggia:

Saint Pastous:

Caxias do Sul:

Centenário da Colonização Italiana: Visita ao monumento;

Monumento Nacional ao Imigrante:

http://www.caxias.rs.gov.br/cultura/museu/museu/mon_imigrante.php4

http://www.al.rs.gov.br/dep/site/materia_antiga.asp?txtIDMateria=145517&txtIdDep=101

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velinho.

Metalúrgica Gazzola: Correspondência com a Metalúrgica. Colaboração Flávia Oliboni - RH

Morro Reuter:

Jornal Zero Hora. 08 de novembro de 2003 – quarta –feira.

www.atica.com.br/materias/?m=112

Nova Milano:

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. *Festa & Identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

Pelotas:

CUNHA, Welksoner Silva da . *A Egiptomania no Rio Grande do Sul*. Publicação: site Egiptomania;

www.pelotas.com.br;

www.iphan.gov.br/bancodedados/benstombados/mostrabemtombados.asp?codbem=183

www.vivaocarque.com.br/projetos%20tematicos.htm

http://www2.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1839

São Lourenço do Sul:

CUNHA, Welksoner Silva da . *A Egiptomania no Rio Grande do Sul*. Publicação: site

Egiptomania;

Site www.diariopopular.com.br

Piratini:

PIRES, Arthur Porto; COUTO SILVA; Morency do; SCHIDROWITZ, Léo. Rio Grande do Sul Imagem e Terra Gaúcha. Porto Alegre: Ed. Cosmos, 1942.

Site do município;

Canguçu:

CUNHA, Welksoner Silva da . *A Egiptomania no Rio Grande do Sul*. Publicação: site

Egiptomania;

Site www.resenet.com.br/ahimtb/cangureenchist.htm

Bom Jesus:

ABREU, Enio Farias de. Bom Jesus: Duas épocas. Prefeitura Municipal de Bom Jesus, 1981.

Encruzilhada do Sul:

Correspondência Departamento Municipal de Cultura.

Santana do Livramento:

Correspondência Secretaria Municipal de Cultura.

Novo Hamburgo:

PIRES, Arthur Porto; COUTO SILVA; Morency do; SCHIDROWITZ, Léo. Rio Grande do Sul Imagem e Terra Gaúcha. Porto Alegre: Ed. Cosmos, 1942.

Santa Maria:

www.santamaria.rs.gov.br;

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

PIMENTEL, Fortunato. O Rio Grande do Sul e Suas riquezas. Livraria Continente.

Uruguaiana:

www.uruguaiana.rs.gov.br/turismo.html;

Correio do Povo 18/09/2003;

PIRES, Arthur Porto; COUTO SILVA; Morency do; SCHIDROWITZ, Léo. Rio Grande do Sul Imagem e Terra Gaúcha;

Capão da Canoa:

Visita local;

Imbé:

Visita Local;

São Pedro:

PIRES, Arthur Porto; COUTO SILVA; Morency do; SCHIDROWITZ, Léo. Rio Grande do Sul Imagem e Terra Gaúcha. Porto Alegre: Ed. Cosmos, 1942.

General Câmara:

Visita local.

São Jerônimo:

Visita Local

Triunfo:

Visita local;

Secretaria de Cultura – Guia local

Veranópolis:

Colaboração de Ana Paula de Jesus.

Dom Pedrito:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

www.dompedrito.org.br/obelisco.htm;

www.pampaonline.com.br/gaúchossite/revolucao_farroupilha

Cerro Largo:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

Estrela:

Colaboração Ivo Quoos;

Garibaldi:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

DOBERSTEIN, Arnaldo. *Estatuária, Catolicismo e Gauchismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Itaqui:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

Pinheiro Machado:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

Restinga Seca:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

Rio Grande:

Colaboração de Antonio Luis Pereira;

Viamão:

Colaboração;

Não-Me-Toque:

www.rodaterra.com/naometoque

Jaguari:

www.turismo.rs.com/guiaturismo/dicas_dicas.asp

Cruz Alta:

BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e Sistematização de Obeliscos existentes no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa PIBIC / CNPq*. PUCRS: Porto Alegre, 2002.

Colaboração Leila Rocha.

Aceguá:

Caderno Especial Zero Hora. Porto Alegre, 12 junho de 2006.

Sobradinho:

PIRES, Arthur Porto; COUTO SILVA; Morency do; SCHIDROWITZ, Léo. Rio Grande do Sul Imagem e Terra Gaúcha;

Passo Fundo:

Visita local;

Bagé:

Correspondência do Diretor do Arquivo Público Municipal Sr. Cláudio Antunes Boucinha.
www.bage.rs.gov.br/pmb_turismo_pontos.php

São Gabriel:

www.sema.rs.gov.br/sema/isp/descnoticia.jsp?ITEM=518&TIPO=1

Vacaria:

Túnel do Tempo. Zero Hora. Porto Alegre, 21 de novembro de 2004.

Osório:

Visita local;

Correspondência com Parque Osório www.osorio.org.br/fundacao.htm

Arvorezinha:

www.vizza.com.br/cgi-bin/clientes/notiserra_content_listar.pl?classe=municipio&subclasse=arvorezinha&id=338

Santa Catarina

Foto de colaborador;

www.tibagi.uepg.br/epuep/turismo/localidade.htm

www.webturismo.com/cidades/cascavel.shtml

correspondência arqt. Simone Jablonski

MATTOS, João B. Os monumentos Nacionais: Estado do Paraná. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1959.

BITENCOURT, João B. Clio Positivada: a artesanaria da cidade histórica de Laguna.

Florianópolis: UFSP. Tese (mestrado em História), 1997 (p.35)

Paraná:

www.tibagi.eupg.br/epuepg/turismo/localidade.htm

MATTOS, João B. Os monumentos Nacionais: Estado do Paraná. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1959.

www.londrina.pr.gov.br/turismo/biblia.php3

www.sttceventosturismo.com.br/passeios

São Paulo:

Correspondência da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, do Arquivo Público e Histórico – Casa da Memória.

www.novomilenio.inf.br/santos/h0102x5.htm

www.sampa.art.br/saopaulo/revolucao%201932.htm

<http://comerciodojahu.uol.com.br/noticiacompleta.php?codgrupo=12&codigo=89079>

www.ondeir.rec.br/ituveravaonline/noticias_abr04.asp

<http://www.camarajau.sp.gov.br/cidadedejau/joaoribeirobarros.asp>

www.ubatubasp.com.br/obelisco.htm

www.jaguariuna.sp.gov.br/pracas.php

www.santaisabel.sp.gov.br/v1/a_cidade/a_cidade_dados_gerais.asp?Codigo18

www.odariodemogi.inf.br/mogi/2003/cidade03.asp

www.geocities.com/cellulamater/historico.html

www.anvfeb.com.br/assis.htm

www.anvfeb.com.br/pirassununga.htm

<http://site.cruzeironet.com.br/sorocaba/monumentos/>

www.li.facens.br/~c98003/pracinha.html

www.saovicente.sp.gov.br/noticia/visualizarnoticia.asp

http://lions-saovicente-praiablogspot.com/2004_07_01_lions-saovicente-praia.archive.html

www.icem.sp.gov.br/vemoticia.asp?idnoticia=96

www.doiscorregos.sp.gov.br/003/0030/1009.asp

http://www.camarajau.sp.gov.br/cidadedejau/_joaoribeiro.asp

Amapá

www.ter.ap.gov.br/forum/forum_pt/forumtur.htm

Distrito Federal

www.planaltina.df.gov.br//pedra.htm

Minas Gerais

Correspondência da Secretaria de Estado de Cultura de Belo Horizonte

www.sergiosakall.com.br/americano/materia_brasilmg_saojoaodelrei.html

www.ourofino.mg.gov.br/obelisco.htm

www.muzambinho.com.br/dossies/monumentos/obelisco/

www.guaxupe.mg.gov.br/Patrimonio_Historico/body_patrimonio_historico.html

site Sociedade Brasileira de Eubiose

Rio de Janeiro

Colaboração de Carolina Guedes;

<http://www.voltaredonda.rj.gov.br/noticias/index.php?show=769>

www.petropolis.rj.gov.Br/fctp/turismo/centro_historico/tur

www.rio.rj.gov.br/fps/guiacultural

www.portalvr.com/cidade/cartao/index.php

www.desema.com.br/Desema/Pontos%20historicos/Pontos%20Historico.htm

www.angra-dos-reis.com/explorando_paraiso/atrativos_culturais/aquidaba.htm

www.querubinstur.com.br/Turismo.htm

www.terra.com.br/istoé/comport/14/04/04.htm

www.guiapetropolis.com.br/monum

www.orbita.starmedia.com/~henriquem/cabofrio.html

www.macaee.rj.gov.br/municipio

Correspondência recebida da Prefeitura Municipal de Mangaratiba; Fundação Mario Peixoto;

Pernambuco

<http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?GrupoCodigo=15&UtAnt=20578&DatAnt=2>

www.fundaj.gov.br/noticia/sevilet/newistorm.ns.presentatio.navigate_onServelet

www.magmarqueologia.pro.br/F_ArraialNovoBomJesus.htm

www.magmarqueologia.pro.br/F_RedutoTejucupapo.htm

www.canalpenedo.com.br/historia.php

http://www2.uol.com.br/JC/2001/1007/cm1007_1.htm

Alagoas:

www.casadacultura.org.br/Al/_penedo

Sergipe

www.infonet.com.br/sinformmunicipios/municipio_propria.htm

Maranhão

www.sbai_lars.dee.ufma.br/passeio.php

www.brazilonboard.com/slz/8525.asp

Mato Grosso

www.memoria.al.mt.gov.br/arquivo/centro_geodesico.asp

MATTOS, João B. Os monumentos Nacionais: Estado do Mato Grosso. Rio de Janeiro:

Imprensa do Exército, 1959.

Bahia

www.pauloafonso.ba.gov.br/ascom/noticia.php?idnoticia=448

www.olivenca.com.br/modules.php?name=News&file=article&cid=2555

www.bahia.com.br/site/dicasroteiro/dicas.asp?cd_categoria=2&cd_dica=18

www.nazaredasfarinhas.hpg.ig.com.br/obelisco.htm

www.cultura.salvador.ba.gov.br/sitios-historicos-ficha.php

<http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/sitios-historicos-ficha41.php>

www.bahia.com.br/site/dicasroteiro/dicas.asp?cd_categoria

Espírito Santo

Colaboração Rodrigo Otávio Silva

www.anvfeb.com.br/santa_teresa.htm

<http://www.brasilviagem.com/pontur/?CodAtr=3528>

www.vitoria.es.gov.br/secretarias/comunica/logradourospraca8.htm

Rio Grande do Norte

http://www.wmdigital.com.br/serido/turismo/currais.htm#Atrativos_Historicos

www.paudosferros.com.br/historia.htm

www.tafalado.com.br/natalnaintegra/ribeira/ribexpo7.htm

www.iphan.gov.br/bancodados/benstombados/mostrabenstombados.asp?CodBem

www.veropara.com.br/veropara.php?%20edicao=19&ind=1301

CRUZ, Ernesto. *Monumentos de Belém*. Vol.1. Instituto Histórico e Geográfico do Pará, 1945

www.digital.com.br/serido/turismo/currais.htm#Atrativos_Historico

Acre

www.brasilviagem.com/.tur/?CodAtr=3454

Mato Grosso do Sul

www.hoteltreslagoas.com.br/acidade.htm

Ceará

www.estacaodoturismo.hpg.ig.com.br/redencao.htm

Paraíba

Colaboração de Júlio César Machado;

Aventuras na História: Uma estrada do tamanho do Brasil. São Paulo : Editora Abril. 16 de dezembro de 2004.

ANEXO D



Prefeitura Municipal de Sant'Ana do Livramento
GOVERNO DE RECONSTRUÇÃO
Cidade Símbolo da Integração do Mercosul
Secretaria de Turismo, Indústria, Comércio e Desporto



Ofício N.º 121/2006 - SMTICD

Em 9 de novembro.

Prezada Márcia:

Ao cumprimentá-la cordialmente, encaminhamos em anexo material informativo sobre o Parque Internacional de Sant'Ana do Livramento e Rivera, onde está situado o Monumento do Obelisco.

Informamos que esse material foi retirado dos estudos do historiador santanense Ivo Caggiani e publicado no jornal local A Platéia, porém, infelizmente, não há muitas informações relativas ao próprio obelisco, e sim ao Parque como um todo.

Para maiores informações, por favor entre em contato conosco novamente pelo telefone (55) 3242-1970, ou através do site da Prefeitura - www.santanadolivramento.rs.gov.br.

Sendo o que havia para o momento, aproveitamos a oportunidade para convidá-la a visitar nossa cidade e despedimo-nos com votos de estima e consideração.

Atenciosamente

Elisa Domingues Largura
Secretaria de Turismo, Indústria, Comércio e Desporto

Rua Duque de Caxias, 1783 – Centro – Cep: 97.573-460 – Fones: (55) 3242-1970/3243-6869
E-mails: Ouvidoria – pmouvidoria@yahoo.com.br / Fale com o Prefeito – pmfale@yahoo.com.br

Correspondência da Secretaria de Turismo, Indústria, Comércio e Desporto de Sant'Ana do
Livramento

ANEXO E

Informativo sobre a cidade de Santana do Livramento. No canto superior direito e esquerdo, respectivamente, a imagem do obelisco e o símbolo do governo

Sant'Ana do Livramento

FESTIVAIS INTERNACIONAIS



Livramento Rivera
A mais linda das fronteiras!

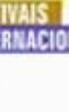


Sant'Ana do Livramento

FESTIVAIS INTERNACIONAIS



Livramento Rivera
A mais linda das fronteiras!



Pandorgas ao céu

Todos os anos durante a Semana Santa é um verdadeiro show no céu de Santana do Livramento. Como num toque de magia as pandorgas aparecem formando um verdadeiro arco-íris de cores e formas que colore o céu em festival no estilo festa como em todos os países ao redor dos dois países. É o Festival Internacional de Pandorgas que foi instituído há mais de vinte anos pelo Prefeitura Municipal e que tornou-se tradicional, agregando em participação e organização a ponto de hoje ser considerado nacional e internacionalmente. O que significa também significa é a festa para quem se desloca ao apreciar parte de sexta-feira sendo a festa desapparecer para só voltar no ano seguinte.



O festival acontece em Cagiani, área rural da zona urbana local, onde pessoas partem com outras atividades visando desfrutar do cenário deste ambiente local. Encontram-se também em Santana, cidade de Santana, logo imigrantes trouxeram o costume das famílias de Santarém no "Santarém", como são os seguintes, pandorgas de vento.

As pandorgas são confeccionadas pelas pandorgueiras que utilizam basicamente tecido leve, papel enrolado ou estofado assim como o céu e também. De forma mais segura a construção de quem os enche. Mas os mais conhecidos são os feitos de tecido leve e com um pouco de madeira que serve de suporte e que em geral são feitos por famílias de migrantes, os filhos, netos e com frequência, em geral são utilizados por famílias, também existem modelos mais sofisticados como os de madeira, plástico e outros materiais.

O festival inclui também um show no qual todos os famílias participam do show ao longo do dia com os seus filhos e familiares de Santana e Rivera. Enquanto os mais velhos fazem uma rede de observação ou colorem bandeira no campo, os mais jovens desfrutam suas pandorgas. A manhã, dia com programação aumentada no sábado neste dia, segundo esta a festa local.

A festa também inclui o espetáculo light show de Santana, é um espetáculo maravilhoso que é realizado na Praça parafusada de Santana, com a presença de todos os habitantes de Santana, em geral ao final da festa, desfrutando suas pandorgas. O Festival e Festival Internacional é realizado junto ao Lago Ribeiro, logo após o show de Santana e Rivera em Santana, logo após o show de Santana e Rivera em Santana, logo após o show de Santana e Rivera em Santana.

Festa da Melancia e do Arroz, imperdíveis em março

Este festival na Livramento um grande número de músicos participaram e milhares de fãs e famílias locais que vêm à cidade para participar do evento.

Buscando uma integração ainda maior com a comunidade santarenense e suas famílias os shows que são apresentados ao Público no Centro Comunitário em Santana, são o exemplo mais de Cultura Saneada da fronteira Santa. Você também pode fazer parte do Festival "Um Canto para Martin Fierro" em sua maioria festivo completo de Santana.




Em março acontece a Festa da Melancia. O evento é uma promoção de Sociedade Cultural e Desportiva Santarenense e é realizado na Vila Santa Rita. Além de sempre diversas atrações como shows culturais, bailes, jogos, competições, jogos e muito de produtos, entre outros. No mesmo mês acontece também a Festa do Arroz e evento acontece na Vila Pompeia.



VOCE SABE AONDE QUER CHEGAR A OURO E PRATA SABE O CAMINHO.

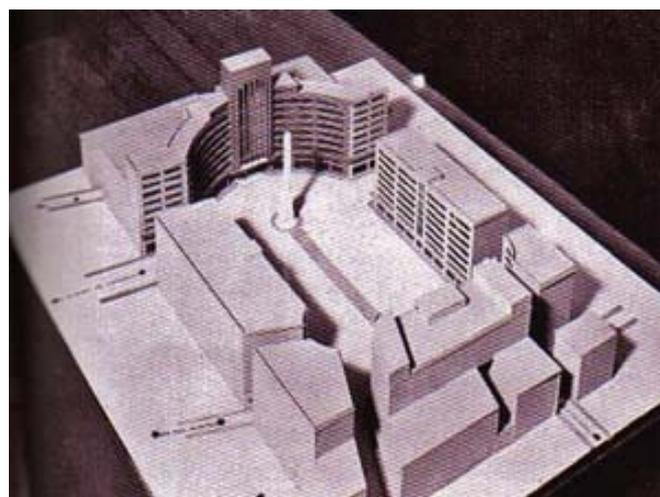
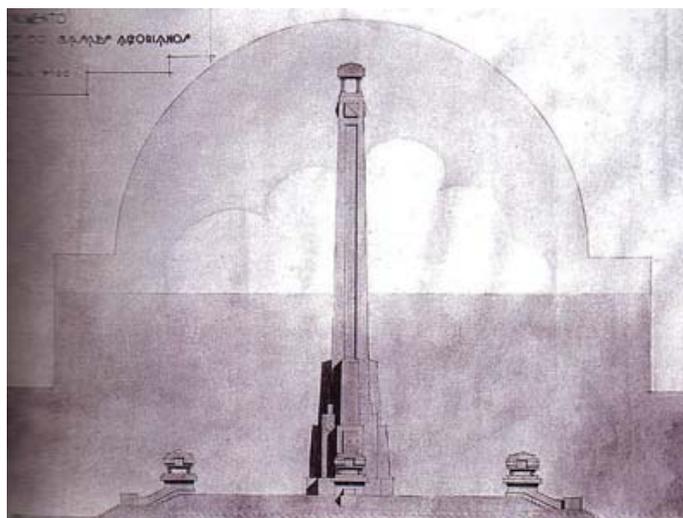
SAC: 1800 051 6216

OURO E PRATA
Livramento mais a frente

www.livramento.org.br

ANEXO F

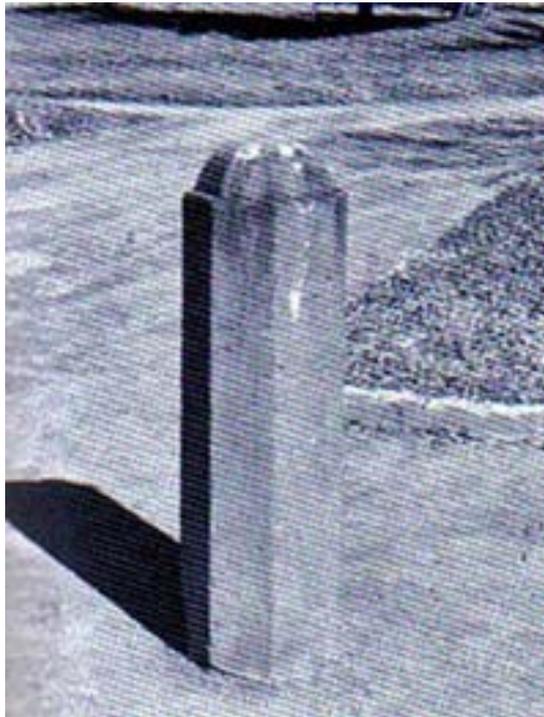
Monumento aos 60 Casais Açorianos, projetado pelos urbanistas Edvaldo Pereira Paiva e Artur Ubatuba de Faria, para a urbanização de Porto Alegre. O local pretendido para a obra seria próximo à Usina do Gasômetro¹⁸



¹⁸ ALVES. 2004:225

ANEXO G

Pequenos obeliscos esculpidos em arenito, instalados no século XIX nas ruas de Porto Alegre para evitar o tráfego de carroças sobre as calçadas e vias públicas¹⁹.



¹⁹ ALVES. 2004:207

ANEXO H

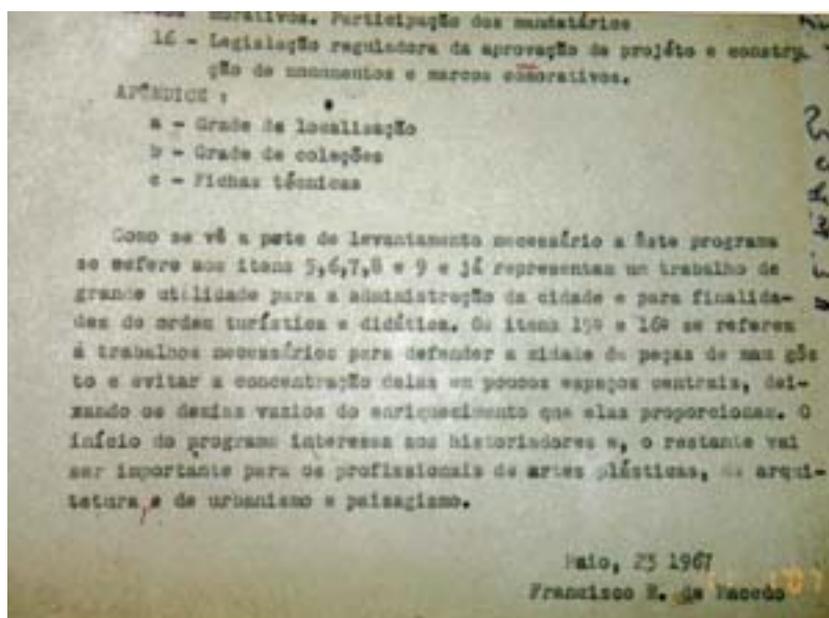
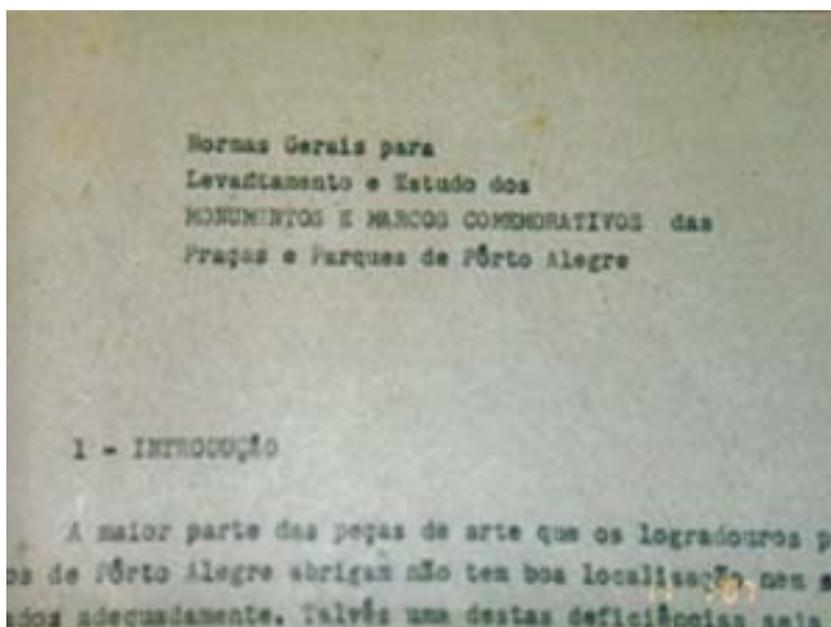
EM TORNO DO OBELISCO. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 06 de outubro de 1930.

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velhinho



ANEXO I

Normas Gerais para Levantamento e Estudo dos Monumentos e Marcos Comemorativos das Praças de Porto Alegre. Francisco Riopardense de Macedo.
Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velinho



ANEXO J

Charge de Marco Aurélio. Zero Hora. Porto Alegre, 24 de novembro de 2004.



ANEXO L

No rastro do mistério. Zero Hora, Porto Alegre, 10 de setembro de 2004.

No rastro do mistério

Quase setenta anos após sua publicação, o livro *O Código Da Vinci continua a despertar interesse e especulações em todo o mundo por sua trama de mistérios.*

Na Europa, a mídia se letou nesta temporada de eventos especiais de visitas a locais citados no best-seller norte-americano *O Código Da Vinci* - livro que já vendeu mais de

50 milhões

de exemplares no mundo.

Entre as atrações europeias, citam-se uma exposição dedicada à obra de Dan Brown, uma exposição que procura a decifração do enigma da pedreira italiana milena.

Como o edifício da igreja de Sant'Andrea (1462) em Pavia, Itália, segundo o livro, apresenta indícios de localização do famoso Santo Graal.



REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALVES José Francisco. *A Escultura pública em Porto Alegre – História, contexto e significado*. Porto Alegre: Artfolio, 2004.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. EINAUDI Nº 5. Anthrodos - Homem, 1986.
- BAKOS, Margaret Marchiori. *Egiptomania no Brasil: séculos XIX e XX*. Projeto de Pesquisa. Porto Alegre, 2001.
- _____. *Egiptomania: O Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- _____. *O Egito antigo na rota dos navegadores: do começo ao fim do Novo Mundo*. http://www.sbph.org/reunião/26/trabalhos/Margaret_Marchiori_Bakos
- _____. *Egyptianizing motifs in Architecture and Art in Brazil*. In: HUMBERT, Jean-Marcel; PRICE, Clifford. *Imhotep Today*. London: UCL Press, 2003.
- _____. *Fatos e mitos do antigo Egito*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- _____. *Porto Alegre e seus eternos intendentés*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- _____. *Una noche en el Nilo: Egiptomania no Uruguai*. In: LESSA, Fábio de Souza; BUSTAMANTE; Regina Maria da Cunha (org). *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- _____. *Imagem do Egito Antigo: um estudo das representações históricas*.
- _____. *O Egito Antigo: na fronteira entre ciência e imaginação*. IN: NOBRE, C., CERQUEIRA, F; POZZER, K. (ed.). *Fronteiras & Etnicidade no mundo antigo. 13 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*. Pelotas, 2003: Canoas: ULBRA, 2005. 271-281.
- _____. *The Invention of Antiquity in South America through Egiptomania*. No prelo
- _____. *Porque o Antigo Egito fascina tanto o Brasil*. Segundo Caderno - **Zero Hora**, Porto Alegre, 13 de novembro de 2004.
- _____. *Um olhar sobre o Antigo Egito no Novo Mundo: A Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, 1922*. *Revista de Estudos Ibero Americanos*. PUCRS, v.XXVII, nº2. p 153-172. dezembro, 2001.
- BRIGIDI, Bianca Hennies. *Pesquisa e sistematização de obeliscos existentes no Rio Grande do Sul*. Relatório Final de Atividades do Bolsista PIBIC – CNPq. Orientação: Margaret Marchiori Bakos. Porto Alegre: PUCRS, 2002.
- BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Tradução de Celina Cavalcanti Falk-Cook. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Monumento e memória no antigo Egito*.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990.
- CHOAY, Françoise. *THE INVENTION OF THE HISTORIC MONUMENT*. Translated by: O'CONNELL, Lauren M. Cambridge: University Press, 2001.
- CUNHA, Welksoner Silva da. *A Egiptomania no sul do estado do Rio Grande do Sul*. Texto disponível em www.pucrs.br/ffch/história/egiptomania.
- DOBERSTEIN, Arnaldo W. *Estatuários, Catolicismo e Gauchismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DONADONI, Sérgio. *Egypt over the Centuries*. In: DONADONI, S.; CURTO, S.; ROVERI, A.D. *Egypt From Myth to Egyptology*. Milan: Grupo Editoriale Fabbri S.p.A., 1990.
- DEBRAY, Régis. *El nacimiento por la muerte*. IN: *Vida y muerte de la imagen*. Barcelona: Paidós, 1992.
- FABRIS, Anateresa. *Fragmentos urbanos: representações culturais*. São Paulo: Studio Nobel Ltda., 2000.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e Historiografia*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1986.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*; tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FERNANDES, Marlene. *Volta Redonda: imaginários, memórias e identidades*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Disponível em: www.portalvr.com/cult/museu/apoio/arquivos/marlene.pdf
- FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 7ª Ed. Porto Alegre: Ediplat, 2003.
_____. *A Revolução Farroupilha*. 4ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
P. 34.
- FUNARI, Raquel dos Santos. *Imagens do Egito antigo: um estudo de representações históricas*. São Paulo: Annablume; Unicamp, 2006.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- Fundação João Pinheiro / Centro de Estudos Históricos e Culturais – CEHC. *Pesquisa e educação patrimonial: subsídios para elaboração de proposta de ação educativa*. Cadernos do CEHC. Série Cultura
- IZQUIERDO, Iván. *Memoria*. Porto Alegre: Artmed, 2002

- HABACHI, Labib. *The Obelisks of Egypt: Skycrapers of the Past*. Londn: J.M. DENT & SONS LTD.
- HASSAN, Fekri A. *Imperialist Appropriations of Egiptian Obelisks*. IN: JEFFREYS, David. Edited by. *Views of Ancient Egypt since Napoleon Bonaparte: imperialism, colonialism and modern appropriations*. London: University College London, 2003.
- HELLER, Agnes. *Uma Teoria da História*. Tradução: Dílson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (organizadores). *A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 3ª edição. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA S/A, 2002.
- HUMBERT, Jean-Marcel. *Imhotep Today: Egyptianizing architecture*. London: UCL Press, 2003.
- JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1989.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Normas Gerais para Levantamento e Estudo dos MONUMENTOS E MARCOS COMEMORATIVOS das Praças e Parques de Pôrto Alegre*. 1967. Arquivo Histórico Municipal Moysés Velinho.
- MARIN, Louis. *Ler um quadro. Uma carta de Poussin em 1639*. IN: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- MARTINS, Cyro. *Gaúchos no Obelisco*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1984.
- MARTON, George e BURREN, Michael. *Sangue no Obelisco*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1975.
- MATTAR, Leila Nesralla. Porto Alegre: *Voluntários da Pátria e a Experiência da Rua Plurifuncional (1900-1930)*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, 2001.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e Imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. *Festa & Identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

- RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, P.P.; PINSKY, J. (org).Turismo e Patrimônio Cultural. São Paulo: Contexto, 2005.
- ORTIZ, Fernando. *Do fenômeno social da transculturação e sua importância em Cuba*. Tradução: Livia Reis. In: *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. 3ª ed. Ver. E ampl. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
- PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*. Belo Horizonte: Autentica, 2002.
- PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- POSENER, George. *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*. Paris: Fernand Hazon, 1988.
- SARAIVA, Marcia Raquel de Brito. *Obeliscos Egípcios: História e Transculturação*. Porto Alegre, 2004. 75 p. (Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS – Campus Porto Alegre, para obtenção do título de Bacharel em História). Orientadora: BAKOS, Margaret Marchiori.
- SCLIAR, Moacyr. *Cavalos e Obeliscos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- SEVERO, Fernanda. *O Mercado de Porto Alegre: entre a cidade real e as cidades ideais*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, 1999.
- TARTARINI, Jorge. *El Obelisco*. In: *Alberto Prebish: Uma vanguardia con tradición*. Buenos Aires: CEDODAL.
- VERÍSSIMO, Érico. O Arquipélago. In: *O Tempo e o Vento – Tomo III*. 11ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.